

Na Roda de Prosa



Histórias de Educadores e Educadoras

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA
COORDENAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**NA RODA DE PROSA:
HISTÓRIAS DE EDUCADORES E EDUCADORAS**

**CURITIBA
SEED
2012**

Depósito legal na Fundação Biblioteca Nacional, conforme Lei Federal n. 10.994/04, de 14 de dezembro de 2004. É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que citada a fonte.

Organização

Arlete Mari Navarro Moreno
Eli Prestes de Aguiar
Joalda Sardá Gollub
Maria Benedita Vicentini Fiorato
Rosângela Galiotti de Freitas Souza
Zulsi Maria Teixeira Rohr

Redação Final

Eli Prestes de Aguiar
Maria Benedita Vicentini Fiorato

Consultoria

Maria Benedita Vicentini Fiorato

Coordenação de Educação de Jovens e Adultos

Andressa Soares de Campos Monteiro
Ariane Souza dos Santos
Dulce Pazinato Casarin
Edilson Gomes Costa
Elaine Locoman dos Santos
Eli Prestes de Aguiar
Elizabeth Maria Hoffmann
Jacó Alberto Frohlich
João Aparecido Casagrande
João Carlos de Oliveira
Juliana Vasconcelos Tomaz da Silva
Liege Andrea Buck
Marina de Oliveira Santos Segalia
Olga Regina Tieppo Simões
Otávio Tarasiuk Naufel
Simone Cristina Borges

Catálogo na fonte - Ceditec - SEED - PR

Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Básica. Coordenação de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos. Programa Paraná Alfabetizado.

Na roda de prosa : histórias de educadores e educadoras. 2. ed. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Coordenação de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos. Programa Paraná Alfabetizado. Curitiba: SEED-PR., 2012. 192 p.

ISBN 978-85-8015-049-0

1. Alfabetização. 2. Histórias-Educadores. 3. Educação-Paraná. 4. Educação de adultos. I. Moreno, Arlete Mari Navarro. II. Aguiar, Eli Prestes de. III. Gollub, Joalda Sardá. IV. Fiorato, Maria Benedita Vicentini. V. Souza, Rosângela Galiotti de Freitas. VI. Rohr, Zulsi Maria Teixeira. VII. Programa Paraná Alfabetizado. VIII. Título.

CDU374(816.2)

Secretaria De Estado Da Educação Do Paraná
Departamento de Educação Básica
Avenida Água Verde, 2140 Curitiba - Paraná
Telefone: (41) 3340-1535 0800 416200
CEP: 80240-900

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
IMPRESSO NO BRASIL

GOVERNADOR DO ESTADO DO PARANÁ

Beto Richa

SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Flávio Arns

DIRETOR GERAL DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Jorge Eduardo Wekerlin

SUPERINTENDENTE DA EDUCAÇÃO

Meroujy Giacomassi Cavet

DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Cristina Theobald

COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Maria Cristina Rigon

Diretoria de Tecnologia Educacional

Rogério Bufren Riva

Coordenação de Multimeios

Eziquiel Menta

Projeto Gráfico

Andreia Rasmussen

Diagramação

Juliana Gomes de Souza Dias

Raquel Dzierva

William Alberto de Oliveira

Capa

Silma Juliana Malacrida

Desenho da Capa

Erli Terezinha Martins Pauonki

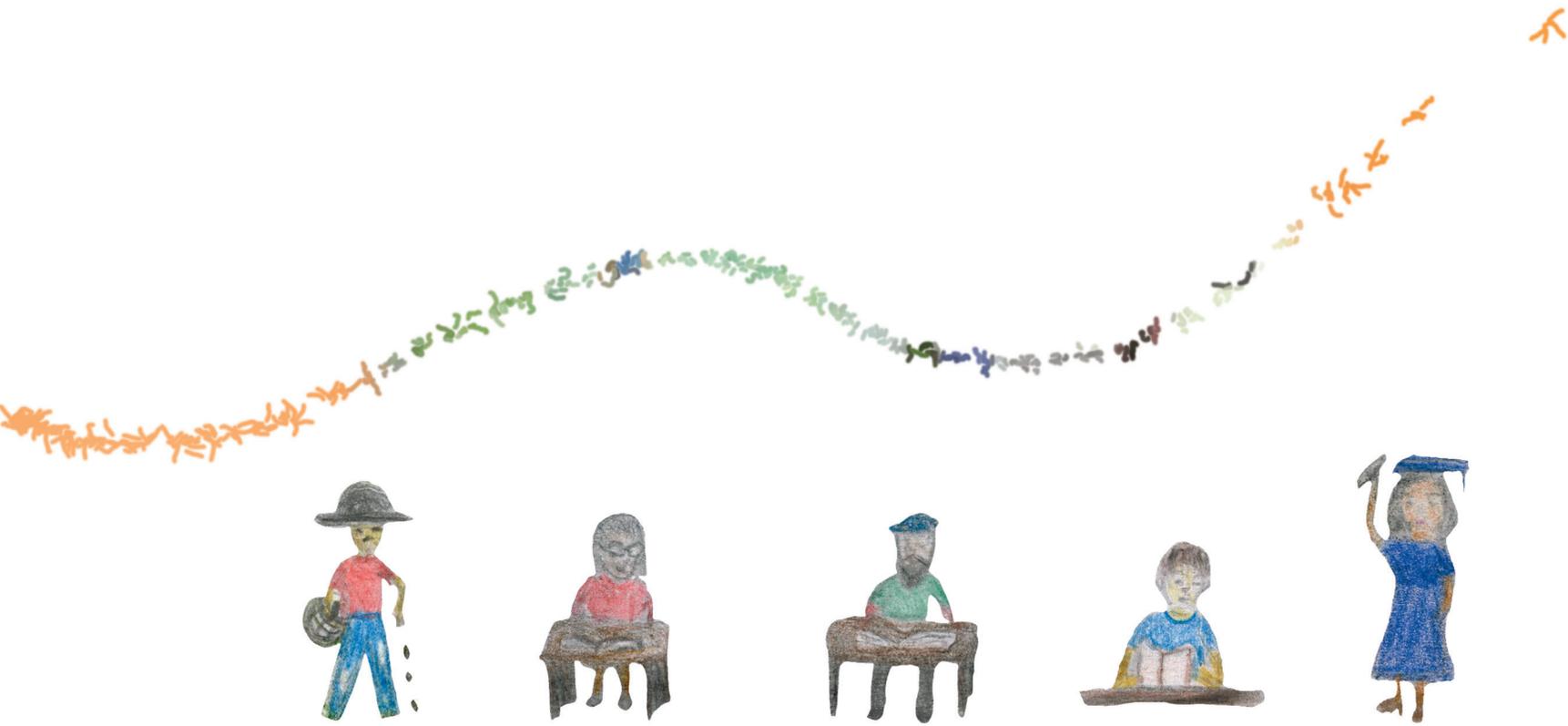
Revisão

Bárbara Reis Chaves Alvim

Tatiane Valéria R. de Carvalho

Agradecimentos

Aos educadores que participaram deste exercício de autoria e aos educandos, razão de ser do trabalho com a educação.



Apresentação

“Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante!”

Paulo Freire

Na véspera de completar uma década, a “família” do Programa Paraná Alfabetizado acumulou e tem muita história para contar. Desde seus primeiros passos no processo de aprendizado na Educação Popular, nossos educadores e educadoras não mediram esforços para concretizar a tão sonhada superação do analfabetismo em todo o Estado.

Saborosamente narradas, nas “rodas de prosas”, essas histórias de vidas se tornaram um legado, herança de “pais e mães” para seus queridos filhos – os novos educadores – que a cada dia engrossam as fileiras dessa grande legião. Lutar para que a aquisição da lecto-escritura seja apenas o ponto inicial de uma longa e vitoriosa jornada é lema que, ativa e incansavelmente, defendem.

Nosso anseio é que o aprendizado de nossos educandos seja perene e progressivo. Que nossos educadores os encorajem a avançar nesta árdua, mas prazerosa, lida pelo conhecimento. Um conhecimento que não se resume à decodificação da escrita e ao domínio das operações básicas da matemática, mas que amplie a visão de mundo e os tornem participantes ativos e conscientes da sociedade com a qual se relacionam e que os prepare para o exercício da cidadania plena.

Nessas páginas, que ora reeditamos, nossos leitores encontrarão, nas histórias de educadores e educadoras, exemplos de determinação e coragem para superar as adversidades diárias. Inspirar-se-ão nas narrativas singelas, porém ardorosas, daqueles que enfrentaram todos os desafios para se tornarem o que são: pessoas generosas e apaixonadas que trabalham sem cessar para transformar vidas, descortinar horizontes, realizar sonhos.

Flávio José Arns

Secretário de Estado da Educação

Sumário

Introdução	11
Contando nossas histórias.....	17
Contando outras histórias	155
Com poesia também se faz alfabetização	171
Referências	189
Índice.....	190

Introdução

Mais uma vez, as histórias de vida estão em pauta no Programa Paraná Alfabetizado. Mais uma vez, pois a cada encontro de formação¹ dos educadores que atuaram e atuam no Programa desde o seu início, em agosto de 2004, cada um contava a sua história em pequenas rodas de prosa formadas em cada sala, em cada grupo onde se trabalhava a formação. Sabemos que uma história sempre puxa outra, num movimento sem fim e, na esteira dessas rodas acontecidas na formação, inúmeras outras histórias certamente foram contadas e registradas depois, envolvendo educadores e educandos. Muito provavelmente, o movimento tenha contagiado a muitos e as rodas tenham acontecido também fora das salas de alfabetização, com a família, a vizinhança, a comunidade, as crianças... Esperamos que sim! Mas, da somatória dessas tantas histórias que chegaram às nossas mãos, vindas desse processo de formação de educadores, algumas compõem agora este livro. Um livro que, por sua existência, dá um valor especial a essas histórias, muitas delas parecidas, porque parecida é a vida das pessoas que as escreveram, mas cada uma com algo em particular. Não é um livro para ser lido de um fôlego só: recomendamos que o leiam devagar, saboreando uma história de cada vez. Também não precisa ser seguido linearmente: podem abri-lo em qualquer história e verão que cada uma tem algo a nos ensinar.

Para a organização deste livro, a Secretaria de Estado da Educação convidou um grupo de educadoras do Programa Paraná Alfabetizado que, junto com a equipe do Programa e a assessoria, reuniram-se durante quatro oficinas no ano de 2006, em Faxinal do Céu, para a leitura e seleção das histórias. Nesse grupo, enquanto íamos lendo as histórias para a seleção, as rodas de prosa eram inevitáveis, tanto para auxiliar na escolha quanto para compartilhar a emoção e as belezas que íamos encontrando. E também descobrimos que o processo de seleção não seria nada fácil, pois escolher significava deixar de fora muitas histórias. As palavras de Rosângela

¹ Esses encontros de formação continuada dos educadores são realizados no Centro de Capacitação de Faxinal do Céu, no Município de Pinhão – PR.

Galiotti, uma educadora de São Jorge do Patrocínio que participou da seleção das histórias, definem bem o que foi esse processo: “essas oficinas não são trabalho, mas um presente que nos foi dado!” Presente que, agora, dividimos com vocês.

Fora o prazer que a leitura de histórias sempre nos proporciona, o que já seria uma boa justificativa para a publicação deste livro em um programa de alfabetização, gostaríamos de apresentar algumas outras.

Antonio Candido afirma que, no Brasil, a escrita, trazida pelas mãos dos portugueses, tem sido usada, desde então, como instrumento de controle pelas classes dominantes. No livro *A educação pela noite*, ele comenta:

A literatura desempenhou papel saliente nesse processo de imposição cultural, bastando lembrar que os cronistas, historiadores, oradores e poetas dos primeiros séculos eram quase todos sacerdotes, juristas, funcionários, militares, senhores de terras – obviamente identificados aos valores sancionados da civilização metropolitana. Para eles as letras deviam exprimir a religião imposta aos primitivos e as normas políticas encarnadas na Monarquia; mas mesmo quando desprovidas de aspecto ideológico ostensivo, seriam uma forma de disciplina mental da Europa, que deveria ser aplicada ao meio rústico a modo de instrução e defesa da civilização. (1987, p. 165)

Não só no Brasil foi assim. A história da escrita está, muitas vezes, associada a processos de dominação em várias partes do mundo. Basta lembrar que, no antigo Egito, por exemplo, existia uma casta especial de escribas que estava autorizada a usar esse instrumento, vedado às demais pessoas, o que lhe dava um enorme prestígio na sociedade. Ou que, na Idade Média, os livros eram escritos em latim, com o propósito de torná-los inacessíveis à população em geral, ficando a sua guarda e possibilidade de leitura restrita a uma pequena camada da população, normalmente formada por membros da Igreja Católica. Ou, bem mais perto de nós, é só lembrar dos inúmeros relatos dos educandos de nosso programa, contando o quanto se sentem intimidados e envergonhados por não saberem ler e escrever. Isso não constitui, ainda, uma forma de dominação?

Vejamos outra questão de ordem democrática, que passa pelo modo como a História normalmente é escrita: existe uma versão oficial da História, que é contada do ponto de vista do vencedor, que privilegia datas e eventos, enaltece figuras das classes dominantes e omite a história cotidiana. Assim, as pessoas comuns desaparecem sem deixar rastros, sendo a sua existência percebida, via de regra, por meio de dados estatísticos. Histórias como as deste livro, têm o papel de dar voz a quem tem permanecido no silêncio, tirá-los do anonimato, revelando aspectos da vida que são comuns a todos nós.

Por esses dois motivos, a publicação deste livro se justifica por uma questão de democratização da cultura. Paulo Freire (2005, p. 35) diz que “o Brasil foi ‘inventado’ de cima para baixo, autoritariamente. Precisamos reinventá-lo em outros termos”. Mas não é só. Todos sabemos da importância da escrita na escola. Afinal, não começamos a freqüentá-la justamente para aprender a ler e a escrever? Mas o que temos lido e escrito nas salas de aula? Essa pergunta cabe não apenas ao educando, mas, principalmente, ao educador porque, afinal, não é possível formar pessoas que gostem de ler e escrever se nós, como educadores, não gostamos. Nas palavras da educadora Sônia Kramer, há uma “dureza da escrita” dentro da escola, incrustada na sua linguagem, que fala de um conhecimento distante da vida, praticamente embalado para consumo. Visível nos questionários, relatórios, pautas, livros didáticos, palavras vazias de significado, assuntos descontextualizados, essa linguagem, própria da escola e distante da vida, rouba dos sujeitos da educação a possibilidade de construir um conhecimento do qual façam parte os seus saberes, a sua voz.

A prática que buscamos no Programa Paraná Alfabetizado deve quebrar essa dureza, buscando não a transmissão de algo pronto, mas sim uma construção. A narrativa, nesse contexto, coloca a possibilidade de se construir uma experiência com o saber e de narrar essa experiência. Narrar e construir; construir e narrar. Esse movimento de narrar e construir reflete a relação entre pensamento e linguagem: linguagem morta, pensamento estagnado; linguagem viva, pensamento dinâmico, em movimento de construção, criativo, prazeroso.

Levar a narrativa para dentro da escola é exercitar o poder de ser autor e não mero consumidor do que vem pronto. Essa é mais uma boa justificativa para colocarmos na roda essas histórias.

Numa proposta de construção de uma rede de bibliotecas populares, ligada à alfabetização de jovens, adultos e idosos, o educador Paulo Freire sugere que um bom trabalho

...seria, por exemplo, o do levantamento da história da área através de entrevistas gravadas, em que as mais velhas e os mais velhos habitantes da área, como testemunhos presentes, fossem fixando os momentos fundamentais da sua história comum. Dentro de algum tempo se teria um acervo de histórias que, no fundo, fariam parte viva da História da área. (2005, p. 33)

Vistas por ele como “centro cultural e não como um depósito silencioso de livros” (2005, p. 33), essas bibliotecas teriam por base a própria palavra dos moradores da comunidade, registrando suas histórias, seus saberes. Essa proposta se assemelha ao que estamos pondo em prática no Programa Paraná Alfabetizado.

Um livro silencioso seria aquele que não nos diz muita coisa, lembrando que somente aprendemos aquilo que encontra eco nas nossas experiências anteriores. Essas histórias, para nós, não são silenciosas, são polifônicas, porque as vozes que ouvimos nelas falam do próprio universo de experiências dos sujeitos da EJA, educandos e educadores, falam do nosso mundo.

Por meio dessas narrativas, que Antonio Gonçalves da Silva, educador de Guaraqueçaba, chama de “relato da vida vivida”, percebemos a diversidade de sujeitos presentes no programa de alfabetização e sua contribuição para a construção dessa memória diversa. Percebemos a importância desses relatos como documento histórico, nas inúmeras informações que aparecem sobre modos de vida, valores, práticas culturais. Também percebemos a emoção do conhecimento conquistado, como relata a educadora Maria Olivia Lemes, de São João do Ivaí, em um pedacinho de sua história com seu pai: “...quando li as primeiras palavras para ele, nós dois começamos a chorar juntos.” Outras vozes falam de solidariedade, como a de Maria das Dores

Costa do Nascimento, educadora de Cabedelo, lá da Paraíba, que quer “poder contribuir de forma mais eficaz e consciente na difícil realidade da minha comunidade”.

O que essas belas histórias nos trazem com sua multiplicidade de vozes, pensamentos, sentimentos, é mais uma das justificativas para a existência deste livro. Histórias que narradas se transformam em local de encontro e troca pela palavra; valorizam a experiência de vida dessas pessoas; e apontam para um perfil do educador de EJA no Estado, delineando um traçado muito próximo ao educando, pela maneira como são recorrentes os relatos de dificuldades superadas na formação, da vida difícil das pessoas de poucos recursos. Narrativas que, postas na roda de prosa, aproximam os dois grupos, como nos mostra Valquiria da Silva Santos, de Pitangueira: “... por meio das histórias de vida dos educandos, pude, pela primeira vez, contar a minha história, que se identifica muito com a deles”.

Histórias nas quais estão também as vozes da esperança, trazidas pela educadora Jurema Aparecida Gonçalves Paulowski, de Turvo, com as quais terminamos essa introdução: “Esta história parece ser uma história triste, mas não é. É uma linda história porque os sofrimentos descritos nela fizeram-me forte (...). Sou feliz pelas pequenas vitórias. Minhas ações do dia-a-dia me fazem feliz.

O sonho sempre nos acompanhará. Enquanto existir o sonho, existirá a luta, o esforço e o sonho só acaba quando a gente morre. Enquanto existir vida, existirá o sonho e a esperança. Sendo assim, sonhe, lute e cultive a esperança.”

Boa leitura!

Maria B. Vicentini Fiorato

Na Roda de Prosa

Contando nossas histórias

Histórias de Educadores e Educadoras



História de Antonio

Quando eu estava sendo gerado no ventre da minha mãe, Antônia Gonçalves da Silva, o meu pai, Maximiro Francisco da Silva, disse à minha mãe: “Se esse nenê que você e eu estamos esperando for um menino, o nome dele será Antonio”. Por que Antonio? Porque gosta de festa e é o único homem da terra que é Santo e Santo Antônio!

No dia 03 de março de 1955 eu nasci. O sonho do meu pai foi realizado, só que eu era muito magrinho e doente. A minha mãe e o meu pai me contavam isso quando eu tinha aproximadamente meus cinco a seis anos de idade. Sofri de febre malária, quase morri, mas continuo a minha vida. Eu era muito gago, quase não falava. Já tinha os meus sete anos e nesse período já havia escola na comunidade, que era Batuva. Meu pai pôs os meus dois irmãos, Pedro e Ilton, em sala de aula. Eles andavam, em média, dois quilômetros e eu chorava para ir à escola, só que eu era muito fraco e raquítico, não dava conta de ir. O meu maior problema era que eu não falava, gaguejava muito. Os meus dois irmãos, que estavam estudando, passavam para mim, no caderno que meu pai já tinha comprado, todas as lições que o professor Zachio Xavier passava para eles.

E assim comecei estudar e fui estudando. Quando chegaram as férias do meio do ano, meu pai me mandou à sala de aula. Fiquei muito contente, pois só nessa altura eu já estava quase lendo. O meu pai conversou com o professor sobre o meu problema. O professor disse que isso não era o maior problema, desde que eu estudasse e aprendesse. Ele falava muito pouco comigo porque eu gaguejava demais, quase nem falava – eu era quase deficiente.



No final do ano letivo, o diretor foi fazer o exame e perguntou quais eram os alunos que podiam fazer o exame. O professor disse que eu não estava preparado porque fazia poucos meses que eu estava na escola e também tinha um problema: eu não falava.

Eu chorei e os meus dois irmãos, Pedro e Ilton, disseram ao professor e ao diretor que eu sabia, sim, ler e escrever muito bem, quase igual a eles. O diretor deu a prova para mim e quando eles vieram pegar a prova dos meus irmãos, eu já tinha terminado também. O professor ficou admirado! Com cinco meses de estudo, passei para o segundo ano, lendo e escrevendo.

Nessa época, existia um índice de faltura muito grande na escola. Voltando um pouco na história escolar: nos primeiros meses de aula não tinha carteiras e nem cadeiras, nós sentávamos no chão da escola. Lápis e borracha eram divididos em dois, quer dizer, era a metade para cada aluno; o caderno, usávamos o caderno inteiro, depois apagávamos todas as lições e usávamos novamente.

Muitas vezes, nós cortávamos um chinelo velho para usar como borracha. O professor dava aula para as quatro séries, com aproximadamente trinta alunos, e quase não existia merenda. Nós morávamos em um lugar de acesso muito difícil.

O transporte era feito no lombo do animal ou em via fluvial (canoa). Se fosse canoa, eram quatro dias, a cavalo, dois dias de viagem. Mesmo assim, nós não desanimávamos. O meu pai dizia: “Filhos, estudem, aproveitem a oportunidade, no meu tempo não tinha escola, foi por isso que não aprendi a ler”, mas os meus dois irmãos, Pedro e Ilton, tiveram muita paciência para ensinar o nosso pai a ler e a escrever.



Naquele tempo, o ensinamento era muito diferente de hoje, o professor tinha autoridade, os alunos tinham vontade de estudar e os pais procuravam ajudar os filhos e obrigavam eles a estudar. O meu pai sempre estava conversando com o professor, perguntando como os filhos estavam agindo em sala de aula. O meu pai dizia : “Se vocês não obedecerem ao professor e não estudarem, vocês serão punidos”, quer dizer, nós apanhávamos com cinta.

O professor ia de cadeira em cadeira, vendo o andamento do aluno. O aluno não podia olhar para trás, era a ordem do professor e também a do pai, e ele atendia. Só que tudo isso era para o bem do aluno. Naquele tempo, o professor tinha autoridade. Eram quatro horas de trabalho, tanto para o professor quanto para o aluno.

Foi assim que conclui a 4ª série do Ensino Fundamental. Para passar ou concluir essa série, o aluno tinha que saber todas as tabuadas de um a dez direto e salteadas. Saía da escola sabendo fazer quase qualquer coisa: conta de dividir, com até quatro número no divisor; as provas das quatro operações, tanto a prova real quanto a prova dos nove.

Na minha adolescência, entre doze e dezoito anos, trabalhei junto com o meu pai e irmãos na agricultura, plantando arroz, milho, feijão, mandioca e outros. Fiz muitas curvaras para plantar vários tipos de lavouras, colhi paiol de arroz, milho, feijão, fazendo vários sacos de farinha de mandioca para vender, criei muito porco. Os porcos eram criados a milho, mandioca e bananas, soltos ou em mangueirões.

Também cortei muitos palmitos, que eram vendidos em dúzias. Nós tropeávamos com vários animais, viajando várias horas. O palmito era vendido para o comerciante da comunidade e às vezes levávamos direto para



a fábrica. A fábrica era em Guaraqueçaba. Também viajava com meu pai de canoa, com vários porcos para matar, na sede de Guaraqueçaba, Tibicanga, Bertioga, Barbado e Superagüi. Essa viagem durava semanas.

Aqui, era uma comunidade de muita, muita fartura e liberdade, todas as pessoas viviam da terra, plantando onde se fazia necessário. O lavrador sabia e sabe onde a terra é boa e para que tipo de agricultura. O agricultor vendia a sua lavoura na própria comunidade para o comerciante local. E o comerciante vendia em Guaraqueçaba e também em Paranaguá. O passeio de uma comunidade para outra comunidade do continente era feito em lombo de cavalo e burro.

O povo era unido, fazia mutirão para fazer as roças, plantações e colheitas. Havia, nessa comunidade, muitas bananeiras a setenta anos atrás... O povo carregava as bananas no rio, em balsa, e depois em barcos, levando a Guaraqueçaba. Ali, eles embarcavam em um pequeno navio e levavam a Paranaguá. Essa banana ia para a Argentina. Assim contavam as pessoas mais velhas.

Na minha vida de adulto, fui lavrador, pescador, de cada coisa fazia um pouco para ganhar dinheiro para viver. Em seguida, o prefeito Thomé Gabriel Sobrinho, que era muito meu amigo, me fez um convite para dar aula em uma comunidade chamada Utinga. Nessa época, quem tinha a 4ª série do primário já poderia dar aula em comunidade pequena. No momento eu não aceitei. Até que um dia aceitei e comecei a trabalhar, em 1º de fevereiro do ano de 1977, em casa de família. O proprietário da casa se chamava Liceu Gonçalves, que já faleceu. O salário do professor leigo era 60% do salário mínimo. No ano de 1978, fui transferido para outra



comunidade, que é a de Rio Verde, maior e com muitas crianças em fase de escola, onde estou até hoje.

Mesmo sendo professor leigo, tinha vários cursos de aperfeiçoamento, pois, como é até hoje, o professor precisa estar atualizado. Em 1979, trabalhei com 46 alunos em uma única turma. No início da minha função como professor era muito diferente de hoje, o professor tinha mais autoridade dentro da sala de aula. Os alunos respeitavam mais o professor, porque o professor tinha autonomia, quem podia falar mais alto era o professor.

Os alunos iam para sala de aula com vontade de ter aula e de aprender. O aluno fazia mais perguntas ao professor, pois queria tirar todas as dúvidas que tinha. Hoje, os alunos são diferentes dos alunos de antigamente, cada ano que passa os alunos ficam com menos interesse de aprender e menos obedientes.

Atualmente, os meus alunos são filhos e netos de meus ex-alunos. O professor, em sala de aula, é mãe, pai, enfermeiro, pastor e conselheiro. O meu pai Maximiro era andarilho, em cada tempo ele estava em um lugar. Nós éramos muito carentes, a nossa casa era de pau-a-pique, coberta de guaricana, a nossa cama era esteira de paina, o cobertor era blusa do pai. Vivíamos sem agasalhos e sem calçados, sofriamos muito frio no inverno.

O pai e a mãe eram evangélicos, da igreja da Congregação Cristã do Brasil. Eles diziam para nós: “Estudem, trabalhem com fé em Deus. Mesmo sendo pobres, vamos ser honestos. A honestidade é muito importante e respeite a todos para serem respeitados”.

Antonio Gonçalves da Silva
Educador de Guaraqueçaba – PR



Minha triste alegre história

Minha história não se confunde com nenhuma. Pode haver coisa em comum, mas em Guaraqueçaba só existe uma.

Em 1955, éramos seis irmãos muito queridos: Erta, Pedro, Ilton, Antonio, Raamil e Edna Gonçalves da Silva. Éramos muito felizes com nossos pais, Marcemiro Francisco da Silva e Antônia Gonçalves da Silva. Embora meus pais fossem pobres, eram muito respeitados por serem honestos, responsáveis, trabalhadores, respeitadores.

Morávamos numa comunidade onde tudo ali era bom: fauna, flora, água e terra fértil; onde se podia trabalhar livremente e de bem com a natureza e onde cada morador produzia seu próprio alimento, sem agrotóxico, e só hoje eu sei disso. Tínhamos tudo que nós precisávamos para nos alimentar.

Até que um dia, por volta de 1959, me lembro bem, meu pai foi visitado por um tio, que há muito tempo não via, chamado Braz Buava. Braz era um negro forte, alto e de um vozeirão de dar medo para aqueles que não o conhecia.

Ficou ali conosco vários dias. Ao sair, chamou meu pai e disse: “Meu filho, aqui parece que vai tudo muito bem, mas se mude daqui porque tem muito olho gordo em cima de você e pode lhe prejudicar, levando tudo por água abaixo...”

Pobre de meu pai que acreditava em palavra de curandeiro! Não pensou duas vezes e começou vender ou dar as coisas, pois continuar ali não tinha jeito.



E então começou a procurar um lugar melhor e seguro, porque ali em Rio Verde, onde morávamos, não podia mais. Batuva era terra natal do papai e Rio Verde, o lugar onde se casou. Diante dessa situação, virou rotina a gente estar cada mês em um dos dois lugares.

Depois de aventurar-se com a família numa fazenda de café em Tagaçaba, onde ficamos por um mês, voltamos para Batuva. Lá comecei a freqüentar as aulas, por volta de 1961. Foi muito difícil minha alfabetização. Difícil, não para aprender, mas porque as andanças não pararam de vez. E a ordem era rigorosa diante de tanta pobreza e doenças que invadiam a nossa vida. Diante de pais analfabetos, avós maternos e paternos analfabetos e de todos os irmãos mais velhos analfabetos, eu não podia reprovar, também não podia apanhar dos colegas, porque apanharia duas vezes.

A escola era a uns dois quilômetros de distância, numa igreja onde funcionava a escola dominical da Igreja Presbiteriana. Tinha o nome de Escola Isolada de Ubatuba. O professor era Zachio Xavier, que era do Estado de São Paulo, ao qual devo toda gratidão. A escola era uma casinha de madeira, as carteiras eram os banquinhos e os bancos, o assoalho.

Durante o período em que nós estávamos na comunidade, caminhava todos os dias de calça curta e rasgada e pés no chão. Estudava muito. As tarefas da escola, fazia enquanto caminhava para casa, pois quando chegava, tinha outra tarefa: ir para roça e levar comida para o pai, ficando lá até o entardecer.

Ainda tinha mais uma tarefa: repassar tudo o que via e aprendia na escola ao papai e a minha irmã, que apesar de tanto ajudar na roça, não podia mais freqüentar a escola porque já tinha mais de 14 anos.

Como se não bastasse tantas dificuldades, a doença cada vez atacava



mais. Sarampo, catapora, malária e outras. Nessa época eu já pensava: “Ah se um dia eu pudesse colaborar ou fazer alguma coisa para a diminuição de tanto sofrimento...”

Para completar o sofrimento, veio a chamada tosse comprida e vão os quatro menores para a tarimba. Tarimba porque assim era chamada a cama de pobre.

Eita sofrimento! Vendo que morria Raamil, papai colocou-o em uma canoa e saiu rio abaixo num sábado com destino a Guaraqueçaba. Mas não deu resultado. No meio do rio a canoa virou e lá se foi o menino para o fundo. Minha mãe tateou com os pés, encontrou e tirou-o do fundo. Ele lhe disse: “Mãe, não se assuste porque não tomei nem um pouquinho de água!”

Desesperado, saiu papai para terra, indo até a casa de sua irmã Laura, onde uma hora depois o menino faleceu. Angústia, lamento, pranto... Voltou para casa, velou e, no domingo, sepultou-o. Mamãe lamentando-se disse: “Minha filhinha, fiquei só com você!”

Parecia que tudo estava contra nós. No sábado seguinte, oito dias após o falecimento de Raamil, faleceu também Edna. Choramos muito! Choro até agora, quando estou escrevendo e lembrando detalhe por detalhe. Aumentava mais o anseio. Será que não saímos dessa? Será que nunca vou conseguir salvar a vida de alguém?

Com a morte de dois irmãos pequenos, ficou Antonio, com seis a sete anos, passando a ser o caçula para nós. Assumi o compromisso de, por seis meses, ir alfabetizando ele, até que minha mãe ficasse mais conformada. Após os seis meses, ele passou a freqüentar a escola, sendo aprovado no fim do ano e sem nunca reprovar, igual a mim, que também nunca reprovei.



A luta e os problemas continuavam. A expectativa de vencer crescia... Em 1964, nasce mais um irmãozinho para nós, pelo nome de Odacir. Nesse mesmo ano, concluí a 4ª série, recebendo o certificado, considerado 1º Grau na época. Quanta felicidade! Eu, meu pai, meus irmãos que restavam, todos alfabetizados!

Com todos alfabetizados, uma descoberta marcante: Marcemiro, conhecido pelo povo, agora é Maximiro Francisco da Silva. Minha avó, conhecida pelo povo, pela família e por ela mesma como Ana Viana, chamava-se, na verdade, Rosa Viana. Pode-se dizer que os filhos de minha avó tiveram outra mãe, e eu, quase que outro pai, falando-se em nomes!

O tempo foi passando e fui crescendo. Embora sem chance de continuar os estudos, nunca abandonei o livro, o caderno, o lápis e a caneta. Agora, usava o caderno e um lápis inteiro, porque antes o lápis era cortado em duas partes e o caderno era usado mais de uma vez, pois quando se achava um chinelo velho de quem tinha o poder de usar, tirava-se um pedaço e apagava-se tudo o que estava escrito para usar novamente. Quando as folhas amarrotavam demais, esquentava-se alguma coisa e usava-se como ferro de passar.

Nunca esqueci de que um dia haveria de fazer alguma coisa boa a alguém. Me parei homem e, em 1978, me casei com a mulher com quem vivo até hoje, Águeda Cordeiro da Silva, nascida em 2 de fevereiro de 1962.

Em 1979, faltando professor na comunidade, fui indicado pelo meu ex-professor Zachio Xavier a lecionar em uma escola municipal, pois teria condições de desenvolver essa atividade. Fui chamado e já comecei a trabalhar em 15 de fevereiro do mesmo ano. Fui me aperfeiçoando por meio de cursos de capacitação para professores e tantos outros...



Aí, a escola não era mais aquela casinha onde se trabalhava a escola dominical, já era uma escola com duas salas, dois banheiros e uma cantina feita de alvenaria, com os tijolos construídos no local, por meio de pipas giradas a cavalo.

Outros materiais eram trazidos por canoas pelo rio que, dependendo do tempo e do clima, levavam até quatro dias para chegar ao local. Os materiais vinham da Fundepar e passavam por Guaraqueçaba. Areia e pedras eram carregadas em canoas, nos ombros de homens e lombos de animais; as madeiras eram tiradas com serras braçais. Hoje, a escola é chamada Escola Rural Municipal Juvenal Xavier, nome escolhido por mim, por ele ser um homem que prestou vários serviços úteis à comunidade.

Nos anos de 1982 e 1984, fui chamado para colaborar na campanha de vacinação. Minha pequena tarefa era descer a cavalo, ou, na maioria das vezes, a pé vinte quilômetros, enfrentando lama, cobra, frio, calor e enchente; pegar o ônibus e correr doze quilômetros até a cidade; pegar os frascos num isopor com 13 kg de gelo e voltar no mesmo ônibus. Fazer novamente todo o caminho. Meia noite, chegar em casa, pegar o isopor e levar até o riacho para ajudar a conservar o gelo e a vacina. Velar a noite toda para a enxurrada não levar. Chega a madrugada. Vacinas aos ombros de casa em casa. Vacinação toda pronta. Agora? Agora, joga-se no caminho para entregar o relatório da vacinação, e a pé na lama outra vez, tem que chegar em casa, que no outro dia tem aula!

Cansei de fazer isso? Não! Achei perda de tempo por não ganhar um centavo e às vezes ser taxado de bobo? Não! Achei a felicidade que a tanto tempo esperava: ajudei a diminuir os lamentos e as tristezas, pois não se ouve mais notícias de que morreu uma criança de sarampo, varicela, tosse comprida ou paralisia infantil por aqui.



Me sinto muito feliz sendo pobre. Mais vale ser dono de uma moedado que escravo de duas... O homem, para ser feliz, basta ter algumas qualidades: querer, ser responsável, ser paciente, corajoso, questionador, persistente, crítico, ser preocupado com a comunidade e a família e, finalmente, saber educar e treinar.

Ah! Se eu pudesse começar de novo... Muita gente tem falado assim. Alguns por viverem na sombra de uma culpa que lhes incomoda a consciência. Outros, por oportunidades perdidas ou desperdiçadas. Há aqueles que desejam começar de novo, porque já sofreram tantas perdas que chegaram à conclusão de que não há mais conserto para sua vida. Quase todos gostariam de aproveitar a chance de um novo começo. Mesmo aqueles que podem dizer: "Se eu pudesse fazer tudo de novo, faria exatamente como a primeira vez" sabem que, como sociedade, há muitas coisas que poderiam ser diferentes. A mesma sociedade precisa de um novo começo, uma nova oportunidade para viver sem as conseqüências das tragédias, coletivas e individuais; sem as injustiças sociais; sem a crueldade e o irracionalismo da guerra; sem os atos da violência contra o cidadão, a criança e a mulher; e sem o desvio da moral.

Se toda a humanidade pudesse começar de novo, com novos valores morais, com mais respeito pelos direitos humanos, com novos critérios políticos, sem ser atingida pelas enfermidades, pelas doenças, seria, na realidade, um novo começo.

Ilton Gonçalves da Silva
Educador de Guaraqueçaba – PR



Meu primeiro aluno

Meu nome é Lurdes Bernadete Alves Seixas Schultz e confesso que não tinha desejo nenhum de ser professora, até o dia em que o destino resolveu mudar o rumo de minha vida. Era comerciante e presidente de uma associação de moradores, onde sempre lutei pelos direitos dos menos favorecidos. Venho de uma família simples, porém muito unida, principalmente eu e minha irmã mais nova, uma sempre ajudando a outra.

Há cinco anos meu cunhado, esposo dessa minha irmã, se encontrava desempregado já há algum tempo e só ela trabalhando de doméstica. Então, um dia pela manhã, estávamos conversando e ela me confidenciou que o Oliveira iria, à tarde, em uma entrevista de trabalho. Era garantido este emprego de carpinteiro, pois ele já havia trabalhado nesta firma de construção civil e só saiu porque acabou a obra. Como pegaram outra obra grande, chamaram meu cunhado de volta.

No final da tarde, desço eu do ônibus e encontro meu cunhado cabisbaixo, olhar perdido, sem querer muita conversa, mas insisto e pergunto: “E aí, como foi a entrevista? Conseguiu o emprego?” Ele responde que não. Insisti na pergunta: “Por que não, se estava tudo certo?”

Quando olhei, seus olhos estavam marejados. Ele respondeu que os funcionários do departamento pessoal da firma haviam mudado. Depois de estar tudo certo, a pessoa que lhe entrevistou pediu para ele levar seus documentos e o certificado de conclusão da 4ª série primária e foi um choque, pois ele era analfabeto.



Na hora, levei um susto. Sem saber o que dizer, fui logo perguntando: “E a Mariza sabe?” Ele respondeu que não, mas iria contar a ela, mesmo sentindo vergonha.

Após recuperar-me do susto, questionei o porquê de não fazer um curso à noite. Respondeu-me que não tinha mais idade e, principalmente, que tinha vergonha de ir à escola. Passados alguns dias, voltei ao mesmo assunto, insisti junto com minha irmã – agora já sabendo que ele era analfabeto –, mas a resposta foi não, e ele ficou até bravo.

Um mês depois, voltei ao mesmo assunto e, de repente, surgiu uma idéia e fui logo falando: “Oliveira, e se eu fizer um curso de capacitação e for a sua professora, você vai estudar comigo?” Ele quis dizer não, mas não dei oportunidade e fui logo dizendo que não aceitava essa resposta!

Naquela hora lancei a sorte: onde e como faria esse curso de capacitação, não sabia. No outro dia, fui até a prefeitura me informar como poderia fazer essa capacitação para ser voluntária à noite. Informaram-me que tinham parceria com uma ONG que dava o curso, mas era pago e a prefeitura só pagava para os funcionários. Insisti e disse que, como presidente da associação de moradores, queria fazer o curso para ajudar aqueles que trabalhavam durante o dia e tinham vergonha de freqüentar a escola. A resposta foi que se eu pagasse o curso e o meu material, poderia fazer.

Então, junto com a associação, fizemos uma vaquinha e fiz a capacitação. Pagamos todo o material pedagógico que precisava. Iniciei as aulas em julho de 2001, na nossa associação, três vezes por semana, sendo que a primeira matrícula foi a do meu cunhado, Oliveira Barbosa, com 40 anos de idade.



Fechei a turma com 16 alunos e apaixonei-me por esse trabalho. Não larguei mais a profissão e nem sei quantos educandos já alfabetizei! Larguei o comércio e estou terminando o curso de Pedagogia. Agora dou aulas pelo Paraná Alfabetizado e sinto-me totalmente realizada profissionalmente como educadora.

Lurdes Bernadete Alves Seixas Schultz
Educadora de Colombo – PR



Eu trabalho assim

Olá, eu sou a Rosângela, tenho 36 anos e trabalho com educação há pelo menos quinze anos. Quando fiz o Magistério, a minha experiência pedagógica inesquecível foi um estágio em um assentamento do MST¹ no ano de 1987, próximo à cidade de Paranaíba.

O projeto se desenvolveu numa colônia de férias onde a gente iria trabalhar com brincadeiras infantis, durante uma semana, com as crianças do assentamento. A princípio, fiquei preocupada, não sabendo o que iria encontrar, pois a mídia dava conta de nos informar tantas coisas negativas sobre aquele povo, que fiquei com medo até de me aproximar. Mas com o passar dos dias, fui me encantando com aquelas crianças, que viviam em barracos cobertos de lona, com pouco mais de um metro e meio de altura, sem nenhum conforto. Elas tinham sonhos, metas e sabiam por que estavam ali. Me impressionava ver meninos e meninas de aproximadamente nove a doze anos pensando coletivamente, falando de políticas públicas, direitos, constituição, enfim, faziam leitura de mundo de um ponto de vista tão crítico como eu jamais tinha ouvido em toda a minha formação.

A colônia de férias terminou, deixei aquele acampamento mas trouxe comigo uma experiência que até hoje justifica a minha prática, uma maneira de viver com o olhar sempre voltado para as questões sociais, sempre lutando por direitos e inclusões.

Falando em memórias, lembrei-me também do meu primeiro ano como docente. Foi na Escola Rural Santos Dumont, a mesma escola em que fui alfabetizada e estudei o primário.

¹ Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, também conhecido como Movimento dos Sem-Terra (nota das organizadoras)



Numa tarde, eu e meus alunos de terceira e quarta séries estávamos em frente à escola, após uma chuva, trabalhando o conteúdo do planejamento daquele dia. Estávamos todos de joelhos no chão de areia, escavando com as unhas, plantando galhinhos para parecer árvores quando, para nossa surpresa, chegou a coordenadora pedagógica que veio nos visitar e observar.

Meus alunos ficaram preocupados dizendo: “A diretora vai brigar com a gente, pois não estamos estudando lá dentro, na sala, e estamos todos sujos de barro”. Mas eu os tranqüilizei e, após recebê-la, pedi para que demonstrassem o que estávamos fazendo. Assim, a cada pergunta feita, eles respondiam: “Isto é uma montanha, eu fiz bem alta com bastante areia; isto é um vale; isto é uma planície; os maxixes são as nossas vacas e aqui é a mangueira; eu cavei este poço para tirar água e irrigar esta roça”. E para minha tranqüilidade, todos responderam as perguntas do conteúdo, acrescentando outras histórias. A coordenadora não só elogiou o nosso trabalho, como apresentou a idéia em uma reunião pedagógica, o que me deixou ainda mais segura da necessidade de se realizar trabalhos práticos, lúdicos, voltados para a realidade dos educandos.

Atualmente, trabalho no Programa Paraná Alfabetizado, e tenho duas turmas, à tarde e à noite. Moro no município de São Jorge do Patrocínio, lugar contemplado pelo Parque Nacional de Ilha Grande. Da janela do ônibus, quando vou ao encontro dos meus educandos, na zona rural, posso



ver o Rio Paraná. O sol da tarde, que transforma este rio num risco prateado, se mistura às paisagens dos cafezais, ora com seus frutos maduros no auge da colheita, ora com suas árvores floridas, exalando perfumes. Quanto aos meus educandos, esses sim, foram um presente de Deus para mim... Quanto aprendido! Quanta troca de experiência! E quantas lições de vida!

O livro *Um Dedo de Prosa*² tem proporcionado aulas inesquecíveis, pois esse é um livro em que a gente não precisa seguir as páginas e nem responder a exercícios; os textos são simples e soltos, escritos em forma de prosa, redigidos por pessoas também simples e que estão em processo de alfabetização. Os meus educandos têm se identificado com essas histórias e assuntos, pois os temas são excelentes para alavancar outras prosas e estabelecer um diálogo com os escritores-educandos, o que tem gerado muitos outros escritos. Seus cadernos parecem, na verdade, um outro livro *Um Dedo de Prosa*.

Assim venho trabalhando, a cada aula, contando e registrando fatos cotidianos, e é aí que eu alfabetizo, mostrando a relação letra-fonema, as sílabas, enfim, costurando coletivamente os grafemos de cada palavra falada, tendo como princípio básico o pensamento de Paulo Freire de que “só se aprende a ler, lendo, e a escrever, escrevendo coisas significativas.”

Rosângela Galiotti de Freitas Souza
Educatória de São Jorge do Patrocínio – PR

² Livro utilizado no Estado do Paraná para a alfabetização de jovens, adultos e idosos, produzido pela Secretaria de Estado da Educação.



O caminho nada suave da cartilha

Todas as vezes que meus irmãos saíam para a escola, eu ficava no portão olhando e sonhando... Como seria? Quando eu poderia ir com eles?

Lembro que eles tomavam banho, vestiam uniformes sempre cheirosos e sapatos vulcabrás pretos! No final da manhã, retornavam falantes, contavam do lanche, da professora, do futebol, dos amigos...

Quando finalmente chegou minha vez, encontrei muito mais do que sonhava. Minha primeira professora se chamava Maria do Socorro, adorava roupas vermelhas e era muito brava, vi muitos amigos de castigo olhando para o quadro.

Histórias gostosas, não as tenho. Ficou apenas o caminho nada suave da cartilha. Ainda posso dizer “C de cebola, B de bebê”, mas não posso falar de histórias contadas pela Maria do Socorro.

Lembro-me de que, com sete anos, mesmo já sabendo ler, tive que fazer o exame de leitura.

As memórias mais gostosas ficam por conta do retorno das aulas, quando eu e meus irmãos tocávamos as campainhas das casas e corríamos rindo muito. Da Maria do Socorro guardei durante anos a aversão à cor vermelha.

Izamara Maria Mariano Cian
Educadora de Engenheiro Beltrão – PR



Conflitos

Minha infância foi como a de tantas outras crianças de família pobre. Meu pai adquiriu uma pequena propriedade rural às margens do Rio Paraná, a qual ele pagaria em prestações anuais. Foi ali que eu cresci, em meio a paraguaios e descendentes de italianos e alemães.

Os conflitos por terra, naquela região, eram constantes, pois havia muitos posseiros nas terras que as pessoas compravam da colonizadora. E na terra que meu pai comprou não foi diferente. Havia nove famílias que já moravam na área que meu pai adquiriu e elas se recusavam a sair, o que ocasionava conflitos, inclusive com ameaças de morte à nossa família.

Aos poucos, meu pai conseguiu pagar as benfeitorias que essas pessoas tinham feito nas terras. Então, eles se mudaram de lá e nós tivemos paz no campo.

A paz não durou muito tempo, pois apareceu a Itaipu Binacional e tivemos que mudar de lá, desse lugar lindo, com rios limpos, matas, tudo a que hoje se dá tanto valor. Eu, que já estava estudando, tive que parar, pois a escola não funcionou mais, nem na igreja tinha missa. Nós fomos despejados da terra que meu pai pagou com tanto suor e trabalho, inclusive eu, que desde pequena já ajudava na lavoura.

Passou um ano até que nossa família conseguisse receber pela terra que já estava debaixo da água. Eu perdi dois anos de estudos e isso atrasou em dois anos a minha vida, além das amizades perdidas.

Na vida, há coisas que jamais conseguimos recuperar, só superar.

Maria Liane Wiederkehr
Educadora de Santa Helena – PR



Tantos anos de minha vida...

Educação, escolarização. Difícil colocar no papel tantos anos de minha vida. Nasci em Lages, Santa Catarina, em 1970. Sou a filha do meio, de um pai maravilhoso e uma mãe dedicada, de uma família de classe média, de muitos valores, em que amor e respeito predominaram e não me faltaram recursos para uma ótima educação.

Se estou aqui, agora, é porque descobri meu lugar como alfabetizadora de adultos, talvez a realização de um sonho dos meus tempos de menina, quando eu brincava de escolinha e era a professora.

Bons tempos aqueles, lá por 1977. O Colégio Santa Rosa era de irmãs católicas; a professora, não me recordo o nome. Fui alfabetizada com métodos tradicionais e disciplina rígida, usava saia azul de pregas, camisa branca, meias brancas e congá azul.

Em outros tempos, já em Cascavel, lembro-me do colégio público, da merenda deliciosa, dos amigos, da glória de um cem, do cheiro da mochila nova, da expectativa a cada início de ano letivo, do lápis de cor, giz de cera, do caderno recém-encapado, mas também da falta de carteiras, do medo da matemática e do ditado, da eterna caligrafia, das broncas da professora, e não podia faltar a “reza” da tabuada!

Foram bons e maus momentos que me encaminharam para a realização pessoal e profissional, em que posso superar as minhas expectativas e fazer muitas trocas com meus alfabetizando.

Luciana de Conto Kuhn
Educatória de Cascavel – PR



Vida minha

Nasci um lindo menino, no dia oito de setembro de 1983. Aliás, conservo essa beleza até os dias atuais, beleza interior, graças à educação que recebi de minha família.

Me chamo Denikid, nome derivado de personagens do cinema como Billy the Kid e Durango Kid. Não é à toa que sou um ator... Explicando: atuo como professor, pois foi neste filme que me tornei ator principal e, além do mais, adoro meu nome e esta profissão!

Cursei o ensino primário em uma escola rural multisseriada, com a mesma professora da 1ª à 4ª série. Meu ginásio foi numa cidade próxima, período que não me é muito importante.

Ao término do Ensino Fundamental, cursei o Magistério, uma experiência inesquecível, tanto de amizades quanto de aprendizado.

Quando terminei o Magistério, prestei um concurso público e passei, tendo assim a oportunidade de poder pagar uma faculdade. Prestei vestibular para Letras. Durante o segundo ano da faculdade, fiz outro concurso para educador no município vizinho e passei.

Me formei em Letras e fiz pós-graduação em Educação Especial. Hoje trabalho dois períodos com ensino primário e agora trabalharei com alfabetização de jovens e adultos no Paraná, onde terei a honra de alfabetizar minha incomparável mãe.

Tenho 22 anos, adoro o que faço e estou sempre de bem com a vida.

Denikid Araújo Albino
Educador de Ariranha do Ivaí – PR



Joana francesa

Eu me chamo Joana D'arc e tenho esse nome porque meu pai sempre foi muito católico. Então, resolveu homenagear Joana D'arc, heroína francesa que, depois de ser queimada na fogueira da Inquisição, foi canonizada pela Igreja Católica. Essa é uma história que conheci a partir de um livro que ganhei de meu pai, quando terminei o Ensino Fundamental e ingressei na 5ª série.

Depois de adulta, quando estava escolhendo o curso universitário, optei por Letras e, como opção de língua estrangeira, o francês!

O meu nome era o maior sucesso na minha turma, pois Joana D'arc – a santa – era francesa, mulher guerreira e de muita fibra. Segundo os meus amigos de turma, daí vem a minha personalidade forte.

Joana D'arc Rodrigues
Educadora de Astorga – PR



Cidinha

Quando eu nasci, meus pais já tinham quatro filhos homens. Meus irmãos gostavam de uma vizinha que era muito amiga da família, seu nome era Sebastiana, mas eles a chamavam de Tianinha. Então colocaram em mim o mesmo nome: Sebastiana Aparecida. Mas para não confundir as duas, chamaram-me de Cidinha. Depois de mim, veio mais uma menina.

Desde pequena gosto muito de estudar. Meus pais valorizavam muito o estudo, apesar de não terem estudado o quanto desejavam. Meu pai largou os estudos, pois a escola ficava muito distante da casa e minha mãe não estudou porque seus pais não deixaram, mas ela aprendeu a ler com seus irmãos. Acho meus pais muito sábios.

Sou muito apegada à família e acredito que é ela que nos dá a base e nos ensina os valores que carregamos e cultivamos e, mais ainda, os valores que compartilhamos com nossos educandos.

O sonho de meus pais era ter um filho ou filha educador(a), então eu estudei o Magistério e descobri que era isso mesmo que eu queria. Com muito esforço estudei até o terceiro Grau e fiz pós-graduação já trabalhando como professora.

Sou de uma família humilde, religiosa e trabalhadora e, desde pequena, ajudei com os serviços de casa e também na lavoura. Eu ajudava na colheita de café, na colheita de arroz e em outras coisas, e só parei quando comecei a dar aula.



Ajudando na liturgia da igreja da minha comunidade e também na catequese.

Gosto muito de esportes, de andar de bicicleta e de artes em geral. Sou muito feliz!

Sebastiana Aparecida Pires
Educadora de Cruzmaltina – PR



Um novo tempo

Meu nome é Elielza Vasconcelos de Almeida. Gostaria de escrever muitas coisas a meu respeito porque acredito que tenho uma história de vida fantástica.

Não poderia deixar de relatar a minha origem: sou nordestina e há vinte anos sai da minha terra para formar uma família. Foram anos de aprendizado, para mim tudo era novo, culturas diferentes e principalmente o clima – quase morri de frio!

Tive muitos momentos em que queria voltar para minha terrinha, principalmente porque tinha medo de falar com as pessoas. Eu falava muito arrastado e era motivo de risos com aquele sotaque nordestino que todos percebiam, até mesmo falando um “oi”!

Quando cheguei à Região Sul, já tinha concluído o Magistério. Não poderia deixar de dizer que, certa vez, fui em busca de emprego numa determinada escola, mas, para minha decepção, recebi um não acompanhado de uma discriminação por ser nordestina. Mesmo assim não desisti, fui em busca de meus sonhos e os conquistei: fiz faculdade de Pedagogia, conclui especialização em Educação Especial e, por que não, estou pensando num mestrado.

Hoje sou muito feliz, tenho três filhos maravilhosos, trabalho em escola especial e agora o meu objetivo é oportunizar aos jovens e adultos a descoberta de que nunca é tarde para recomeçar e aprender a aprender.

Elielza Vasconcelos de Almeida
Educadora de Nova Londrina – PR



Contando nos passos de um a cem

Minha história de vida começou numa escolinha rural de fazenda, Escola Rural Massareto, onde lecionava a professora Ritinha e estudavam meus colegas de sítio. Lugar freqüentado diariamente, onde eu ia a cavalo, de trator, em cima de carretas ou a pé, atravessando pastos e rios. No rio havia uma pequena ponte que meu avô construiu para que eu não molhasse os pés ao passar.

Aos galopes ou a pequenos trotes, lá ia eu na garupa do Molhado, o cavalo branco da professora Ritinha. Também tinha a carona dos velhos tratores e dos caminhões, sempre que havia o plantio das safras ou quando Molhado não estava bem.

Quando a pé, atravessávamos pastos e roças, até caveiras de cabeça de boi a gente encontrava nesses caminhos.

Hoje, a velha escolinha não existe mais, deixando saudades, lembranças do meu primário, a forma como aprendi a ler, a escrever o A B C e a somar, contando nos passos de um a cem no percurso dos sete quilômetros diários.

Hoje moro na cidade, cursei o Ensino Médio e o Superior e estou trabalhando com as pessoas que ainda precisam aprender a contar nos passos de um a cem, aprendendo com a caminhada a lição da vida!

Márcio Rogério Barili
Educador de Mamborê – PR



Por que se vive e por que se aprende

Minha escola me ensinou duas coisas: por que se vive e por que se aprende. Devo a ela tudo o que sou e o que faço. Tenho orgulho de ser professora e de carregar a herança dos diferentes discursos que sempre compuseram a educação.

Minhas lembranças são boas: o calor da merenda, a necessidade da disciplina, a obrigatoriedade de respeito, o incentivo à leitura. Fui ensinada a escrever sem medo e a não ter medo de fazer de novo. A escola tinha “causos”, folclore, religiosidade.

Amei cada professora, principalmente as mais bravas: eu as admirava. Tenho muito delas, de todas elas. Minha escola foi e é pública. Uma vez pensei em desistir. A professora me buscou em casa. Foi flexível. Ela nunca era flexível, mas ela soube quando fazer a diferença.

Na escola tinha hora para tudo e tinha hora de brincar. Luto para não esquecer dessa hora quando, hoje, é a minha vez de ensinar.

Edinéia Chaves Oliveira
Educatória de Assis Chateaubriand – PR



Impressões de meu tempo escolar

Naquela tarde, quando Dona Elza chegou em minha casa cadastrando as crianças de cinco anos para estudar no Jardim – que alegria, eu iria à escola! Mas quando ela disse que precisava ter uma boneca para levar à escola, que tristeza, eu não poderia ir, pois não tinha a boneca. Depois de muitos anos, vi a fotografia da turma de Jardim que não pude frequentar por não ter uma boneca.

No ano seguinte, com seis anos, pude entrar na 1ª série. Professora Ana, adorável professora, porém a hora do ditado era um terror. Ela iniciava: “parágrafo, travessão, letra maiúscula”, e eu, com minha ingenuidade, acreditava que deveria adivinhar qual seria a letra que ela iria ditar. Colocava a letra “A”, ela ditava a letra “O”, ou ao contrário. Às vezes, eu até escrevia as duas letras para ganhar tempo e só precisava apagar rapidinho. E a professora continuava aquele ditado aterrorizante. A impressão que eu tinha era de que ela falava muito rápido. Talvez não fosse tanto assim.

Já na 3ª série, tínhamos como colega de classe a aluna mais linda da escola. Como a professora gostava dela, na hora da leitura era ela quem lia o parágrafo maior, e eu ficava na vã ilusão de que a professora iria me enxergar, a garota mais miúda da classe. Mas eu queria, precisava ler!



Quando, no último dia de aula, a diretora chegou com o relatório final, anunciando quem havia passado de ano, minha ansiedade era tamanha que eu tive coragem de perguntar se eu havia sido aprovada. Ela me olhou com desprezo dizendo que eu deveria esperar a leitura ser concluída e não interrompê-la. E ao final, qual foi a surpresa? Eu, que inclusive naquele dia estava descalça, pois meu chinelo havia arrebentado, fui aprovada para a 4ª série e aquela aluna, a mais linda da classe, filha do “doutor” Fernando, reprovou, pois tivera muitas faltas durante o ano letivo. Cheguei em casa correndo e gritando, pois havia conseguido.

No ano seguinte, na 4ª série, a professora Marinês gostava de tomar a tabuada no dia da aula de Educação Física e quem não soubesse, é claro, não saia para a brincadeira. Lógico, eu nunca saí para brincar! E ainda me mandava ao quadro resolver as operações e, se não soubesse, ficava lá em pé, em cima de uma cadeira. Isso é inesquecível!

Por fim, na 6ª série, minha melhor amiga mudou de cidade e de escola. Na aula de Geografia, a professora falou: “Agora eu quero ver nas costas de quem a Lucinha vai andar!” Aquilo foi horrível! Mas terminei a faculdade antes mesmo que aquela minha amiga.

Maria Lúcia Sloboda Fachi
Educadora de Anahy – PR



Elo quebrado

Sempre fui muito ligada à minha família e sempre gostei muito de ouvir histórias contadas pelos mais velhos. Adorava ouvir as histórias que a minha avó paterna contava. Ela sempre falava da época em que veio para o Brasil no porão de um navio, fugindo da guerra. Eu ficava olhando as fotos e os objetos antigos que ela guardava e imaginava como tinha sido a sua vida. Ela teve muitos filhos e perdeu o marido muito jovem.

Minha avó foi sempre como um elo que manteve a família unida. Em fevereiro do ano de 2003, quando eu estava no último ano da graduação, ela morreu. Foi muito triste porque, apesar dela já ter 94 anos e estar bem fraquinha, a família se mantinha unida em torno dela e sua morte foi como uma fissura no elo que nos unia; foi como se a família perdesse a referência.

Sinto muita a sua falta e sempre lembro das histórias que contava.

Angela Maria Mandotti
Educadora de São Pedro do Iguaçu – PR



Palavras dos sonhos

Meu nome é Edna e quem escolheu este nome foi meu pai, pois ele disse que combinava com o nome de meu irmão já falecido, que era Edson.

Meu pai é um homem muito especial para mim, pois sempre incentivou a mim e aos meus irmãos a estudar, sempre acompanhou a minha vida na escola. Ele terminou o 2º Grau depois de adulto, já casado; foi militar, progrediu na carreira e isso foi um exemplo para nós. Minha mãe não chegou a terminar o primário, mas também nunca deixou de nos incentivar.

Trabalhei como bóia-fria, doméstica, mas sempre estudando. Fiz o Magistério e encontrei a minha profissão: alfabetizar. Hoje sou professora, graças ao meu pai e a minha mãe que tanto me ajudaram.

Sou casada e tenho um casal de filhos. Sou formada e pós-graduada na área da Matemática graças ao meu pai, que pagou todo o meu estudo e o das minhas duas irmãs.

Tenho muito orgulho de ser educadora, pois é gratificante ver os alunos chegarem ao final do ano com uma boa aprendizagem.

Agora, espero que, com o Programa Paraná Alfabetizado, eu sinta mais orgulho da minha profissão, pois acredito que será uma grande vitória ver aquele jovem ou aquele idoso lendo e escrevendo as palavras dos seus sonhos!

Eu sempre estarei no caminho da educação, pois sempre fui incentivada e encontrei a minha verdadeira vocação: ensinar e aprender sobre tudo o que acontece no mundo, junto com os meus alunos.

Edna Barbosa Torres
Educadora de Tuneiras do Oeste – PR



A hora de ir para a escola

Aos sete anos de idade fui para a escola. Era grande a minha expectativa quanto ao primeiro dia de aula: lápis, caderno, tudo novo, não via a hora de usá-los.

A escola que freqüentei ficava na zona rural, bem perto de onde eu morava. De manhã, ao acordar, pulei da cama, fui conferir meu material e minha roupa, pois a aula começava às 13 horas e eu não queria chegar atrasada.

Fui orientada por meus pais e irmãs mais velhas sobre como deveria me comportar dentro da sala de aula: obedecer à professora, respeitar os colegas, ter cuidado com o material, etc.

Enfim, chegou a tão esperada hora e eu fui para a escola. Chegando lá, encontrei crianças que já conhecia e outras que não. Sempre com cara de brava, nunca “dava moral” para as pessoas, e na escola não foi diferente. A aula começou, o professor perguntou o nome de cada um e, ler e escrever, nada! O tempo foi passando, fui ficando impaciente, pois o que eu queria era ler e escrever. Foi aí que o professor pediu para que pegássemos o caderno e começou a passar o alfabeto no quadro e pediu para que copiássemos. E assim foi a semana inteira, ensinando a letra “A”. Então fiquei frustrada, pois queria que ele pedisse para nós lermos as lições do livro e isso não aconteceu.

Então comecei a não querer mais ir para a escola, tudo porque já sabia ler e escrever, também conhecia números e resolvia contas e situações-problema e era isso o que eu gostaria de fazer lá. Como não podia, comecei a fazer bagunça! O professor levou o caso para a Secretaria da Educação e eu fui encaminhada para a 2ª série, sem concluir a 1ª.

Maria Mágnã das Dores
Educadora de Kaloré – PR



Experiências de educação popular

Nasci na cidade de Cambará, no Paraná, e sou filha de pais nordestinos, do Estado do Ceará. Meus pais sempre foram analfabetos. Meu pai só sabia assinar o nome, mas tinha um conhecimento de vida muito bacana. Ele gostava de contar histórias do cotidiano que viveu, da fome que passou, de Lampião e Maria Bonita e também do presidente Getúlio Vargas. Minha mãe, muito trabalhadeira, juntamente com o meu pai, se esforçaram para criar os treze filhos com muito respeito e honestidade.

Eu sou a 11ª filha, tive uma vida sofrida, mas um pouco melhor que a vida dos mais velhos. Entrei na escola com nove anos e estudei até a 5ª série; parei porque meus pais não deixaram eu fazer o ginásio, pois gastava mais e eles não tinham condições. Quando o meu irmão caçula tirou a 4ª série, já com 13 anos, nós combinamos de estudar à noite. Eu já tinha 18 anos, meu pai consentiu e a gente começou a estudar. Fizemos o ginásio, o 2º Grau e, em 1986, concluímos o curso de Contabilidade.

No ano seguinte, meu pai faleceu, aos 76 anos. Me casei e tive três filhos muito próximos um do outro. Meu marido, que também concluiu o 2º Grau junto comigo, fez vestibular e conseguiu fazer a faculdade de Ciências Contábeis. Foi muito difícil devido ao trabalho, mas com o incentivo e a ajuda da família, deu certo.

Eu, que gostava demais de estudar, consegui fazer o Magistério, mesmo levando para a sala de aula três crianças pequenas. Também contei com a família e os vizinhos, que ajudavam a cuidar das crianças e a fazer o serviço de casa. Valeu a pena!



Em 1993, fui convidada para trabalhar no projeto PEART,¹ e gostei muito de fazer parte desse projeto. Trabalhei seis anos e tive experiências inesquecíveis com os alunos, foram muitas conquistas juntos!

Eu sonhava em fazer uma faculdade. No ano de 2003, consegui, por meio do curso a distância do CNS,² cursar Pedagogia. Isso me deixou muito feliz. Hoje, retornando aqui em Faxinal do Céu para fazer esta capacitação, renovo as esperanças e a alegria de poder voltar a alfabetizar jovens e adultos na minha cidade, ajudando-os a descobrir novos horizontes e o valor e a importância que cada um tem na sociedade. Isso me faz muito feliz porque cresço cada vez mais junto com todos!

Iracema Canuto da Silva Nascimento
Educadora de Cidade Gaúcha – PR



1 Projeto Educacional dos Assalariados Rurais Temporários

2 Curso Normal Superior. Inteligência Educacional e Sistema de Ensino - IESDE.

Com meu povo eu me realizo!

Eu, Adelia Martins, nasci em Cidade Gaúcha, no Paraná. Sou filha de Joana dos Santos, mineira, descendente de escravos, e de Félix Britty, paraguaio, descendente de Guarani. Meu nome foi escolhido pela minha avó por ser o nome de uma santa protetora da colônia onde ela vivia.

A minha mãe foi muito boa. Até os dez anos, fui criada no meio da natureza, sem conhecer a cidade. Lá as comidas eram naturais, os remédios caseiros, sem química. Junto com o sofrimento pela morte de meu pai veio a ida para a cidade. Foi um momento de medo e insegurança viver com outras pessoas que não conheciam os nossos costumes. Tive que aprender o que o povo da cidade comia, como se vestia e se medicava. Isso foi uma guerra com a minha cultura, sofremos muito preconceito.

Hoje, tenho minha família: três filhos, esposo e minha mãe que mora comigo. Estudei, já fiz vários cursos de capacitação e adquiri muitas experiências e conhecimentos, mas o mais importante foi o de trabalhar no PEART.¹ Lá, trabalhava com imigrantes bóias-frias, cortadores de cana que vêm de Alagoas trazendo consigo a sua cultura.

Hoje, eu trabalho como triagista do município, na área da saúde. É muito bom ter contato com crianças e agora volto a trabalhar com jovens e adultos, o que para mim é muito importante pelo fato de aprender muito com eles.

Eu não tenho irmãos, sou filha única, então me apego muito rápido com as pessoas. Já fiz uma faculdade e uma pós-graduação em Educação Especial. Hoje, faço socorrismo civil e me formo em agosto. Sou muito tímida, mas com o meu povo, eu me realizo!

Adelia Martins
Educadora de Cidade Gaúcha – PR

¹ Projeto Educacional dos Assalariados Rurais Temporários



“Santo Anjo do Senhor...”

Fato ocorrido em 13 de fevereiro de 2001,
na APAE¹ de Laranjeiras do Sul – PR

Meu nome é Adriana, tenho vinte e seis anos e sou professora há oito. Os primeiros sete anos de minha profissão foram na APAE da minha cidade, onde atuei como professora de arte, dança, música e teatro e, depois, nos vários programas ofertados pela escola.

De todo esse tempo vivendo e aprendendo com as pessoas especiais, um fato marcou demais a minha história e me ensinou muitas, muitas lições.

Nessa época, eu era educadora de uma turma que chamávamos de Treinamento Básico, em que atendia dez educandos com os mais variados graus de deficiências: paralisia cerebral, deficientes físicos e visuais, um educando com deficiência mental severa e pautas autistas. Havia um menino em especial que, além da deficiência mental severa, andava com apoio e, por ter nascido com hidrocefalia (água na cabeça), usava uma válvula para drenar o líquido em excesso.

José Augusto, de doze anos, era um garoto alegre que adorava cantar! Sua canção preferida era “Fui no mercado comprar café...”. Vez em quando, ele começava a repetir incansavelmente “Seis e vinte e dois...”. Ao ser questionada, a mãe contou sorrindo que era como ela o acordava: “José! acorde! São 6h22!” Ou então ele dizia: “Santo Anjo do Senhor... Fecha a porta e apague a luz!” E ria, ria sem parar!



¹ Associação dos Pais e Amigos de Excepcionais

Certo dia, estávamos retornando do intervalo da tarde, em torno das 15h30, quando percebi que o José Augusto estava muito suado, com o queixo encostado no peito, não levantando a cabeça. Fiquei assustada, coloquei ele deitado e percebi que gemia baixinho. Na hora pensei: “Ele bateu a cabeça” (lembrei da válvula, que não pode ser batida), mas também podia ser sintoma de meningite! Enfim, escrevi um bilhete para a mãe em caráter de urgência, relatei o que havia ocorrido e pedi que ela o observasse, para o caso de procurar ajuda médica.

Qual foi minha surpresa ao ver, no outro dia, descendo do ônibus escolar, o José Augusto! Do mesmo jeito, suando, queixo encostado no peito e gemendo muito. Fiquei apavorada. Com dificuldade, coloquei-o deitado e falava com ele, chamava seu nome, mas ele não respondia. Saí correndo e pedi ajuda. Vieram a assistente social e o enfermeiro da escola, que na mesma hora o levaram ao hospital. Naquela tarde, ninguém mais falou no José Augusto.

Na manhã seguinte, ao descer do carro, observei uma fita preta na porta da escola, senti um calafrio como nunca havia sentido e automaticamente lembrei-me do aluno. Ao conversar com a assistente social, ela me falou que decidiram não me contar nada na tarde anterior, para que eu não ficasse desesperada. Então ela relatou que, ao chegarem no hospital, José Augusto teve a primeira convulsão. De acordo com os médicos, foi muito forte. Ao retornar a si, ele ria e cantava: “Fui no mercado comprar café...” Então teve a segunda convulsão e, após a terceira, José Augusto fechou os olhos para sempre. Mas não sem antes dizer: “Santo Anjo do Senhor, fecha a porta e apaga a luz!”



Eram em torno de duas horas da tarde, estavam com ele três médicos e dois enfermeiros. Nesse meio tempo, a assistente social procurou sua mãe, mas só foram encontrá-la no final da tarde.

Eu chorei o mundo! Senti tanto medo e pavor em imaginar que ele poderia ter morrido na minha sala, na minha mão!

Aprendi com isso que, mais do que alunos, temos em nossa frente seres humanos que sentem, sofrem, sonham. Que nunca é tarde para buscar, aprender, conhecer e, como disse Renato Russo:²

“É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã porque se você parar pra pensar na verdade não há!”

Por isso, não pare, não pense que você não pode! acredite! Creia! E não se esqueça que lá em cima tem um cara que lhe guia, protege, ilumina. Ele só está a uma oração de distância...

Se não lembrar como começar, eu sugiro assim: “Santo Anjo do Senhor... E não esqueça de fechar a porta e apagar a luz!”

Adriana Machado Zanini Oleinik
Educadora de Laranjeiras do Sul – PR



² RUSSO, R. Pais e filhos. As quatro estações, 1989.

Um dia, uma escola rural!

Eu, Rosa Maria, filha de descendentes de portugueses e italianos, vim com minha família para o Paraná na época da Companhia de Terras. Fomos morar em um sítio onde braçalmente derrubamos a mata para construir meu primeiro lar, uma casinha feita de coqueiro. Quando digo “derrubamos” é porque eu também trabalhei duro.

Morávamos na Usina Apucarantina, perto da reserva indígena Kaingang. Os indígenas eram nossos vizinhos, até compadres meus pais eram deles. Com a dificuldade no sítio, meu pai resolveu construir uma escola rural para nos alfabetizar. Minha irmã mais velha veio para Londrina fazer uma preparação e alfabetizou meus pais; logo depois nós, seus irmãos e, aos poucos, toda a vizinhança, até mesmo alguns indígenas. O nome da escola era “Escola Municipal Sítio do Sr. Lázaro”. Com o tempo trocaram o nome, porque ele era vivo e hoje estou lutando para resgatar um memorial em seu nome, fazendo valer sua memória.

Depois dessa escola, estudei por meio de programas de alfabetização. Fui aluna por muito tempo do CES,¹ hoje CEAD² de Londrina. Por meio de estudos à distância, me formei no Normal Superior e fiz pós-graduação em Psicopedagogia. Hoje, com muito carinho, tenho condições de retribuir o que um dia alguém fez por mim. Foi muito difícil, mas não desanimei, pois aprendi a lutar sempre, desistir nunca! Me angustio quando percebo alguém dizendo que o tempo já passou. Acredito que quem faz o tempo somos nós.

Rosa Maria da Costa Batista
Educadora de Londrina – PR

1 Centro de Ensino Supletivo

2 Centro de Educação Aberta e a Distância



Pegava o carvão e escrevia nas paredes

Eu sou Geni das Graças Marques, nasci em Minas Gerais, numa família de dez filhos. Meus pais eram analfabetos, mas não queriam que seus filhos fossem.

Meu pai era pobre, mas muito trabalhador. Ele conseguiu contratar um professor para morar em nossa casa e ensinar os meus irmãos mais velhos a ler e escrever. Meu pai dizia que não queria nenhum de nós analfabeto, pois era muito triste não saber ler e escrever.

Os anos se passaram, completei sete anos, hora de ir para a escola. Então surgiu uma na fazenda vizinha, só que tinha que pagar à educadora sessenta mil réis por mês para cada filho. As coisas eram difíceis, mas meu pai fez as nossas matrículas; isso aconteceu nos anos 50.

Assim, dei meus primeiros passos rumo ao saber. Menina pobre, de pés no chão, mas muito feliz, porque ia aprender a escrever o meu nome. Ah! Quanta alegria quando aprendi a escrever: pegava o carvão e escrevia nas paredes, rabiscava na areia com o dedo, mas, para minha tristeza, minha professora casou-se e tive que parar de estudar.

Mais tarde, meu pai, que não desistia nunca, conseguiu montar uma sala de aula na fazenda que ele administrava. As coisas tinham avançado um pouquinho e, agora, seria a prefeitura que pagaria a professora. Assim,



consegui fazer a 2ª série e, fazendo um teste lá na cidade de Laginha, consegui pular para o 4º ano em 1964. Depois, fiz o 5º ano e parei novamente de estudar, pois meu pai comprou terras aqui no Paraná e viemos para cá. Só voltei a estudar depois de casada.

Hoje, sou aposentada, sou do NRE de Campo Mourão, moro em Barbosa Ferraz e sou muito feliz.

Geni das Graças Marques
Educadora de Barbosa Ferraz – PR



Eles aprendem e me ensinam a ensinar

Quando criança, sempre ficava encantada com as fábulas que meu pai contava, todas as histórias que ele aprendeu apenas ouvindo. Meu pai era mais ou menos analfabeto e, sendo isso um obstáculo em sua vida, plantou um sonho em suas cinco filhas, sendo eu a segunda. Esse sonho tornou-se realidade no dia em que todas suas filhas já estavam formadas, eram professoras: três formadas em Letras, com habilitação em Inglês e Português e duas em Artes.

Não foi fácil para dar estudo a cinco filhas, mas meus pais tinham um objetivo e fizeram desse objetivo o nosso também. Minhas irmãs e eu nos realizamos em sala de aula com nossos educandos, que vivem num mundo com tantas oportunidades e com um número ainda maior de dificuldades.

Às vezes fico pensando: “Se eu não fosse educadora, o que faria na minha vida?” Gosto muito de dialogar, ouvir as histórias que os educandos contam e os relatos do seu dia-a-dia. Me realizo com suas vitórias e sofro com suas derrotas.

Acredito que ser educadora é isso: uma troca de conhecimentos – eu ensino, eles aprendem e me ensinam a ensinar.

Sonia Maria Tassi Garcia
Educadora de Grandes Rios – PR



História da minha alfabetização

Sou filha de família muito pobre, que morava no interior. Minha família viveu toda a sua vida na roça e não teve acesso à escola, por isso não foram alfabetizados.

Meus pais tiveram 11 filhos, dos quais só quatro tiveram a oportunidade de freqüentar uma sala de aula. No entanto, só eu tive o privilégio de estudar. Mas não pensem que isso foi fácil, porque as minhas primeiras letras, ou seja, meus primeiros rabiscos, foram um fato que marcou muito toda a minha vida.

Em meados dos anos 70, meu irmão casou-se e sua esposa Marina, utilizando pacotes vazios, improvisava cadernos para mim, pois meus pais não podiam comprar material.

Aos oito anos, fui matriculada junto com a minha irmã mais velha. Ela já estava com dez anos e minha mãe dizia: “se vocês não aprenderem, será só este ano!” Então me esforcei muito e, no meio do ano, já estava lendo e escrevendo.

Mas o problema da pobreza me afetou muito, sempre tive que trabalhar na roça e faltar à escola. Só terminei a 4ª série graças ao meu esforço e à compreensão da professora, pois ela conhecia toda a história da minha família. Então ela fez um acordo com a minha mãe, dizendo: “Dona Benvinda, se a Roseli for na aula um dia durante a semana, eu não coloco nenhuma falta, mas desde que as outras meninas levem o caderno dela e eu passe tarefas diárias para que ela faça à noite.”



Assim, terminei o primário quando já ia completar 15 anos porque, neste intervalo, faltou professor e eu desisti um ano.

Roseli Santana de Oliveira
Educadora de Altamira do Paraná – PR



Durante o dia na roça e, à noite, estudar

Sou Geni. Venho de uma família de nove irmãos e éramos muito pobres – somos até hoje, por isso não tive oportunidade de estudar. Não culpo meus pais, pois eles deram para mim o estudo que eles não tiveram. Fiz até a 4.^a série e daí tive que parar para trabalhar na roça, junto com meus irmãos.

Sou feliz, hoje, porque não desisti do meu sonho, eu queria ser educadora, lutei e consegui. No interior, onde moro, foi difícil porque, na época, não tinha transporte escolar e não se tinha chance de fazer o 1.^o e o 2.^o Grau. A escola ficava a cerca de oito quilômetros de distância da cidade.

Depois de 11 anos que parei de estudar, quando completei maior idade, convenci meus pais a me deixarem terminar pelo menos o 2.^o Grau. Com muita luta e choro eu consegui.

Não queria acreditar no que estava acontecendo comigo. Voltaria a estudar! Me dediquei, me esforcei, pois trabalhava durante o dia na roça e à noite ia estudar. Mas era tudo que eu queria, por isso o cansaço da roça não era obstáculo para desistir e sim força para não desanimar. Fiz o 2.^o Grau, depois o Magistério e Pedagogia e não quero parar por aqui.

Não devemos desistir do sonho, sonho esse que vou realizar em parceria. Sabe por quê?! Eu sou a professora alfabetizadora do meu pai e da minha mãe!



Hoje, eles me pedem desculpas por não terem me deixado estudar mais cedo. Digo a eles que não precisam pedir desculpas, pois como diz o ditado: “antes tarde do que nunca”. Eu estou aqui hoje, de certa forma, graças a vocês dois, pai e mãe. Obrigada pela vida, o resto a gente conquista! Agora, luto pelas duas luzes da minha vida, que são meus dois filhos: Lucas e Luana.

Geni Inês Coelho de Moura
Educadora de Cascavel – PR



Alfabetizar, uma experiência nova!

Meu nome é Maria Zenilda de Lima Fidêncio, sou casada, tenho 32 anos, nasci em Araruna – PR, no dia 4 de maio de 1974. Tenho dois filhos, meus pais já são falecidos.

Entrei na escola com sete anos, fui alfabetizada com a cartilha Caminho Suave.

Sempre fui boa aluna e os momentos mais felizes que tive, quando criança, foram na escola. Meu pai era muito bravo e batia muito nos filhos. Nós tínhamos tanto medo dele que nem abríamos a boca para falar nada quando ele estava presente.

Hoje, moro em Paranaguá com a minha família e sou alfabetizadora no Colégio Estadual São Francisco. Para mim, alfabetizar é uma experiência nova, pois desde que terminei o Magistério só trabalhei com projetos de reforço. Esse é o primeiro ano como alfabetizadora.

É um desafio, mas vou vencer. Trabalho com uma turma com bastante problemas sociais. Alguns alcoólatras, outros dependentes químicos, etc. O desafio maior é que, além de ler e escrever, eles vençam o preconceito, resgatem sua dignidade e também sua auto-estima.

Maria Zenilda de Lima Fidêncio
Educadora de Paranaguá – PR



Lampião a gás

Nasci no dia 23 de setembro de 1964 em Apucarana, na zona rural. Sou de uma família muito humilde. Meu nome é Matilde, meu pai é diácono e foi ele quem escolheu o meu nome. Sendo muito religioso, escolheu o nome de uma santa. Tenho sete irmãos e sempre vivemos no sítio.

Estudei na escola Julia Wanderley, em Três Barras, Faxinal. Com 14 anos, comecei a trabalhar dando aulas para a 1ª série e estudava à noite. O esforço de meu pai fez com que trouxessem o estudo de 5ª a 8ª série para o sítio. Estudávamos com lampião a gás, pois não tinha energia.

Com 16 anos me casei. Meu marido era muito ciumento e não me deixou estudar mais. Depois de alguns anos de casada, fiquei grávida e quase morri, mas superei e tive mais dois filhos, Cláudio e Rodolfo, hoje adultos.

Voltei a estudar à noite, fiz a 7ª e a 8ª série e comecei a fazer o Magistério. Voltei a trabalhar e dar aula para a 1ª série, então fiz a faculdade com muito esforço, pois meu marido não queria. Todos os dias, quando chegava em casa, sempre o encontrava de cara feia, ele nem conversava comigo. Mas terminei e hoje posso dizer que venci: consegui realizar meus sonhos, que eram voltar para a sala de aula e estudar. Hoje trabalho com a primeira série na escola municipal de Cruzmaltina e espero ainda fazer pós-graduação.

Posso dizer que sou muito feliz, pois hoje, em minha casa, reina a paz e a harmonia.

Matilde Maestá Cazavechia
Educadora de Cruzmaltina – PR



Meu objetivo: estudar

Eu, Maria Aparecida de Almeida, nascida no ano de 1969, filha de família humilde e numerosa, sempre tive sonhos e objetivos muito claros. Quando completei sete anos, iniciei, muito feliz e animada, a minha vida estudantil. Recordo-me de minha primeira cartilha, Caminho Suave, meu primeiro uniforme, minha primeira professora e os colegas de classe.

Ao completar a 4ª série, iniciei os estudos na cidade. Eu, que era menininha simples lá da roça, fui para o colégio Euclides da Cunha, em Matelândia (PR), transportada de táxi. Eram dez quilômetros de ida e dez de volta e meu pai, pequeno agricultor, trabalhou para pagar o táxi.

Com o objetivo de mudar de vida, meu pai vendeu o sítio e mudamos para Salgado Filho, hoje Manfrinópolis, onde foi mais difícil o estudo. Passaram-se dez anos e o meu objetivo continuava firme: estudar. Mudei-me para Cascavel, onde trabalhava de doméstica e estudava no CESVEL,¹ que ofertava o ensino supletivo, onde conclui a 7ª e a 8ª série. Em seguida, fiz o Ensino Médio no colégio Novo Milênio.

Voltei para a minha família e prestei teste seletivo para professor. Passei e comecei a trabalhar como professora de 1ª série. Imagine a dificuldade: comecei a fazer Magistério pelo IESDE² à distância. Passaram-se dois anos e me animei a fazer faculdade em Palmas, na FACIPAL.³ O curso escolhido foi Ciências Biológicas.

1 Centro de Estudos Supletivos de Cascavel

2 Inteligência Educacional e Sistema de Ensino

3 Faculdades Integradas de Palmas



Passei no concurso municipal em 1998 e fui chamada. Após concluir a minha graduação, sofri uma triste notícia: estava com uma grave doença, mas mesmo assim não me abalei, superei. Fiz concurso público pelo Estado do Paraná em 2003 e em 2005 fui chamada. Hoje, sou professora de Ensino Fundamental e Médio e, agora, surgiu uma nova experiência muito gratificante: alfabetização de jovens e adultos.

Posso dizer que aos 37 anos vejo realizados os meus sonhos. Continuo buscando e aprendendo muito, sendo humilde quanto às minhas fraquezas e dificuldades, sempre me superando.

Maria Aparecida de Almeida
Educadora de Manfrinópolis – PR



Doces e amargas lembranças

Na realidade, a princípio eu seria “uma menopausa”, conforme pensava minha mãe, até o médico informar que no dia 22 de maio nasceria uma linda menininha! Coincidentemente, o dia do aniversário do médico e também o dia em que meu pai foi raptá-lo de sua festa surpresa!

No início, para minha mãe, foi um susto e vergonha pelo fato de ter seus 41 anos de idade. Mas com certeza, pelas fotos e memórias que tenho, fui uma criança muito amada e bem-educada pelos meus pais e também pelo carinho dado pelos meus irmãos. Cresci feliz e saudável em minha família.

No decorrer da minha infância, moramos em algumas casas, algumas cidades, tudo devido ao fato de meu pai estar sempre envolvido na política da cidade. Dessa fase, tenho doces e amargas lembranças, mas acredito que pude, com alegria ou sofrimento, retirar um pouco de aprendizado e ajudar a escrever minha própria história.

Com uma dessas idas e vindas políticas, meu pai perdeu a eleição e mudamos para Florianópolis, em Santa Catarina. Ali, sim, adquiri muito conhecimento, pois já tinha meus 18 anos e logo entrei na faculdade, sempre trabalhando.

Antes de me mudar para o Paraná, trabalhei no SENAI,¹ na área de educação, com desenvolvimento de projetos e também na secretaria acadêmica da Universidade do Estado de Santa Catarina. E ainda fazia faculdade. Tudo sempre muito corrido.

¹ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial



Meus pais, após alguns anos em Florianópolis, voltaram ao Paraná. Eu continuei lá em Santa Catarina, firme e forte, fazendo minha história, apostando no meu futuro.

Me dediquei muito aos meus empregos. Deixei boas lembranças e referências, assim como também trouxe saudades de todos que ficaram. Aprendi a ser profissional, a escutar mais e a falar menos, respeitar opiniões e trabalhar em equipe.

Após o término da faculdade, retornei para a cidade de Japira, onde estão meus pais. Queria estar ao lado deles novamente, mas já pensava no início da pós-graduação.

Logo comecei a dar aulas de informática na cidade ao lado e, em seguida, assumi tutoria do pré-vestibular. Essa foi uma experiência muito valiosa.

Tenho sede de conhecimento e não pretendo parar por aí, somente na especialização. Quero estar cada vez mais fazendo cursos, participando e desenvolvendo projetos.

É incrível estar aprendendo, articulando, fazendo a diferença e mostrando que não sou o único capaz, mas qualquer um, com garra e determinação pode atingir o que quer. E esse é um dos grandes desafios na alfabetização de jovens e adultos: convencer as pessoas que isso é mais que um direito, é cultura, é dignidade, é mudança de vida.

Elisangela G. Custódio
Educadora de Japira – PR



Uma experiência diferente

Meu nome é Vera Lucia Canello, tenho 35 anos, sou casada, tenho dois filhos e a minha história é essa: nasci no interior do município de Santa Helena, num sítio maravilhoso onde vivi até os 11 anos. Foi lá que passei a melhor fase da minha vida, em contato direto com a natureza. Com a chegada da Usina de Itaipu, nos mudamos.

Aos 12 anos, meus pais me tiraram da escola para ajudar nas tarefas de casa e da lavoura. Só voltei a estudar aos 16, e com 17 completei a 8ª série. Aos 18 anos me casei e, como vivíamos em um sítio distante de escolas, era difícil estudar.

Os anos se passaram, tivemos dois filhos e era difícil sustentá-los com a renda do sítio. Um teria que sair para trabalhar, mas estávamos despreparados para enfrentar o mercado de trabalho, então decidi retomar os estudos. Em 1999, fiz a matrícula para o Ensino Médio supletivo e, logo em seguida, iniciei o Magistério a distância, na primeira turma do município. Ainda não havia concluído o Magistério quando fiz o vestibular e consegui uma bolsa de estágio pela prefeitura, onde iniciei minhas experiências pedagógicas, experiências que, com certeza, levarei pela minha vida toda.

Em 2005, no último ano da faculdade, desenvolvi minhas atividades de estágio com jovens e adultos. Gostei muito, foi maravilhoso! Descobri o quanto poderia ser útil e ajudar pessoas que, como eu, não tiveram oportunidade de estudar no período considerado certo.



Foi numa confraternização do dia do professor que comentei com a diretora de EJA de Santa Helena que gostaria de trabalhar com jovens e adultos, se tivesse vaga. No ano de 2006, não esperava, tive uma surpresa: recebi uma turma da EJA de 3ª e 4ª séries e agora estou trabalhando com uma turma de alfabetização na localidade onde nasci. Uma experiência diferente em que, a cada dia, tenho a oportunidade de aprender mais. Estou muito feliz.

Vera Lucia Canello
Educadora de Santa Helena – PR



Amorosidade¹

Nasci em Curitiba, tenho 41 anos, passei uma infância agradável e na minha adolescência alcancei um objetivo, que era trabalhar com cavalos no Jockey Club. Fui morar em Porto Alegre, onde trabalhei oito anos.

Com 19 anos, resolvi largar a profissão e morar na Ilha do Mel, no litoral paranaense.

Comecei a trabalhar com o turismo, mas achei que era pouco e acabei me envolvendo com a comunidade, passei a prestar assistência social aos moradores da ilha, trabalhando como voluntário nas creches, encaminhando os idosos aos serviços de saúde, trabalhando com percussão com um grupo de crianças da ilha, além de praticar a pesca.

Estou terminando o 2º Grau e hoje me identifico muito com as questões da educação.

Em 2006, tomei conhecimento do programa de alfabetização de jovens, adultos e idosos desenvolvido pela Secretaria de Educação. Fiz minha inscrição como alfabetizadora no Programa Paraná Alfabetizado e fui selecionada.

A princípio havia a necessidade de um rendimento no período de inverno, já que, na ilha, a possibilidade de emprego é muito pequena. No entanto, ao participar do curso de formação em Faxinal do Céu, mudei minha visão de mundo ao tomar conhecimento dos depoimentos das

¹ Para Paulo Freire, a “educação é um ato de amor”, um sentimento em que homens e mulheres vêem-se como seres inacabados e, portanto, receptivos para aprender.



peças não alfabetizadas, dos documentários de Paulo Freire, e das experiências relatadas por outros participantes, que me levaram a perceber a necessidade de me envolver na alfabetização. Participar do programa mudou minha vida. Hoje fico indignada com as reclamações ou com a falta de compromisso em relação à alfabetização.

Trabalhar com a alfabetização é muito mais que receber uma bolsa-auxílio, é preciso ter amorosidade, é preciso ter compromisso e responsabilidade. É preciso conhecer o alfabetizando e tratá-lo com carinho e afetividade, é necessário doar um pouco de si.

Débora Anair Souza da Silva
Educatória da Ilha do Mel – Paranaguá (PR)



Superar o analfabetismo

Sou Neusa Maria e considero a vida um presente divino. Nasci em uma família de agricultores que, embora de origem humilde, é dotada de grandes valores morais e espirituais, princípios que sempre nortearam minha vida. Já nasci professora, pois desde minha infância acalentei este sonho que hoje é realidade da qual muito me orgulho!

Tenho paixão pela educação, amor ao saber e dedicação ao que me proponho a fazer.

Fui alfabetizadora de crianças, jovens e adultos e foi este projeto, o Programa Paraná Alfabetizado, que me possibilitou alfabetizar minha mãe.

Sou grande admiradora do educador Paulo Freire e gosto muito de um pensamento que uso como reflexão: “ninguém educa ninguém, os homens se educam entre si”.

Para enfrentar o grande desafio da educação, hoje, é necessário que todas as forças se canalizem para o mesmo fim: superar o analfabetismo.

Neusa Maria dos Santos Gomes
Educadora de Itambaracá – PR



Minha história profissional

Minha história, eu acredito, é igual a uma novela, fico esperando cenas dos próximos capítulos. Desde criança meu sonho era ser professora, todos os pedacinhos de giz que a professora não queria, para mim eram de grande valia, pois eu podia aproveitar nas paredes da minha casa, que fazia de quadro-negro.

Meu avô de setenta e poucos anos era analfabeto. Eu tinha mais ou menos dez anos e ele se interessou em ser meu aluno. Fiz a lista de material, ele comprou e lá fomos para a primeira aula. Ele se apaixonou, ficou encantado com as aulas, pois nunca teve oportunidade antes. E que vitória quando aprendeu a fazer o nome dele! Ah, seu Francisco não era mais a mesma pessoa! Quando íamos para as aulas de Educação Física, diz minha mãe que ela tinha que sair de perto, pois meu avô tinha que fazer bem direitinho, principalmente o aquecimento e os outros exercícios.

Meu primeiro trabalho foi aos 16 anos, como instrutora de datilografia, em que trabalhei por oito anos. Depois, consegui um contrato de digitadora no Banco do Brasil por um ano e já pude notar a diferença: ensinar era um trabalho difícil. Então veio a dúvida: será que quero ser professora?

O segundo trabalho foi na Caixa Econômica, onde também fui digitadora por 11 anos. A próxima oportunidade apareceu em 1999, quando assumi a escola como assistente administrativo. Um mês depois, apareceu um curso de Magistério que abracei e, em 2005, fiquei de olho quando comessem as inscrições para o Paraná Alfabetizado, quando pude realizar o meu sonho de ser professora de verdade. Hoje, curso Pedagogia para me realizar profissionalmente.

Elizabeth da Luz Oliveira
Educadora de Guarapuava – PR



Um novo desafio

Minha primeira experiência educacional foi em uma 1ª série no ano de 1977, quando fui professora substituta durante três meses. Quando assumi a turma, a professora me passou a situação de cada aluno, apontando aqueles que iriam passar de ano, pois já sabiam ler e escrever, e os demais, que iriam reprovar porque não conseguiram acompanhar a turma, não aprenderam.

Recém-formada, idealista, apaixonada pela educação, acreditava que poderia “mudar o mundo”!

Começamos então um trabalho de alfabetização com atividades em que todos pudessem participar. Com os alunos que apresentavam maiores dificuldades, ficávamos em sala de aula durante o recreio ou após o horário de aula, usando a mureta do pátio como carteira, estudando lado a lado, juntos. Alguns já haviam desistido da escola dizendo que sabiam que iriam reprovar. Então fui até suas casas, conversar com a família para que retornassem, dando-lhes esperanças de que, se tentássemos juntos, poderíamos conseguir.

O final do ano foi surpreendente, dos 12 alunos que iriam reprovar, nove foram aprovados. Foi uma grande vitória, apesar de ter que enfrentar a contestação da professora regente da sala, que não aceitava aquele resultado.

Fiquei surpresa, mas defendi cada resultado alcançado. Os pais dos alunos sentiram-se vitoriosos, pois alguns estavam na 1ª série há três ou quatro anos. Cheguei até a ganhar de presente ovos e galinhas como agradecimento!



No ano seguinte, fui contratada para atuar em uma 1ª série, mas tive que enfrentar a rejeição das professoras “com maior experiência”.

Continuei na alfabetização durante alguns anos, atuei na coordenação de escolas rurais municipais, multisseriadas e, anos depois, com 3ª e 4ª séries até me aposentar.

Neste mesmo período, 1995, iniciei a docência de 5ª a 8ª série, na disciplina de Ciências. O Programa Paraná Alfabetizado despertou minha primeira paixão, a alfabetização. Um novo desafio, um novo olhar, uma nova proposta de ler o mundo, agora de jovens e adultos, enriquecida pelas experiências de vida de cada um.

Ser educadora é poder sonhar com a transformação por meio da educação.

Eneide Elizabeth da Cunha Ferreira
Educadora de Apucarana – PR



Um sonho oculto

Sempre fui uma menina muito tímida, morria de medo do novo, tive muitas dificuldades em socializar-me.

Quando criança, morava num sítio com meus pais e estudei até a 4ª série numa escola perto de casa, onde minha vizinha e minha irmã lecionavam. Adorava aquele lugar, pois lá, como quase todos eram parentes meus, me sentia muito à vontade.

Quando ingressei na 5ª série, tive que ir estudar na cidade. Pensei que iria ser igual, mas não, não conhecia quase ninguém da minha turma e não conseguia me socializar com as outras crianças por causa da minha timidez. Fiz então algumas (poucas) amizades, e algumas continuam comigo até hoje.

Terminei a 8ª série e meu sonho era ser bancária, mas para iniciar meu sonho teria que estudar à noite. Meu pai, um homem muito rígido, jamais deixaria que isso acontecesse. Então, sobrou a opção de estudar o Magistério, que era de manhã. Fiz quatro anos de Magistério, mas sempre com aquele sonho de ser bancária na minha cabeça.

Quando terminei, fiquei meio ano trabalhando na roça com minha família. Prestei o concurso público para professora e passei. Comecei a trabalhar em julho, mas foi uma prova de fogo para mim, pois era muito imatura em todos os sentidos. Não foram uma ou duas vezes que cheguei em casa ou saí para trabalhar chorando. Minha mãe, hoje, conta que ela pensava que eu iria desistir, mas persisti e continuei. Recebi muita ajuda das coordenadoras e supervisoras da escola e, principalmente, da minha irmã, que me ajudou a amadurecer para a vida.



Quando fazia dois anos que já lecionava, eu e minha irmã viemos morar na cidade e eu fui fazer faculdade de Ciências com habilitação em Matemática. Fiz pós-graduação em Matemática e em Educação Especial.

Trabalhei nove anos com as séries iniciais, de 1^a a 4^a, e comecei a gostar daquilo que estava fazendo. Hoje, trabalho com Ensino Médio e Educação Especial e vejo que não saberia fazer outra coisa a não ser lecionar.

Sou grata às supervisoras e coordenadoras da escola onde comecei – Magda, Ana e Célia –, que hoje são minhas colegas de profissão, e a minha irmã Áuria, que acreditaram em mim e sempre me orientaram para que eu me tornasse a profissional que sou hoje!

Aureli Nack
Educadora de Manoel Ribas – PR



Cada aula é uma aula

Fui alfabetizada com a cartilha Bitu Bate Bola e, até hoje, lembro que não sabia ler. Já tinha decorado todas as lições, mas quando minha mãe tapava a figura, eu não sabia ler e tentava adivinhar.

No Magistério, tinha vários métodos para a alfabetização, todos muito enfeitados com lantejoulas, purpurina, etc. Mas quando cheguei no bairro em que ia lecionar, a realidade era outra e não pude pôr em prática os métodos aprendidos.

Hoje, como educadora, tento ver a necessidade, o anseio dos educandos. Eles ditam as regras por onde quer que eu inicie a alfabetização e não existe método, só o amor e o desejo, tanto deles quanto meus, de aprender, porque cada aula é uma aula.

Edna Bortotti dos Reis
Educadora de Ribeirão do Pinhal – PR



Recomeçar a cada dia

Nasci na cidade de Ourizona, meu nome é Conceição, tenho 52 anos, um casamento feliz e dois filhos maravilhosos.

Vim de uma família pobre e humilde. Meu pai sabia ler um pouco, minha mãe não sabia nada e por isso seu maior objetivo era a “escola dos filhos”, como dizia ela. Queria oferecer a nós o que lhe foi negado.

Fiz faculdade e comecei a lecionar há vinte e cinco anos. No ano passado, perdi meu pai e então minha mãe ficou sozinha. Pensamos que ela não fosse superar essa tragédia, mas ela mais uma vez nos surpreendeu. Seu primeiro passo foi procurar uma escola para aprender a ler e a escrever, pois agora precisava cuidar dos negócios do meu pai. Ficamos perplexos e então ela nos respondeu: “Agora tenho tempo suficiente para ir à escola, já cuidei de todos vocês e também do seu pai”.

E foi essa atitude que me levou a participar do Programa Paraná Alfabetizado, não como alfabetizadora, pois percebi que assim eu a constrangia, porque sempre escondia de nós que não sabia ler. Então tive a oportunidade de atuar como coordenadora do Programa na minha cidade e aceitei com muito carinho.

Estou maravilhada e tenho a clareza da responsabilidade que assumi. Me sinto gratificada quando visito as salas de aula e vejo em cada rosto de novos alunos a esperança e a vontade de aprender!



Contei este fragmento de minha vida porque, de todos pelos quais passei, foi o que realmente me marcou mais.

Ele deixa um exemplo de que nunca é tarde para recomeçar a cada dia...

Minha mãe tem, hoje, 77 anos.

Conceição Aparecida Souza Magro
Educadora de Ourizona – PR



Alfabetização, trabalho gratificante

Ao lembrar o processo de minha vida escolar, recordo com alegria das queridas professoras das séries iniciais. Apesar de utilizarem metodologias mais tradicionais, tendo como base a cartilha, demonstravam, em suas aulas, dedicação e esforço. A professora da segunda série contava histórias dramatizando e despertou em mim o desejo pela profissão.

Passei também por várias experiências desagradáveis, presenciando cenas de agressividade da professora da 4ª série com alunos que tinham dificuldade de aprendizagem, e isso me incomodava muito. Ficava assustada e procurava evitar ao máximo os erros. Hoje, como professora, aprendi a valorizar os erros, pois aprendemos com eles.

Iniciei minha carreira no Magistério, nas séries iniciais, e tive o privilégio de auxiliar educadoras ótimas. Quando assumi minha sala de aula, desenvolvi projetos de leitura, tema da monografia que escrevi, coloquei em prática e me realizei muito.

Com o passar dos anos, assumi a supervisão de ensino, trabalhei com aulas de Filosofia, Sociologia e Ensino Religioso, mas sempre recordando com saudade do meu primeiro amor: a alfabetização, trabalho gratificante.

Atualmente, continuo como supervisora e coordenadora local da alfabetização de jovens e adultos no município de Jacarezinho e, a cada dia que passa, adquiero mais conhecimento, conheço muitas pessoas, troco experiências e aumento os laços de amizade!

Marli Ambrósio Campos
Educadora de Jacarezinho – PR



A vida não foi fácil

Meu nome é Edilene Mazaron Dias, nasci no dia 14 de junho de 1973, em uma cidade muito pequena chamada Ângulo. Lá morei até os 16 anos, quando me casei. Eu e minha irmã estudamos até a 4ª série, pois meu pai não nos deixou estudar mais.

Aos 17 anos comecei a estudar novamente, junto com meu marido, mas ele não quis continuar e tive que parar. Fiquei muito triste, pois sempre gostei muito de estudar.

Alguns meses após o nascimento de minha filha, voltei para escola. Estudei de 5ª a 8ª série e não parei mais. Terminei a 8ª série e fiz o 2º Grau no CEEBJA.¹ Mas eu queria mais.

Então tive câncer na tireóide aos 22 anos. Pensei que ia morrer, mas tinha esperança de ser curada, pois fazia apenas dois meses que tinha adotado um menino com dois anos e eu sabia que ele precisava de mim.

Graças a Deus, com alguns meses de tratamento, fui curada e achei mais forças para continuar estudando. Voltei para a escola para fazer o Magistério, pois eu trabalhava em creche e precisava desse curso.

Quando estava terminando o Magistério fui chamada para lecionar em uma escola particular. Fiquei muito feliz, pois estava realizando um sonho! Queria fazer faculdade, mas meu marido era contra, dizia que mulher que fazia faculdade não prestava! Discutimos muito, eu dizia que ia fazer, ele

¹ Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos



dizia que íamos nos separar. Eu precisava fazer a faculdade, mas gostava dele, tinha dois filhos e não podia me separar. Então disse para ele que estava fazendo um curso para o novo trabalho em que estava atuando e comecei a fazer a faculdade sem que ele soubesse.

O novo trabalho era como coordenadora de um abrigo de adolescentes e crianças abandonadas, emprego que me fez crescer muito. Hoje, trabalho somente com alfabetização de adultos. Tive que sair do emprego no abrigo, do qual gostava muito, por problemas de saúde. Estou me recuperando, pois fiz a cirurgia bariátrica² e estou muito bem e feliz.

E assim terminei a faculdade, participei da formatura e meu marido não sabe que sou formada e já estou fazendo a pós-graduação. Às vezes fico triste, pois não queria esconder dele uma coisa que me deixa muito feliz, com a qual acho que estou me realizando.

Para mim, a vida não foi fácil até aqui. Passei por fases difíceis de saúde, por problemas na família, mas graças a Deus consegui passar por tudo e estou feliz por hoje estar aqui!

Ah! Desde que me casei, há 17 anos, moro em Umuarama. Minha filha se chama Carla e tem 14 anos e meu filho tem 12 anos e se chama Jean.

Edilene Mazaron Dias
Educadora de Umuarama – PR



² Intervenção cirúrgica para tratamento da obesidade

A história continua

Aos trinta dias do mês de janeiro de 1975, na cidade de Clevelândia, Estado do Paraná, da união de João e Alda, nasceu a bela Joalda, que sou eu. Já com alguns anos de idade, gostava de ouvir histórias, principalmente as contadas por meus avós maternos. E os anos foram passando e cada vez mais tinha vontade de seguir a profissão de minha mãe, ser professora. Gostava de ler histórias, ouvir e contar. Meu pai, motorista, passava a maior parte do tempo viajando e minha mãe dava aula nos três períodos, não tendo muito tempo para mim e meus três irmãos, Gisele, Manoel João e Fabiano. Por isso, ficávamos a maior parte do tempo com nossos avós maternos.

E o tempo foi passando. Eu fiz Educação Geral à noite e Magistério pela manhã, tendo minha mãe como professora. Logo resolvi me casar com Ivan Luiz, também motorista, e, para eu não ficar só, nasceu João Luiz. Resolvi fazer faculdade e comecei a dar aula, formando-me em Letras. Sempre fiz vários cursos, trabalhei três anos com Jovens e Adultos no SESI¹ (Telecurso 2000) e depois resolvi me inscrever no Programa Paraná Alfabetizado.

Iniciando no Programa, aqui estou eu, em Faxinal do Céu, fazendo minha capacitação. Faxinal do Céu, que lugar maravilhoso, tudo a ver com céu, e se o céu for assim, que Deus reserve um lugar para mim!

Nossa capacitação estava ótima e, segundo a coordenação, estávamos escrevendo nossas histórias para compor um livro. Particularmente, não acreditei muito, mas minha história relatei.

1 Serviço Social da Indústria



Passados alguns meses, fui convidada para ir a Curitiba fazer outro curso. Chegando lá, tamanha surpresa, era para ler aquelas histórias que havíamos escrito em Faxinal do Céu para organizar o famoso livro!

Lendo uma história aqui, outra ali, de repente me deparei com a minha história, a qual hoje estou dando continuidade. Acredito que ser educadora é ter alma e coração, e profissão é ter um caminho a seguir. Ser educadora é compartilhar o crescimento, o encantamento e o conhecimento. É construir um país. Nós, educadores, somos o alicerce, a base para uma nação. E se nós não existíssemos? Tudo o que somos foi dedicação de professores, almas devotas, super-heróis de uma grande, desordenada, mas esperançosa nação. Tenho orgulho de ser educadora, principalmente do Programa Paraná Alfabetizado.

Joalda Sardá Gollub
Educadora de Clevelândia – PR



Olhar diferente

Trabalhando como professora de EJA¹, perguntava aos meus alunos qual era o motivo que os havia trazido para a escola. A maioria deles dizia que queria aprender a ler, escrever e contar.

Num certo dia, pedi a eles que pesquisassem em suas casas onde havia coisas escritas e trouxessem para a sala no dia seguinte. Minha intenção era que eles percebessem a função que a leitura e a escrita representam na sociedade. Porém, um aluno disse assim:

– Lá em casa não tem nada escrito.

Ele se referia a materiais impressos, como livros, revistas ou jornais. Então perguntei:

– Na sua casa não se compram produtos, alimentos no mercado ou na mercearia?

Ele respondeu que sim. Então pedi que ele observasse as embalagens desses produtos e percebesse o que havia nelas.

Aí ele me olhou com muito espanto e disse:

– Sabe professora, eu nunca tinha percebido que havia coisa escrita nos pacotes e que podia ler o que está escrito no pacote de feijão, de fubá, no pote de margarina ou na caixa de maisena. Achava que só nos livros estavam as lições para a gente aprender.

¹ Educação de Jovens e Adultos



A partir desse dia, ele se tornou mais interessado e sempre que tinha embalagens vazias em casa, trazia para a classe perguntando o que estava escrito aqui ou ali.

Dessa forma aprendeu rapidamente e concluiu a quarta série com êxito.

Eliana de Fátima Buzin
Educadora de Toledo – PR



Doces lembranças

Nasci em Jardim Alegre no dia 6 de abril de 1974. Tive uma infância muito feliz, eu e meus irmãos brincávamos bastante.

Meus pais, sitiantes, sempre trabalharam bastante para dar o melhor para nós, e eu tenho muito orgulho deles.

Um fato que marcou muito minha infância é que, uma vez por ano, nós viajávamos para a casa de minha avó em Rolândia. Meu pai, na época, tinha uma Brasília onde viajava toda a família. Meus pais, na frente, levavam minha irmã caçula e, atrás, ia eu, meus dois irmãos já adolescentes, que passavam um perfume forte, e minha irmã, que não deixava abrir os vidros para não estragar o penteado nem encostar nela para não amassar o vestido.

Eu passava mal a viagem toda e meu pai tinha que parar muitas vezes no caminho. Eu chegava “amarela” na casa de minha avó e, quando mal me recuperava, já era hora de voltar e começava tudo de novo. Sempre que a família toda se reúne, recordamos esta época!

Bom, fiz o primário, o ginásio e o Magistério em Jardim Alegre mesmo. Quis fugir do Magistério, cursando Contabilidade, mas não fui feliz. Fiz licenciatura plena em Matemática e especialização em Educação Especial – deficiência mental.

Trabalho com educação especial e amo o que faço.

Moro em Jardim Alegre até hoje, com meus pais e minhas irmãs e somos inseparáveis e grandes amigos!

Roseli de Fátima Tassi
Educadora de Jardim Alegre – PR



Nossa história

Tenho 31 anos, sou casada e tenho dois filhos.

Tive uma infância sofrida, apanhava do meu pai com vara, ia com as pernas marcadas para a escola, onde encontrava um general e não uma professora. Tinha uma televisão velha em casa e via a propaganda de um japonês comendo um salgadinho de palitinhos. Eu sonhava comer aquilo um dia. Hoje, quando chego a um supermercado e vejo, pego logo e compro.

Me casei aos 14 anos na esperança de não mais apanhar, mas encontrei um homem violento. Não o amei nunca, sonhei durante 10 anos em me separar e consegui, apesar de muitas ameaças.

No ano de 2004, perdi meu irmão em um acidente de moto. Naquele mesmo ano, minha irmã se casou e me convidou para ser madrinha. Eu não tinha par, então minha mãe ligou para o Gilberto, em São Paulo, e convidou-o para entrar na igreja comigo. Gilberto era um rapaz que cresceu comigo na fazenda de Piratininga, no distrito de Paiquerê, em Londrina. Ele dizia que até a morte me amaria!

Fomos por caminhos diferentes e nos reencontramos no casamento de minha irmã. Nos casamos há um ano e três meses, temos uma filha de nove meses, que era o sonho dele. Somos muito felizes. Quando tive a nenê, comecei a entrar em depressão, mas fui convidada pela coordenadora Leila para fazer parte do Programa Paraná Alfabetizado, e isso me livrou da depressão.



Comecei a exercer o Magistério e, por meio das histórias de vida dos educandos, pude, pela primeira vez, contar a minha história, que se identifica muito com a deles. Confesso que o ganho é pouco, mas quando Pitangueiras estiver alfabetizada, gostaria de ajudar outras cidades rumo ao Paraná totalmente alfabetizado!

Valquiria da Silva Santos
Educatória de Pitangueiras – PR



Caracterização dos sonhos

Sempre acreditei naquilo que existia dentro de mim, na minha capacidade. Sonhava com uma profissão diferente, promissora e que satisfizesse o que estava intrínseco em meu coração e em minha mente.

Meus familiares sempre apoiaram e acompanharam meu desenvolvimento. Quando pequena – se é que algum dia fui pequena –, tímida como sempre, parecia uma conchinha do mar, nunca me expondo. Na época de escola, sempre pública, obedecia, respeitava e nunca procurava confusão. Ah! Minha professora do primeiro ano, Dona Iraci, agora é minha colega de trabalho na escola. Eu sempre fazia minhas tarefas, era uma criança normal, brincava de boneca, de queimada, amarelinha, juntamente com irmãos e vizinhos.

Fui crescendo, me desenvolvendo. Um dia, olhei uma planta baixa de uma residência que meu pai ia construir e falei:

– Mãe, que coisa mais linda! É isso que eu quero fazer! Quero fazer coisas bonitas para pessoas diferentes! Fiz muitos cursos de desenho, adorava desenhar!

O tempo passou. Depois da oitava série, como minha mãe é professora, fui fazer o Magistério. Sempre tive jeito com crianças. Logo no segundo ano, assumi aulas em um projeto. Comecei cedo a trabalhar, educando e direcionando minha vida e meus sonhos. Continuei sempre lecionando.

Quis ir para fora da cidade para fazer faculdade. Meu pai não deixou, disse que tinha de fazer uma em Umuarama mesmo. Fiz Ciências Exatas, depois pedi autorização ao meu pai para sair. E fui buscar o caminho certo para realizar meu grande sonho, fui para Curitiba.



Em uma visita a casa dos meus pais, estava aberta a inscrição para o vestibular do curso que sempre sonhei. Fiz a inscrição e passei. Voltei para Umuarama realizando meu sonho. Foram cinco anos que, para mim, passaram tão rápido que eu faria tudo novamente.

Chegou a época da formatura, o grande dia! No ato da missa, uma profissional da área me convidou, na frente do altar, para ir trabalhar com ela. Estou lá até hoje, me realizo a cada dia e já faz dois anos e quatro meses que sou arquiteta!

Quanto a educar, é um privilégio que não dispensarei enquanto viver. Vivo diariamente com as crianças e não deixo seus carinhos e a oportunidade de passar o pouco que sei. Hoje, são dez anos lecionando para a Prefeitura de Umuarama, e se somar desde o Magistério, sou professora há 13 anos.

Quanto à alfabetização de adultos, que maravilha! Que privilégio poder partilhar das histórias de vida dos educandos, me sinto honrada!

Agradeço a Deus pelo privilégio de construir coisas bonitas e funcionais e por poder concretizar meus sonhos.

É claro que tenho outros sonhos, mas aí fica para uma outra história!

Angela Garcia Stevanelli
Educadora de Umuarama – PR



O fato que mais me marcou

Em nossa vida, temos muitos momentos marcantes, momentos bons e ruins. Um dos fatos que mais me marcou e ainda hoje marca, dói e será sempre assim, ocorreu há um ano e sete meses.

Naquela tarde de terça-feira, 18 de novembro de 2003, dia do aniversário de minha mãe, voltava eu do trabalho, toda animada com o presente nas mãos, quando percebi, em frente a minha casa, uma movimentação estranha. Me deu um frio na barriga, o coração acelerou e eu corri. Entrei pelo portão, pela porta, sem falar e sem perguntar nada. Ao adentrar a sala, minha mãe estava sentada no sofá chorando, as pessoas consolando-a. Agachei-me a seus pés e perguntei o que havia acontecido. Ela respondeu-me: “seu pai passou mal, está no hospital.”

Liguei para o pronto-socorro e fui informada de que meu pai havia tido um enfarto, estava sendo medicado e seria transferido para um hospital na cidade de Umuarama, onde teria melhores recursos.

Fui ao pronto-socorro e ainda vi meu pai sendo levado. Ele me disse que sentia muita dor no peito. Beije-o como sempre fazia.

Todos os dias íamos vê-lo na UTI. Na sexta-feira, ele recebeu alta da UTI e foi para o quarto. Os médicos disseram que ele estava bem e fora de perigo.

Mesmo lá, na UTI do hospital, ele sempre perguntava pela minha filha e por outra neta. Seus olhos ficavam marejados e dizia que tinha muita saudade delas. As duas eram sua alegria.



No sábado à tarde, minha mãe foi visitá-lo e ele ficou todo feliz. O médico disse que na próxima segunda-feira ele teria alta do hospital e voltaria para casa. Mas, na noite de sábado, 22 de novembro, o telefone tocou. Era minha irmã, do hospital, avisando que meu pai tinha sofrido um segundo enfarto e não havia resistido.

Os médicos e as enfermeiras que o atenderam disseram que ele morreu sorrindo. Conversando e sorrindo, fechou os olhos e partiu, tranqüilo e em paz.

Sinto muito a falta dele, mas sinto-o sempre presente. Foi ele, meu pai, mesmo sem ter estudado o primário, que me ensinou a ler essa leitura de mundo de que tanto falamos. Ele foi meu alfabetizador, tanto na leitura como na escrita.

Maria Izaura Martins
Educadora de Icaraíma – PR



Uma vida, muitas lutas e vitórias

Nasci perto de Pitanga, em Cachoeirinha. Lá vivi com meus pais e cinco irmãos, todos meninos.

Meus pais trabalhavam na lavoura. Minha mãe era muito doente e meu pai era alcoólatra. Morávamos muito longe da escola, por isso não comecei a estudar na idade normal, sete anos. Meu pai, preocupado porque eu já estava com dez anos e ainda não havia sido matriculada em nenhuma escola, vendeu seu terreno, sua casa e mudamos para uma comunidade chamada São Sebastião, em Boa Ventura de São Roque.

Em São Sebastião, fui matriculada num grupo escolar, mas já sabia ler e escrever porque minha mãe me ensinou com rótulos. Tudo o que encontrava com algo escrito, corria até minha mãe e pedia para que me ajudasse a ler, e foi assim que me alfabetizei. Tinha paixão pelo estudo, mas minha mãe dizia que “menina vai casar e não precisa estudar”. Quando eu ouvia isso de minha mãe, pensava: “ela que pensa, vou estudar sim!”

Minha mãe faleceu naquele mesmo ano e junto com ela pareceu-me que perdi todos de minha família. Meu pai foi embora e espalhou todos os filhos. Meu irmão mais velho tinha apenas doze anos, eu tinha dez e meu irmão mais novo tinha um ano e meio. Ouvi dizer que, quando minha mãe faleceu, estava grávida de quatro meses.

Meu irmão mais novo foi doado pelo meu pai a uma família estranha, meus outros quatro irmãos foram criados por parentes do lado de minha mãe e eu fui criada por uma tia do meu pai.



Somente o estudo me dava gosto na vida, mas onde e com quem fui morar, não podia estudar. Minha tia chegava a esconder meus materiais para que eu não estudasse. Vivia ameaçando me tirar da escola, até que um dia, quando tinha concluído apenas a sexta série, cumpriu a promessa que vinha fazendo e tirou-me da escola. Isso me deixou muito triste.

Comentei com um padre, um dia, que queria ser freira, e ele me levou para um colégio de freiras. Nesse colégio estudei a sétima série e no outro ano fui transferida para outro colégio, onde estudei a oitava série. Como desenvolvia muito bem os trabalhos da igreja, como catequese, grupos de jovens, grupos de canto e até substituía as irmãs nas aulas de ensino religioso, a madre superiora decidiu que eu já poderia fazer os primeiros votos. Isso me deixou triste porque, na verdade, eu não queria ser freira e estava lá apenas para poder estudar. Pedi à madre superiora que me permitisse ficar um ano em casa, porque não estava totalmente segura se queria ser freira. Ela permitiu.

Voltei para a casa de minha tia, mas, ao chegar, a primeira coisa que ouvi dela foi que em sua casa não iria estudar de forma alguma. Um outro tio, irmão de minha tia, era prefeito da cidade naquela época e, numa visita à minha tia, pediu a ela que permitisse que eu voltasse a estudar. Mas ela disse que não iria me matricular. Então ele se prontificou e matriculou-me no curso de Magistério no colégio Francisco Carneiro Martins, em Guarapuava. Fiz um concurso e iniciei o trabalho como professora no pré-escolar. Como estudava de manhã e trabalhava à tarde, minha tia começou a brigar muito comigo, porque não sobrava tempo para ajudá-la em casa. Acabei pedindo a conta do meu trabalho e abandonei os estudos, pois ia chorando para o colégio, estava sofrendo muito com a situação e não estava conseguindo me concentrar nos estudos.



Fui visitar uma tia em Pinhão. Essa tia era irmã de minha mãe, mas fazia muitos anos que eu não a via. Chegando em sua casa, pedi se poderia morar com ela. Comprometi-me em fazer todos os serviços de casa e cuidar de sua escola de datilografia sem que ela precisasse me pagar um salário, contando que me permitisse freqüentar o colégio no período da noite. Morei com essa tia quase um ano. Fiz muitas amizades, participei do grupo de jovens de minha igreja e fui secretária do grêmio estudantil do colégio.

No final daquele ano, minha tia, não sei por que razão, mandou-me embora. Nem tive tempo de fazer as últimas avaliações do ano escolar, e assim iria perder o ano. Fui embora sem comunicar a ninguém para onde estava indo e porque estava indo embora.

Fui morar com meu irmão em Palmital. Os professores de Pinhão, ao sentirem minha falta no colégio, tentaram me localizar e, não sei como, descobriram meu paradeiro em Palmital. Por meio da delegacia de Palmital, pediram para que eu voltasse à Pinhão e ficasse na casa de uma amiga. Assim, fiz todas as avaliações e retornei à Palmital. Lá me matriculei no colégio, no único curso que tinha, o de Comércio. Iniciei o trabalho numa sorveteria, onde trabalhei até nos domingos e feriados.

Um dia, meu primo, filho da tia que me criou, foi até Palmital resolver algo na prefeitura e encontrou-me na sorveteria. Então ele levou a notícia para sua cidade. Outro primo, irmão deste, ligou-me e pediu que fosse trabalhar com ele em sua loja de material de construção. Abandonei tudo em Palmital e voltei a Turvo, onde trabalhei no caixa e era responsável também pelo escritório dessa loja. Meu primo não me pagava salário, mas me dava casa, comida e pagava as mensalidades do curso supletivo no qual havia me matriculado. Eu estava tentando correr atrás do tempo perdido.



Quando concluí o último ano do Ensino Médio, ao chegar em casa, minha prima disse-me que se eu quisesse fazer faculdade deveria morar em outro lugar, porque em sua casa não poderia. Sendo assim, fui até a casa de uma viúva e pedi a ela para morar com ela, como pensionista. Não continuei os estudos nesse tempo porque trabalhei manhã, tarde e noite para me sustentar e pagar a pensão. Nessa casa, morei até o dia do meu casamento.

No início do namoro, com quem hoje é meu esposo, comentei que iria voltar a estudar, mas ele não estava de acordo. Fiquei entre casar ou estudar. Nessa indecisão, decidi que iria casar e desistir do sonho de fazer curso superior.

Casei-me e depois de dois anos nasceu minha filha Natali. Pensando em voltar a estudar, depois de um ano e cinco meses nasceu meu segundo filho, José. Durante três anos, trabalhei meio período na escola e me dediquei muito a meus filhos e quando meu filho mais novo já ia completar quatro anos, prestei vestibular para o curso de Pedagogia. Consegui ser aprovada e fiz o curso com muita dedicação. O dia de minha formatura foi um dos dias mais importantes de minha vida, pois foi conquistado com muito esforço e muita luta.

Assim que concluí o curso, já iniciei a especialização. Tinha dois concursos pela Prefeitura e prestei concurso para professor pedagogo pelo Estado. Fui aprovada e hoje trabalho vinte horas como professora alfabetizadora, trabalho que amo fazer, e vinte horas como professora pedagoga pelo Estado. Agora, estou assumindo mais dez horas como Coordenadora do Paraná Alfabetizado.



Estou me sentindo realizada. Tudo que planejei para minha vida se concretizou. O que ainda almejo é ver meus filhos formados e realizados em suas vidas.

Esta história parece ser uma história triste, mas não é. É uma linda história porque os sofrimentos descritos nela fizeram-me forte e, enquanto vejo muitas pessoas tomando antidepressivos, eu nunca tive depressão e acredito que nunca terei. Sou feliz pelas pequenas vitórias. Minhas ações do dia-a-dia me fazem feliz.

O sonho sempre nos acompanhará em nossas vidas. Enquanto existir o sonho, existirá luta e esforço. O sonho só acaba quando a gente morre. Enquanto existir vida, existirá o sonho e a esperança. Sendo assim, sonhe, lute e cultive a esperança.

Jurema Aparecida Gonçalves Paulowski
Educadora de Turvo – PR

Direito roubado

Algo que me marcou como alfabetizadora foi a história sofrida de Dona Eudalha, marcada pela proibição e rigor dos pais que diziam: “menina não pode estudar”. Ela sonhava em poder ler os livros de seus irmãos e ficava horas olhando as ilustrações, escondida no canto do guarda-roupa.

A princípio os pais, depois, a vida roubaram-lhe esse direito.

Hoje, aos 81 anos, esboça seus primeiros traços... E, rindo, mostrou-me sua nova identidade, com uma letra toda caprichada e disse:

– Sempre sonhei com isso! Se eu tivesse sessenta anos, ainda realizaria um outro sonho antigo: seria médica como meu irmão, que faleceu, ia ser!

Francismeire Cristina Silva Dias Reis
Educadora de Nova Fátima – PR



Momento marcante de minha alfabetização

Comecei ir à escola com seis anos de idade. Ainda não tinha idade para ser matriculada, mas ia, como se dizia naquela época, “encostada”. Meu professor era uma pessoa já de idade, um amor de pessoa. Aprendi bem rápido todas as letras do alfabeto, como se escrevia e como se pronunciava.

Lembro-me de que naqueles dias minha mãe havia comprado um guarda-roupa novo e eu, com um grampo de cabelo, fui até a porta do mesmo e, soletrando, escrevi o meu nome.

Fiquei curiosa para saber se havia escrito certo, então corri e chamei minha mãe para ver. Minha mãe, quando viu, ficou uma fera, mas depois ela leu e falou que eu havia escrito certinho. Nossa, eu fiquei numa alegria só! Até minha mãe, depois de ver que eu havia aprendido a escrever meu nome, se comoveu, me abraçou e meu deu os parabéns e a bronca diminuiu!

Esse foi o momento mais importante e marcante do processo da minha alfabetização.

Elisangela Paula Barcarolo
Educatória de Três Barras do Paraná – PR



Lembrança

Quando freqüentei a 1ª série, não conhecia letras nem números. Minha turma era formada por mais de trinta alunos. Minha professora, chamada Anilza, vive até hoje e dela guardo lindas recordações.

Chegou o dia em que iríamos estudar os numerais. Rapidamente copiei do quadro os números de 1 a 10 e, orgulhosamente, mostrei para a minha melhor amiga, Juvelite. Ela olhou e falou bem alto:

– Professora, a Neuzinha copiou, no lugar do “4”, uma cadeira!

Todos riram muito. A professora, muito delicada, se aproximou e, com muita naturalidade, me ajudou a corrigir. Sem trauma. Esse fato continua muito vivo em mim: a vergonha de ter copiado errado superada pela forma com que a professora resolveu a situação.

Neuza T. Corso da Silva
Educadora de Pranchita – PR



História de uma alfabetizadora

Por acaso, pelos corredores da escola onde dava aulas, ouvi um comentário sobre um programa de alfabetização de adultos e me interessei, pois há um ano já havia dado aulas de EJA e foi uma experiência marcante. Inscrevi-me e, pouco tempo depois, estava em Faxinal do Céu fazendo a capacitação.

Como era por tempo de serviço, fui uma das últimas colocadas e, assim, peguei a comunidade do Vau, em uma Vila Rural. O primeiro desafio foi formar a turma, indo de casa em casa, mas até que foi fácil. Depois, foi o local: na escola da Vila Rural não tinha luz e o jeito foi dar aulas no Centro Comunitário, onde improvisamos um quadro e eu trouxe algumas carteiras da escola.

Nos primeiros dias, a frequência dos educandos foi ótima. Eu dividia um espaço com outra professora e muitos problemas começaram a surgir. Adolescentes se concentravam em frente à escola – tinha até filhos de alguns educandos – e a algazarra era grande. Isso começou a incomodar e alguns pensaram até em desistir, mas fomos levando. Tempos depois, começou a ter louvor em um dia da semana e tivemos que improvisar a sala de aula em uma cozinha bem pequena, mas ainda tinha barulho. Além disso, alguns educandos tinham problemas de vista e era difícil à noite. A solução foi dar aulas no sábado pela manhã, com a condução por minha conta. Essa comunidade fica a sete quilômetros da cidade, mas como era época de eleições, eu sempre ganhava carona. Eu também sempre visitava os alunos em suas casas, principalmente os que faltavam bastante ou tinham algum problema de saúde.



O tempo foi passando e a professora que dava aula junto comigo acabou desistindo. Sem ter outra professora, assumi alguns alunos dela e, para dificultar ainda mais, a maioria dos alunos preferia aulas em casa. Para não desistir, foi o que fiz: preparava bastante atividades e deixava com os alunos. Aos sábados deu certo, os alunos sempre iam. Era um grupo pequeno, mas determinado. Com as visitas, mais que ensiná-los, eu aprendia com suas histórias de vida, todas elas sofridas, mas deixando lições que jamais irei esquecer.

No reinício das aulas, após as férias, outra professora assumiu e eu fiquei só com a minha turma. Teve um dia em que estava bem desanimada, pensando que não tinha desempenhado bem o meu papel e foi nesse momento que uma educanda de quase sessenta anos me falou:

– Sabe, esses dias eu estava pensando: dias atrás, ao chegar em um local, eu sentia a maior vergonha de colocar o meu dedo naquela almofada, sentia que todos estavam me observando. Agora, eu me sinto gente, chego toda orgulhosa e peço a caneta para assinar o meu nome e isso não tem preço. Que Deus te abençoe e te dê muita saúde para nunca desistir de nós!

Voltei para casa emocionada, peguei todos os trabalhos deles, que estavam guardados, e comecei a analisar o desempenho de cada um. Vi que o pouco para mim era muito para eles e desde aquele dia tomei um novo impulso. Fui até o final do projeto e acho que cresci como pessoa. Vi também que meus educandos tornaram-se cidadãos mais conscientes e que, de alguma forma, podem lutar por uma vida mais digna. Sonhar sim, e nunca deixar a esperança de lado! E sempre levantar a bandeira da educação, pois nós, educadores e educandos, queremos ter um país mais digno, onde cada brasileiro possa dizer: “Hoje, eu sou alfabetizado!”

Suzana Magali Szeremeta
Educadora de Reserva – PR



Foi assim

Nasci em José Bonifácio, bairro da cabeceira da Ubarana, Estado de São Paulo, em 16 de outubro de 1954. A casa em que nasci era de pau-a-pique e coberta de sapé. No ano de 1951, foi construída uma nova casa de alvenaria e coberta de telhas, onde vivi, até os 18 anos, com meu pai, minha mãe e meus três irmãos. Minha mãe vive até hoje nessa casa, e meu pai faleceu no final de 2004.

Durante o período em que lá vivi, trabalhava na roça, principalmente na colheita de café. Estudei da 1ª à 3ª série numa escola do bairro e da 4ª série até o término do curso de Magistério, na cidade. Os meios de transporte eram cavalo, charrete ou bicicleta.

Um fato interessante que muito me marcou e até me tornou um pouco mais religioso foi que, em 1968, quando eu tinha 14 anos, minha família, exceto eu, sofreu um acidente e minha mãe e meu pai ficaram sem poder trabalhar por aproximadamente 90 dias. Eu cuidava sozinho de toda a lavoura e estudava à noite. A lavoura que tínhamos no momento era uma plantação de arroz. Era a nossa esperança, principalmente a minha, colher bem e evitar maiores necessidades. O arroz não era irrigado. Era sequeiro. Na hora de soltar os cachos, veio uma estiagem longa.

Eu, adolescente, olhava para a roça e sentia a esperança indo embora. Um dia, angustiado, fiz um pedido a São João, que intercedesse por mim e nos proporcionasse um pouco de produção; se fosse atendido, colocaria uma imagem sua na capela do bairro. Fui atendido, pois nossa lavoura não deu 100 x 1, mas creio que 60 x 1,¹ enquanto que uma lavoura vizinha de cerca, que havia sido plantada no mesmo dia, não produziu nenhum grão.

¹ Em uma determinada área plantada, em época de colheita, o rendimento deveria ser de 100 sacas. No entanto, em decorrência da estiagem, o rendimento foi de 60 sacas.



Em 1972, quando conclui o curso de Magistério, vim para Querência do Norte, pois aqui já se encontrava minha irmã e um primo, cada um com sua família. No dia 12 de fevereiro de 1973, comecei a lecionar em uma escola rural, a Escola Rocha Pombo, numa sala multisseriada. Além de ensinar, ainda fazia a merenda e lavava as panelas em um riacho.

Não parei de estudar. Fiz, concomitante ao trabalho, o curso de Letras em Umuarama e o curso de Artes Industriais na Universidade de Ponta Grossa, com bolsa de estudo. Em 1979, efetivei-me no Estado, no ensino de primeira a quarta série. Em 1982, assumi novo padrão de 5ª a 8ª. Meus familiares foram embora e eu fiquei só. Participei de movimentos de igrejas, de esportes, comunitários, etc.

Em 1989 adotei um filho, que se tornou pai aos 16 anos, trazendo a esposa e a filha para morarmos juntos. Hoje, ele tem três filhos e eu tenho três netas, que são a minha vida.

Sempre tive uma militância política no município, mas no ano de 2000, em virtude do candidato natural do meu partido ter desistido da candidatura sete dias antes da convenção, fui compelido a candidatar-me a prefeito do município. Minha família adotiva, a quem eu amo acima de tudo, me deu forças e fui vencedor da eleição. Durante o meu mandato, nas horas angustiantes, o que sempre me animou e me renovou o ânimo foram os gritos das minhas netas a correr para me encontrar quando chegava em casa: "Vô! Vô!"

Só tenho, então, que agradecer a Deus por tudo que me tem proporcionado.

Vlaumir Rodrigues
Educador de Querência do Norte – PR



Ser professor é uma grande responsabilidade

Meu nome é Roselia de Souza, sou alfabetizadora de jovens e adultos e professora de 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental, no Assentamento 29 de Agosto. A minha história como alfabetizadora começou no ano de 1991, em Inácio Martins, em um acampamento de sem terras, agora denominado Assentamento José Dias.

Nós fomos com 800 famílias para esse acampamento organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Lá, tornei-me conhecida de todos porque iniciei um trabalho voluntário como agente de saúde. Eu percorria todo o acampamento atendendo, dentro da nossa disponibilidade, as pessoas que precisavam de remédios.

Trabalhei um ano e meio só ajudando as pessoas, sem ter nenhuma ajuda de custo. Eu deixava meus três filhos sozinhos no barraco para ajudar os outros. Muitas vezes, eu tinha que sair à noite, acompanhar pessoas que ficavam doentes até os hospitais da região. Foi então que meu esposo me deu a idéia de deixar a saúde e procurar um outro trabalho que tivesse alguma remuneração, porque as nossas condições financeiras estavam críticas e já não havia tanto trabalho para os homens naquele lugar.

No ano de 1990, todos os pais que viviam no acampamento começaram a se organizar para a construção de escolas. Foram feitos grandes barracos para as salas de aula. Recebemos do Estado as carteiras para os alunos.

Até aí, as autoridades locais não tinham conhecimento do problema das crianças que lá viviam sem estudar. Então nos organizamos para fazer o teste seletivo da prefeitura de Inácio Martins, para assumirmos as salas de aula. Fui aprovada, com mais 12 companheiras e, em 1991, iniciamos as aulas, com a documentação da escola toda legalizada.



Minha primeira turma foi uma sala de 1ª série, com 35 alunos. Ao todo, eram 290 alunos. Foi muito boa e inesquecível a sensação do primeiro dia como professora! As crianças, sofridas com as péssimas condições de vida em que viviam, tinham muita vontade de estudar e aprender. Trabalhei um ano contratada e no ano seguinte passei no concurso público, pois já estava me sentindo mais segura do que estava fazendo, apesar de, na época, eu ter somente a 4º série.

Comecei a estudar, fiz o 1º e o 2º Grau com dificuldade porque era muito longe, mas consegui.

No acampamento onde estávamos, a terra não era suficiente para abrigar todas as famílias e então surgiu a idéia de nós e outras famílias nos organizarmos e irmos para o acampamento Wagner, onde estava sobrando terra.

Quando cheguei, já encontrei a escola construída pelos acampados. A professora Oneide e a professora Nelita já estavam trabalhando, mas tinha muitas crianças e faltavam professores.

No ano seguinte, fui novamente prestar concurso para professores em Cantagalo, fui aprovada e comecei a trabalhar. A escola ainda era um baraco. Continuei estudando, fiz o Magistério em Goioxim e agora estou cursando o Curso Normal a Distância (CND).

Com muita dificuldade, cheguei onde estou, mas trabalho com muito amor e dedicação, porque sei que estou em sala de aula preparando crianças, que serão o futuro de nossa nação, e alfabetizando adultos, que ficam muito felizes em aprender o que não tiveram oportunidade quando crianças.

Ser professor é uma grande responsabilidade.

Roselia de Souza
Educadora de Goioxim – PR



Encarar o preconceito

Em agosto de 1981, eu, Rosilda de Paulo, e mais a minha família, tios e avós, nos mudamos para o município de Pitanga. Eu tinha três meses na época, de família pobre, quase não tínhamos nem o que comer. Meu pai Anézio e minha mãe Fátima lutaram muito, trabalharam de sol a sol para que eu e meus três irmãos tivéssemos uma profissão. O tempo foi passando, as coisas melhoraram muito e meu pai passou a ser gerente da fazenda onde morávamos.

Com sete anos comecei a ir à Escola Rural Municipal Miguel Adur Filho, na qual hoje trabalho. Andávamos quatro quilômetros a pé, não tínhamos lanche, mas era muito divertido. O meu professor daquela época, hoje é o diretor da escola.

Terminei a 4ª série e comecei a estudar no colégio em Santa Maria do Oeste, a 35 quilômetros de minha casa. Levantávamos quatro e meia da manhã para pegar o ônibus às cinco horas e voltávamos às duas da tarde, isso quando o ônibus não quebrava ou encalhava. Depois de almoçados, eu e meus irmãos Ronaldo, Roseli e Reginaldo íamos para a roça para tentarmos ganhar o sustento da casa.

Em 1996, minha mãe começou a trabalhar como agente de saúde, trabalho que faz até hoje. Eu terminei o Ensino Médio e, com 19 anos, comecei a trabalhar em Santa Maria e também comecei a cursar o Magistério. Nem imaginava eu que, a partir daí, começaria a parte mais difícil de minha vida. Em agosto de 2004, engravidei do meu primeiro filho, Carlos



Henrique. Perdi o emprego, minha família se revoltou, mas me apoiou, pois eu era solteira. Com muita dificuldade, consegui terminar o Magistério e, 46 dias após o nascimento do meu filho, comecei a trabalhar à noite com uma turma de EJA e logo em seguida com educação infantil. Também comecei o Curso Normal Superior.

Após dois anos e meio, novamente engravidei da minha filha Kauane Vitória, que é portadora de deficiência mental. Foi muito mais difícil, novamente perdi a confiança de todos e o emprego também. Então me inscrevi no Programa Paraná Alfabetizado em abril de 2005, graças ao qual terminei de pagar meu curso.

Hoje, estou aqui novamente para trabalhar e poder dar aos meus filhos tudo o que eu não tive, principalmente poder encarar o preconceito de ser mãe solteira. Aos poucos estou me levantando e tudo que quero agora é conquistar meu espaço, ser uma ótima profissional, porque amo ser educadora, mas, acima de tudo, poder criar meus filhos dignamente e educá-los da melhor forma possível.

Atualmente, meu irmão mais velho é técnico administrativo; minha irmã, enfermeira; eu, professora; e meu irmão mais novo, professor de informática.

Rosilda de Paulo
Educadora de Santa Maria do Oeste – PR



Um pouquinho da minha história

Meu nome é Ademir da Silva Fidêncio, moro na Reserva Indígena São Jerônimo, em São Jerônimo da Serra, e vou contar um pouquinho da minha história. Tenho 30 anos e me casei aos 15. Aos 20 anos, me tornei viciado em bebida alcoólica, deixando minha família, a escola, etc.

Aos 27 anos, consegui me libertar do vício por meio do Evangelho. Foi então que retomei meus estudos e minha vida.

Algum tempo depois, meu amigo João da Silva me cedeu sua vaga como alfabetizador no Programa Paraná Alfabetizado, e atuo na Reserva Indígena São Jerônimo.

Agradeço ao meu amigo João da Silva e à senhora Nilza, diretora da escola, por acreditarem em mim, fazendo com que eu também acreditasse.

Ademir da Silva Fidêncio
Educador de São Jerônimo da Serra – PR



Vida

Como alfabetizadora, tenho participado de momentos alegres com meus educandos, mas também tenho presenciado momentos tristes.

Outro dia, fui atender um educando em sua casa. Cheguei, acho que em boa hora, pois o casal se encontrava numa briga e, ao me verem, pararam de discutir. Havia muitas coisas quebradas pelo chão e me pus a juntá-las. O filho do casal, de mais ou menos cinco anos, veio ao meu lado e passou a me ajudar. Sem saber bem o que fazer, peguei o menino no colo, entreguei para o pai e pedi que brincasse com ele enquanto a mãe e eu limpávamos a casa. Todos choramos.

Desemprego, pobreza e falta de dinheiro causaram a briga.

Além de alfabetizar, procuro mostrar a eles que existem caminhos, e que com amor e compreensão a vida é menos sofrível.

Valéria Guckert
Educadora de Marechal Cândido Rondon – PR



Tenho muito que aprender

Nasci em uma família de treze irmãos e, sendo a mais velha entre eles, sempre tive que trabalhar para ajudar a criá-los.

Meu pai deixou que eu estudasse somente até a terceira série. Como passávamos por muitas dificuldades, tirou-me da escola para eu trabalhar. No entanto, eu nunca deixei de sonhar.

Trabalhei na roça, executando todas as tarefas e trabalhos manuais, bem como todos os serviços da agricultura familiar.

Aos 26 anos, casei-me. Depois de seis anos de casada, voltei a estudar e concluí o segundo Grau no CEEBJA¹.

Cursei o Normal Superior e não parei mais. Agora, estou cursando Técnico em Secretariado, pois sei que ainda tenho muito que aprender. Trabalho há oito anos de merendeira e gosto muito do que faço.

Neste ano de 2006, entrei no Programa Paraná Alfabetizado e estou gostando. Vale a pena.

Iraci Machado dos Santos Danzer
Educadora de São Pedro do Iguazu – PR



¹ Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos

O meu lugar

Eu me chamo Rosilene Maria Vedovato Bacelar, tenho 32 anos, sou casada e tenho um filho. Moro em Luziana, núcleo de Campo Mourão. Quando criança, a minha brincadeira preferida era juntar todas as cadeiras da casa no meu quarto e fazer da parede o meu quadro-negro. Ali eu ensinava meus alunos fantasmas: chamava atenção, passava de carteira em carteira ensinando. Ali eu ficava horas, esquecia do tempo! Tudo que eu aprendia de manhã com a minha professora, eu ensinava à tarde para meus alunos, como se eles existissem de verdade. Ali, eu tinha alunos de todos os tipos: comportados, indisciplinados... Eu, na inocência de criança, me sentia a própria professora, me sentia feliz!

E assim os anos foram passando. Cresci e minha opção foi o Magistério. No período do curso, passava mais tempo fazendo estágio e substituindo professores do que na sala de aula estudando. Amava estar na escola.

Acabei meu curso e realizei o sonho de ter a minha própria turma. Continuei meus estudos, fiz Pedagogia e me especializei Psicopedagogia. Trabalhei como professora durante cinco anos, casei-me e mudei para o Estado de Goiás e, por falta de opção, me tornei secretária da fazenda onde fui morar. Toda vez que passava na frente de uma escola, meu coração batia mais forte, pois eu sentia que ali era o meu lugar, era ali que eu queria estar.

Hoje, cinco anos depois, retornei ao Estado do Paraná e novamente vou fazer o que verdadeiramente gosto: ensinar. Estou me sentindo feliz e realizada. O que importa é que estou retornando, pois na vida, quando fazemos o que gostamos de verdade, somos mais capazes e dinâmicos.

Ensinar não é uma obrigação, mas um ato de amor!

Rosilene Maria Vedovato Bacelar
Educadora de Luziana – PR



Para aprender muito mais

Meu nome é Luciana Angeliski da Silva Rodrigues e trabalho na área de educação há cinco anos. Sou formada em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Administração e Tecnologia de Ibaiti (FEATI). Hoje, estou cursando pós-graduação na área de educação especial inclusiva. Trabalhei quatro anos com Educação Infantil na creche Dona Nenzinha e há um ano trabalho com as séries iniciais na Escola Municipal Dr. César Augusto Luiggi de Oliveira, na cidade de Japira.

Nasci no ano de 1975, em 20 de agosto. Minha história como professora começou desde pequena, pois sou filha e neta de professor.

Quando criança, fui acostumada a escutar histórias de uma coletânea infantil, lidas por minha avó antes de dormir. Cada dia era uma. Minha vontade, nessa época, era de pegar aqueles livros cheios de figuras e ler sozinha. Nem acreditei quando entrei na escola e aprendi a ler.

Minha professora do 1º ano, chamada Jacira, não esqueço, brigou muito por causa da minha letra, mas me ensinou demais. Então, fui devagarinho realizando um de meus sonhos: lendo os livros a qualquer hora, sem precisar de minha avó, deixando para ela somente o horário de dormir.

Continuei meus estudos sempre querendo saber mais. O sonho de um dia ser professora, como todos os meus familiares, foi aumentando. Terminei o Ginásio e fui cursar o Magistério. Meus estágios eram a realização, ultrapassava as horas, pois adorava estar lá. Minha regência foi o começo de tudo, fiquei uma semana sozinha na sala de aula, os alunos passaram a ser meus alunos.



Terminando o Magistério, comecei a trabalhar com uma turma do Mobral,¹ de 1º e 2º ano. Que experiência inesquecível ver aquelas pessoas, que não conseguiam nem pegar no lápis, aprendendo a ler algumas palavras.

Depois, fiquei quatro anos em casa, sem trabalhar. Fiz concurso e passei. Fiquei esperando ser chamada. Um dia, me avisaram que tinha uma vaga para mim. Fiquei uma semana sentada em frente à Prefeitura esperando a ordem do prefeito para começar. No dia do meu aniversário, 20 de agosto de 2001, fiquei a manhã inteira sentada no mesmo lugar e nada. Foi na parte da tarde que recebi a ordem. No outro dia, deveria trabalhar na creche. Trabalhei quatro anos lá e por mim passaram crianças de todas as idades e jeitos.

Em julho de 2005, comecei a trabalhar na escola e nesse mesmo ano me formei pedagoga, outra grande realização, fazer uma faculdade. Em 2006, comecei também com uma turma de 3º ano. Alunos diferentes, mas com as mesmas necessidades dos antigos.

Estou me sentindo bem realizada na minha vida profissional. Agora, passei na seleção do Programa Paraná Alfabetizado e estou aqui para aprender muito mais.

Na minha vida pessoal, sou casada há treze anos, tenho três filhos, um de doze anos, um de sete anos e outro de um ano e oito meses e consegui conciliar gravidez, bebê e faculdade! Foi difícil, mas com garra, coragem e força de vontade, estou seguindo a minha luta.

Luciana Angeliski da Silva Rodrigues
Educatória de Japira – PR

1 Movimento Brasileiro de Alfabetização



Na sala de aula

O nome Edson, atribuído a minha pessoa, foi escolhido pela minha madrinha de batizado. Segundo minha mãe, a minha madrinha aconselhou-a a registrar-me com esse nome afirmando que, quando se coloca o mesmo nome do pai no filho, a mulher não engravida mais. Infelizmente, a simpatia não funcionou e minha mãe acabou ficando grávida mais uma vez.

Em um belo dia, cheguei em casa meio atrasado para me arrumar e ir trabalhar à noite, no colégio. Tirei a calça rápido para tomar banho e, ao retornar do banheiro, coloquei uma cueca limpa, usando a mesma calça, esquecendo de tirar a cueca suja de dentro.

Na sala de aula, escrevendo na lousa, comecei a perceber risos e perguntei o que estava acontecendo. Uma aluna respondeu: “professor, sua cueca está caindo pela perna da calça!”

Peguei minha cueca, coloquei no bolso e passei a rir junto com eles, para não demonstrar a vergonha!

Edson Filho dos Santos
Educador de Honório Serpa – PR



Meu pai, meu alfabetizando

Lauro, meu pai, passou a maior parte de sua vida morando no sítio e nunca valorizava o estudo. Quando se casou com minha mãe, que era professora, ele não a deixou lecionar. Eu decidi ser professora, minha mãe ficou realizada e meu pai desapontado, pois dizia que ser professora era muito fácil e o salário era muito baixo. Assim, ele não me valorizava mais.

Quando comecei a fazer o cadastro dos alfabetizando pelo Programa Paraná Alfabetizado, a primeira pessoa em quem pensei foi nele. Ele ficou resistente e depois aceitou.

Hoje, eu sou a pessoa que ele mais valoriza na vida. Percebo isso porque, quando ele faz as orações na mesa de almoço, ele diz que eu sou a pessoa mais rica que ele já conheceu e, onde vai, fala de mim e da escola!

Meu pai me ajuda a conseguir alfabetizando novos pelo gosto que lhe foi despertado na escola por meio daquela filha que ele considerava que havia escolhido a profissão errada. Contudo, ele mudou de opinião quando conheceu a importância de estudar e a dedicação de uma alfabetizadora!

Laura Regina Teodoro da Silva
Educadora de Bandeirantes – PR



Experiência que deu certo

Nasci em uma cidade chamada Primeiro de Maio, situada na região norte do Estado do Paraná. Sempre que alguém pergunta onde eu nasci, acontece um fato engraçado. A pessoa repete a pergunta: “Estou lhe perguntando o nome da cidade onde você nasceu e não a data do seu aniversário!” Então eu explico: “Pois é o que estou dizendo! Nasci no dia primeiro de fevereiro, no ano de 1957, na cidade de Primeiro de Maio”. Com ar desconfiado, a pessoa registra a informação!

Meus pais, senhor Velormino Fernandes e Soledá Clemente Fernandes tiveram sete filhos e eu sou a filha mais velha do casal.

Meus pais ficaram analfabetos até o ano de 1995, quando eu os alfabetizei. Era professora do curso de Magistério na época em que eu e minhas alunas do 3º ano desenvolvemos o projeto “Nunca é tarde para aprender”.

A proposta era que cada aluna e também a professora de Prática de Ensino deveriam alfabetizar um adulto em sua própria residência. Muitas delas, assim como eu, tinham um analfabeto em sua própria casa. Foi assim que meus pais e mais 23 pessoas foram alfabetizadas no município de Nova Olímpia, região noroeste do Paraná.

Na época, produzimos uma cartilha que se chamou “Nunca é tarde para aprender”. O conteúdo da cartilha são as histórias das pessoas que foram alfabetizadas, com uma foto colorida de cada uma, colada do lado esquerdo do texto. E como não poderia deixar de ser, o documento faz parte do acervo da biblioteca do Colégio Estadual Duque de Caxias.

Leonilda Fernandes
Educadora de Nova Olímpia – PR



A locomotiva

Minha família é de classe média. O meu pai era pedreiro e carpinteiro, minha mãe, dona Emiliane, professora primária.

Comecei a gostar de ler com minha mãe, que naquela época retirava livros da biblioteca escolar para lermos. Assim, fui pegando amor pela leitura e com a leitura sonhava. Sonhava que queria ser maquinista de trem. Se perguntassem a mim o que desejava ser quando crescesse, a resposta estava na ponta da língua: maquinista!

O tempo passou e eu cresci e não me tornei maquinista. Segui os passos de minha mãe, tornando-me também professor.

Foi com muita dificuldade que meus pais custearam meus estudos. Eles, na época, renunciaram a muitas coisas a que tinham direito para dar estudo aos filhos.

Mas o que tem a ver a locomotiva com o professor?

Tem muito a ver. Não me tornei um condutor de trem, mas tornei-me um orientador e formador de mentes. Nos meus largos anos de Magistério, fiz muitas coisas boas. Dentre elas, fui fundador de três escolas na zona rural, em nível de 5ª a 8ª série, que funcionam até hoje. Dei oportunidade a muitos jovens para estudar e poder ser alguém na vida, e eles continuaram estudando e estão bem empregados.



Muitos jovens, naquela época, estavam estudando, mas eram poucos os empregos no mercado de trabalho local. Com a abertura dessas escolas, conseguiram não apenas o trabalho, como também prestar concurso no Estado e hoje são ótimos professores.

Essa é uma pequena parte da história de minha vida. Muito me orgulho dela e devo tudo isso aos meus pais.

Wilson de Andrade Bordin
Educador de Tomazina – PR



Cada turma é o lar de amor que nunca five

O meu nome é Liliane da Silva. No dia 22 de março de 1986, quando tinha apenas três anos, meu pai e minha mãe se separaram. Fugindo dos problemas, minha mãe foi para São Paulo trabalhar como doméstica. Visitando-nos, meu pai soube que estava doente e trouxe-me para morar com meus avós.

Aos quatro anos, percebendo a minha facilidade para aprender a ler e escrever, colocaram-me na escola, onde fiquei até os quinze anos. Meu tio, não me aceitando na casa de meu avô, malhava-me, e voltei então a morar com minha mãe, no Rio Grande do Sul, onde terminei o 2º Grau com 16 anos.

Por motivos financeiros, meu pai não quis pagar o curso de Medicina, pois eu morava com minha mãe. Retornei a Rio Bonito do Iguaçu, cursando então Pedagogia, curso do qual não gostava e não pude fazer concurso por ter 17 anos. Vim para Laranjeiras do Sul e tive a graça de trabalhar com jovens e adultos.

Ao entrar pela primeira vez na sala de aula, há dois anos, não sabia como fazer. Olhando os educandos mais velhos do que eu, fiquei preocupada por ser cheia de problemas. Com grata surpresa receberam-me bem, tendo orgulho de eu ser muito jovem, adotando-me como filha. Conto a eles os meus problemas e também compartilho dos deles. Hoje, sou



feliz em lecionar, porque cada turma é o lar de amor que nunca tive e, além do mais, casei-me com o filho de uma de minhas alunas. Estou em lua-de-mel e sinto saudades deles!

Na EJA me realizei e pretendo me aperfeiçoar mais e continuar trabalhando com meus jovens, vendo-os aprender a ler e a escrever sua história de vida.

Liliane da Silva
Educadora de Laranjeiras do Sul – PR



Vivendo e aprendendo

Confirmando a vinda para o I Simpósio de Estadual de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos em Faxinal do Céu¹, comecei a ficar preocupada: escolhemos uma alfabetizanda com 71 anos para participar do evento, ela toma vários remédios, é idosa... Em tudo isso eu ficava pensando.

Na noite do dia 23, nem dormi direito. Quando foi cinco e meia da manhã — ainda estava escuro — fui à casa da alfabetizanda para, juntas, seguirmos para o ponto, onde havíamos combinado o horário da saída. Um motorista, funcionário da Prefeitura, iria nos levar até a cidade de Cornélio Procopio, para de lá seguirmos para Faxinal.

Para minha surpresa, a alfabetizanda já tinha ido ao ponto! Durante a viagem, tirei o tênis e coloquei o pé em um devido lugar e ela logo em seguida falou:

– Olha o que está escrito: “Não coloque os pés”.

Fiquei constrangida e emocionada, pois ela estava lendo tudo o que estava escrito nos lugares! Passei mal na viagem e ela que me socorreu.

Aqui em Faxinal, ela está adorando. Sabe ir ao banheiro certo, lê: FEMININO, “é aqui que eu posso entrar”, diz ela! Fomos nas lojas e esqueci os óculos; não enxergava os preços e ela chegava perto de mim e falava: “esse custa tanto...” e o valor estava certo!

¹ Evento realizado como parte do programa de formação de educadores do Programa Paraná Alfabetizado, no mês de abril de 2005, em Faxinal do Céu, no município de Pinhão – PR.



Quanto à chave da casa aqui em Faxinal do Céu, também é ela quem guarda, a minha e a dela. Diz que ela guardando é mais seguro, vai que eu perco, daí tem que pagar cinco reais! Enfim, deu uma reviravolta, a alfabetizanda se preocupando com a coordenadora!

Dalides Carnelos Teixeira
Educadora de Santa Amélia – PR



O bolo de minha filha

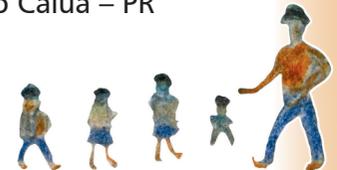
Costumava sempre fazer uma comemoração com bolo e suco para meus filhos, na passagem de seus aniversários. Foi então que, no dia 30 de outubro de 1996, lá pelas três horas da tarde, quando as crianças convidadas já brincavam a espera do início da festa, saí de casa com o carro e fui buscar o bolo que havia encomendado.

Chegando na padaria, coloquei o bolo no banco traseiro do carro, conversei um pouco com uma amiga que ali passava, entrei e voltei para casa sem nem lembrar mais do bolo. Fiz a curva rápido e cheguei em casa; as crianças, junto com minha filha, rodearam o carro para ver o bolo. Então veio a minha surpresa: não vi nenhum bolo no banco, porque ele estava caído no assoalho do carro, não tendo como aproveitar nada!

Minha filha encheu os olhos de lágrimas. Então convidei todas as crianças e fomos para a cozinha. Coloquei os ingredientes na mesa e todos foram ajudar a fazer outro bolo para ela. Foi a maior festa, as crianças fizeram, rechearam e cobriram o bolo e depois fomos cantar os parabéns. A felicidade foi de todas as crianças por estarem comendo o bolo que elas mesmas fizeram!

Até hoje a minha filha diz que foi a melhor festa que ela já teve!

Solange Marcos Passos
Educadora de São João do Caiuá – PR



Sonho de ser professora

Eu, Zuleide F. Silva Cândido, quando criança, sempre tive um sonho de ser professora, mas as dificuldades foram muitas. Não tinha apoio de meu pai, mas, mesmo assim, eu teimava com ele e ia para a escola.

Os tempos foram passando e a idade foi chegando. Eu parava e pensava: “Meu Deus, será que nunca vou realizar os meus sonhos?” Meu pai me dizia: “Para que ser professora? Você nunca vai conseguir, por ser uma pessoa negra”. Eu chorava muito, mas não desisti.

Hoje, sou casada, tenho 46 anos, um filho e um marido maravilhoso que eu amo muito. Consegui fazer a faculdade de Pedagogia com bastante dificuldade, mas consegui. Fiz pós-graduação em Orientação, Supervisão e Direção. Ainda não sou realizada, pois não consegui passar em concursos, apesar de ter feito vários.

Atualmente, estou trabalhando com o Programa Paraná Alfabetizado. Estou adorando e acho que já é o primeiro passo para minha realização!

Zuleide F. Silva Cândido
Educadora de Nova Londrina – PR



Um nome forte

Meu nome é Marcos, nasci na cidade de Reserva e sempre morei aqui.

Sou tímido. Meus pais, achando que eu era muito pequeno e que no ônibus escolar os maiores iriam me bater, judiar de mim, só me colocaram na escola a partir dos nove anos de idade. Então estudava em casa, com os cadernos que meu pai comprava – ele passava as letras do meu nome e do restante do alfabeto.

Quando iniciei a 1ª série, já sabia ler e escrever. Tive a facilidade de aprender mais coisas em pouco tempo e conclui ano após ano com sucesso. Trabalhava na lavoura com meus pais, antes de ir para a escola.

No ano de 2005, comecei o processo de alfabetização de jovens e adultos. Sempre gostei de poder ajudar os outros. Concluindo o ano de 2005, mais educandos me procuraram para se inscreverem no Programa Paraná Alfabetizado, dizendo que iriam tentar aprender sendo eu o alfabetizador, pois perceberam que eu tenho paciência em orientar e explicar muitas vezes o mesmo assunto.

O meu nome, Marcos, foi escolhido por minha avó paterna, hoje já falecida. Dizia ela ser um nome forte, pois em marcações de terrenos, em cada divisa de terra entre os vizinhos, ali demarcavam com um marco (uma madeira fincada no chão dizendo ser ali o limite do proprietário, que deveria ser respeitado). Eu gosto muito do nome que tenho, apesar de poucas pessoas me chamarem de Marcos, mas sim de Marquinho, que ainda gosto mais!

Marcos de Campos
Educador de Reserva – PR



Não desistir dos sonhos

Meu sonho sempre foi ser professora. Aos 15 anos, quando cursava a oitava série, comecei a namorar. Meu pai queria tirar-me da escola alegando que não ia dar certo estudo e namoro. Morava na roça e fazia, todo dia, seis quilômetros e meio para chegar na escola. Por intervenção de pessoas da comunidade onde morava, que aconselharam meu pai a, pelo menos, me deixar terminar aquele ano, terminei o 1º Grau.

Naquela época, o curso de Magistério só funcionava no período noturno. Meu pai, então, deu-me um ultimato: ou estuda ou namora. Eu estava apaixonada e o namoro ia muito bem. Desisti então da escola, pensando: “Depois estudo”.

Três anos depois, casei-me, tive o primeiro filho e me transformei em uma pacata dona-de-casa. Mas não esquecia do meu sonho. Fiz algumas tentativas de voltar a estudar, tudo em vão, e, por incrível que pareça, meu marido se transformou no meu maior obstáculo, foi radicalmente contra eu voltar a estudar. Transformei-me numa mulher frustrada, decepcionada e infeliz e comecei a ter problemas no meu casamento.

Um dia, depois de uma briga, como tantas outras, tomei uma decisão. Não via mais esperanças de salvar meu casamento e vi-me num “mato sem cachorro”. O que iria fazer da vida se eu me separasse? Não tinha meios de sobreviver sem meu marido. Então fui até a escola e matriculei-me no Magistério. Quase apanhei em casa, mas enfrentei. Dessa vez, a minha opção seria estudar, eu não tinha dúvidas.

Formei-me, então, no Magistério e já comecei a trabalhar. Meu casamento andou devagar, quase parando, mas não acabou, graças a Deus!



Hoje, sou formada em Pedagogia e faço o curso de Matemática. Dou aula de 1ª a 4ª série e em Educação Infantil no município. Em 2006, peguei aula no Programa Paraná Alfabetizado. Adoro o que faço e não saberia mais viver sem meu trabalho!

Hoje, meu marido está matriculado na minha turma de jovens e adultos, estudou alguns dias, mas desistiu, pois acha humilhante ser aluno da própria esposa. Estou tentando convencê-lo a não desistir, sem sucesso até agora. Mas ainda tenho esperanças de que ele volte a estudar, se não for comigo, que seja com outra alfabetizadora. E esse é meu sonho agora!

Sueli Ávila de Souza Queiróz
Educadora de Campina da Lagoa – PR



O educando é a essência do perfume da aprendizagem

Eu, como alfabetizadora, me emociono a cada dia quando entro na sala e vejo a dona Maria, a Josefa, a Benedita, a Otília, a Ana, a Rita, enfim, todas as minhas alunas sentadas em suas carteiras, fisionomias cansadas, mas com uma grande sede de aprender!

Em cada letra, um sorriso espontâneo, em cada dúvida, um desafio! O processo de aprendizagem se resume nisto: no sorriso, na lágrima de dúvida, no desafio de provar a si mesmo a sua capacidade, vencer suas limitações e, acima de tudo, sentir que valeu a pena ter escolhido esse caminho, porque a felicidade se encontra nas coisas simples e pequenas da vida!

O educando é a essência do perfume da aprendizagem, ele é o principal personagem das etapas do processo de aprendizagem... No final, ele será o vencedor!

Fátima Lourdes G. R. Santana
Educadora de Sertaneja – PR



Minhas férias

Eu, Neusa Colatino Pestana, com 53 anos de idade, casada há 33 anos, mãe de um casal de filhos, hoje estou aposentada, pois trabalhei como educadora do Município e do Estado durante 32 anos.

O que mais marcou a minha vida escolar, quando aluna de 1ª a 4ª série, foram as redações logo após as férias do mês de julho. Quando retornava às aulas, a professora tinha o costume de pedir aos alunos para escreverem ou contarem sobre as suas férias.

Eu, como filha de agricultor, morava no sítio. Durante as férias, ia para a roça ajudar meus pais em trabalhos como limpar tronco de café, quebrar milho, capinar, etc. Não conhecia praia, outras cidades e nem mesmo a televisão, pois, nessa época, os meios de comunicação mais usados eram o rádio e as cartas.

Por isso, eu ficava imaginando o que ia escrever ou contar. Escrever que durante as minhas férias eu ia trabalhar na roça? Isso eu ficava com muita vergonha! Por isso, eu não gostava de ir à escola nos primeiros dias de aula depois das férias.

Neusa Colatino Pestana Stela
Educadora de Ivaté – PR



Fazer e contar histórias

Quando eu tinha sete anos, minha mãe colocou-me em uma escola rural, chamada Padre Anchieta, no bairro onde morávamos. Lá fui eu, com uma sacolinha amarela que tinha a Mônica desenhada. Era linda, amava aquela bolsa!

Era uma escola de 1ª a 4ª série. Meu avô, Brasilino de Oliveira, pai de minha mãe, foi quem trouxe essa escola para o bairro. Ele era vereador no município. Minha professora chamava-se Maria da Luz Antunes da Silva. Essa professora andava a cavalo, em busca de conhecimento, dez, vinte quilômetros de distância. Ela chegava em uma vila, pegava o ônibus e ficava doze dias igual nós estamos aqui, em Faxinal do Céu. Bem, aprendi, na época, com a cartilha “Caminho Suave”.

Depois, mudamos para Foz do Iguaçu e estudei em um colégio particular, Colégio Anglo Americano, mas fiquei um ano somente. E voltamos.

Eu estava com 11 anos quando fui estudar no Erval de Baixo, na vila mais próxima. Andávamos a cavalo para chegar até lá e eu comecei a sofrer muito, até mesmo por uma indiferença dos outros colegas. Então, estava desistindo quando uma professora chamada Regiane chamou a atenção dos alunos em sala de aula e, olhando para mim, apontou e falou:

– Josiane, não desista, você está na 7ª série e é um começo. Olhe para mim, vocês acham que é fácil?

Ela estava grávida, com um baita barrigão! E disse:

– Se não pisarmos degrau a degrau, não chegaremos ao topo, ao alto da



escada. Olha, um dia poderemos estar juntos, quem sabe alunos meus possam dar aula e nos encontrarmos por aí. A vida precisa de mim e de vocês!

Então, no dia da inauguração do Projeto Paraná Alfabetizado, nos deram um tema – Vida e Fé – e eu fui apresentar. Para minha surpresa, a professora de História estava lá! Nos abraçamos e foi um reencontro depois de dez anos!

É maravilhoso ser hoje assistida e coordenada por minha ainda professora e amiga do coração. Ela trabalha no núcleo de Telêmaco Borba. Sou de Imbaú, me chamo Josiane e estou muito, muito feliz por ter a chance de ser mãe, esposa, filha, neta e educadora para o resto da minha vida!

Vou continuar estudando, alfabetizando e buscando sempre fazer e contar mais histórias, porque a história das professoras Regiane e Josiane não é o fim!

Josiane Pinheiro Ferreira
Educadora de Imbaú – PR



Foi bem assim...

Tudo começou naquela tarde em que eu lamentava por ter passado no vestibular para o curso de Direito e não ter dinheiro para pagar a faculdade... Enquanto lamentava, um amigo me disse: “Tem tanta gente que precisa de você, ao invés de lamentar, por que você não faz algo por alguém?”

Ao chegar em casa, fiquei sabendo que a escola de alfabetização de jovens e adultos iria fechar, pois o professor que dava aula voluntariamente não poderia mais continuar.

Ser voluntária, dar aula? É, talvez por uns dois meses, pensei, não me custa, já que não vou para a faculdade! Fico dois meses, até aparecer alguém mais capacitado.

Fiquei dois anos, foi que nem pinga, tomei um gole, gostei e não consegui deixar mais!...

Isso começou em 1996 e, de lá para cá, já transitei em vários projetos sócio-educacionais, como: Educomunicação, USP; Ensino Fundamental e Médio – de 5ª série a 3ª série do colegial –, Escola Estadual São Paulo; e agora Paraná Alfabetizado.

Descobri que o meu conhecimento não tem valia se eu não puder compartilhar com o outro, e que não existe nada mais gratificante que ouvir a Maria Palmira, de 48 anos dizer: “Hoje, eu assinei pela primeira vez o meu nome, quando fui pegar minha cesta básica!”



Essa é a minha história, que é escrita um pouco por dia, com a ajuda dos meus alunos. Quanto ao curso de Direito, não fiz. Fiz outras coisas, Administração, Comunicação Social e agora sonho com um mestrado, estudando o tema Educomunicação, pois quero continuar trilhando o caminho da educação.

Eu sou a Maria Soares, tenho 38 anos e sou apaixonada pela educação!

Maria Soares Gomes
Educadora de São José dos Pinhais – PR



Tenho minha mãe como educanda

Desde pequena eu sempre sonhava em ser professora. Estudei com muita dificuldade, porque a escola era muito longe e tínhamos que ir a pé e também porque nossa mãe era sozinha para trabalhar, por isso precisávamos ajudá-la.

Com muito esforço consegui cursar o Ensino Médio.

Tempos depois, tive a oportunidade de ser professora do Programa Paraná Alfabetizado. Com muito orgulho, tenho minha mãe como educanda e é uma satisfação poder ensiná-la a ler e a escrever, já que ela sempre nos incentivou a estudar.

Ela não teve oportunidade antes e agora, como forma de gratidão, tenho eu a oportunidade de mediar seu aprendizado.

Lucimar dos Santos
Educadora de São Jorge do Oeste – PR



Ajudando a escrever o futuro de minha gente

No princípio, ouvi críticas pelo fato de eu ter somente 15 anos de idade e não estar completamente preparada para assumir uma sala de aula, especialmente uma turma de alfabetização. Porém, fui persistente e resolvi aceitar o convite. E aqui estou tentando mudar a história de muitos cidadãos que já batalhavam na vida muito antes de eu estar nesse mundo. E tenho como objetivo, também, assim como todos os alfabetizadores, diminuir a taxa de analfabetismo no nosso estado.

É uma conquista muito grande iniciar minha carreira de educadora ajudando a escrever o futuro de minha gente! Além disso, é uma experiência muito aprazível!

Caroline Eleutério Nascimento
Educadora de Campo Largo – PR



História de vida

Eu, Noeme, tenho 43 anos, sou casada e tenho dois lindos filhos. Vim para Douradina e fiquei um ano sem trabalhar. Fiquei um pouco frustrada.

No ano de 2005, surgiu a oportunidade de voltar a estudar e comecei a fazer faculdade de Pedagogia. E surgiu, também, a oportunidade de trabalhar com alfabetização de jovens e adultos: tinha dois dias para conseguir os alunos e, indo de casa em casa, consegui formar uma turma de 11 alunos.

Agarrei essa oportunidade e comecei a alfabetizar meus alunos com muito carinho, porque eles são muito especiais para mim. Eu sinto que esta oportunidade me fez crescer muito, com esta troca de experiências.

Este ano, eu tenho 25 alunos, todos muito dedicados, participativos e felizes, a maioria quase não falta.

Cada dia me sinto mais realizada e me dedico ao máximo para alfabetizar essas lindas pessoas. Tenho uma aluna com necessidade educacional especial da APAE.¹ Ela é muito querida e feliz, nunca falta à aula.

Noeme Batista Neves
Educadora de Douradina – PR



¹ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

Ensinar é viver

Meu nome é Marlene, estou com 39 anos, casada, tenho três filhos e sou uma pessoa muito feliz. Passei por muitas dificuldades quando criança e adolescente. Concluí o 2º Grau e, na época, não pude fazer faculdade. Me tornei mãe, dona de casa e trabalhava para ajudar o meu marido.

Aos 34 anos descobri que estava doente e, depois de um ano de tratamento e já curada, resolvi mudar algumas coisas em minha vida. Comecei me matriculando no curso de Pedagogia. Foi quando apareceu a oportunidade de trabalhar com jovens e adultos. E cada dia que eu vou para a sala de aula, ensino e aprendo com eles.

No começo, tinha alunos que reclamavam muito na aula sobre a história de vida, eles falavam muito da velhice e das doenças que poderiam vir a ter.

Quando contei a minha história com detalhes, eles se surpreenderam, porque eu estava sempre sorrindo. E foi bom, porque tinha algumas alunas que chegavam na aula reclamando de dor e hoje elas mudaram o seu comportamento.

Os meus educandos são pessoas bem participativas e sorridentes. Eu costumo dizer que o sorriso cura qualquer coisa. Espero contribuir muito com o Programa e realizar os sonhos de meus educandos, que é ler e escrever.

Obs.: Tenho um aluno especial, o Márcio, que foi muito bem aceito pela turma. Hoje ele é o “Marcinho” e todas as educandas querem ensinar um pouco para ele.

Para mim, ensinar significa “VIDA”.

Marlene Aparecida Gomes Nogueira Martins
Educadora de Douradina – PR



A educação é indispensável

Sou o Renato Nataniel Wasques. Estou cursando o 1º ano de Ciências Econômicas, mas acredito mesmo é na educação, pois, para mim, ela é o fator que mudará a sociedade, mudará a forma de pensar dos jovens.

Sempre sonhei em fazer o Ensino Superior, mas sou de família de baixa renda. Quando entrei no 3º ano, fiquei super feliz, mas ficava triste quando falávamos em vestibular, pois não tinha dinheiro nem para pagar a taxa de inscrição. O que eu fiz? Arranquei feijão! Sim, fui trabalhar na colheita do feijão. Trabalhava das sete horas da manhã até às seis horas da tarde. Um sofrimento para ganhar quinze reais por dia, mas consegui, fiz minha inscrição!

Aí veio o meu maior desafio: estudar para o vestibular. Estudei dia e noite sozinho, pois não tinha dinheiro para pagar o cursinho pré-vestibular. Fiz a prova e passei em 12º lugar!

A concorrência era cinqüenta pessoas por uma vaga. Fiquei maravilhado com a notícia, mas não sabia que iria passar por um pesadelo. Da minha casa até o ponto de ônibus são sete quilômetros que eu andava a pé, todos os dias. O ônibus passava no ponto às cinco horas e trinta da tarde e eu saía da minha casa às três, caminhando duas horas com sol ou com chuva. Chegava novamente às três horas da madrugada e recomeçava a caminhada.



Fiquei nesta vida durante três meses, mas hoje estou morando perto do ponto e tudo melhorou para mim. Não me arrependo do esforço, pois tudo o que eu consegui até hoje me trouxe felicidade.

Quero terminar afirmando que a educação é um fator indispensável para a sociedade e eu procuro sempre aprender uma coisa nova, tudo isso para evoluir como ser humano!

Um detalhe: estou estudando em uma faculdade estadual.

Renato Nataniel Wasques
Educador de Água da Glória – PR



O retrato da conquista

A vida de um alfabetizador muitas vezes não é fácil, mas quando você vê o que representa para o aluno, é maravilhoso!

Tenho um casal de alunos, senhor Odilon e dona Ilda, ele com 87 anos e ela com 78. É maravilhoso ver a motivação dos dois para serem alfabetizados.

Quando fui entrevistá-los, me lembro bem do que ele disse: “Graças a Deus vou ter a oportunidade de aprender a ler e a escrever meu nome antes de morrer”. Isso me emocionou profundamente! Ele e sua esposa, faça chuva ou faça sol, não faltam às aulas e, quando por algum motivo deixam de ir, pedem para me avisar e mandar as atividades para a sua residência.

O fato curioso é que, a cada atividade feita, ele tira uma cópia e cola na parede de seu quarto. Para ele, isso é o retrato da conquista de uma vitória e motivo de orgulho que deve ser mostrado a todos que visitam a sua casa! Ele me agradece por todas as aulas dadas. Esse é o meu maior incentivo e orgulho!

Às vezes, pessoas jovens desistem muito fácil por motivos que eu considero fúteis e eles, mesmo com a idade avançada, têm os olhos a brilhar, transparecendo felicidade a cada aula!

Maiara P. S. Ávilas
Educatória de São João do Ivaí – PR



Aprendi com meu pai a ser honesta

Eu, Maria Olivia Lemes, nasci em São João do Ivaí, filha de Lázaro Lemes Rodrigues e Francisca Lemes Rodrigues. Agradeço a Deus pelos meus pais. Lembro-me de quando eu era criança e meu pai obrigava todos os filhos a irem para a escola. Nós íamos a pé. A vontade de aprender era tanta, que logo comecei a ler e a escrever e, quando li as primeiras palavras para ele, nós dois começamos a chorar juntos.

A minha professora era terrível, mas não desisti e graças a Deus não fiquei com trauma. Aprendi com meu pai a ser honesta e lutar pelas coisas que queria, pois nada na minha vida consegui de graça ou de maneira fácil. Com muito sacrifício consegui me formar em Administração Pública na Faculdade de Apucarana.

Até hoje, quer dizer, para sempre, não vou esquecer os ensinamentos de meu pai.

Hoje, quando pergunto aos meus alunos sobre sua história de vida, alguns me respondem: “não estudei porque meu pai não deixava”. Conto a minha história e sempre agradeço a Deus. Estou feliz por estar ensinando essas pessoas e me sinto realizada, principalmente por ver a felicidade estampada em seus rostos por estarem assinando seus nomes.

Maria Olivia Lemes
Educadora de São João do Ivaí – PR



Caminhos percorridos

Comecei a estudar muito cedo e com seis anos de idade já estava na primeira série. Minha professora era um amor de pessoa e estudei com ela da 1ª à 3ª série. Estudava e morava na zona rural durante os quatro anos das séries iniciais. Minha professora sempre me incentivava e elogiava minha letra, dizia que eu seria uma ótima professora e me pedia para escrever no quadro para exibir minha letra bonita!

Continuei estudando, fiz o ginásio, que para mim foi uma grande decepção, pois me aconteceram várias coisas. A primeira foi que descobri o erro do meu nome: sempre achei que me chamava “Eliani” e como escreveram errado no cartório ficou “Elioni”. Depois tive a decepção de que, na cidade, ninguém ligava para mim, enquanto que, na zona rural, era a primeira aluna da classe. Ia à escola chorando todos os dias e, graças a meus pais, não deixei de estudar.

Passei por grandes dificuldades morando na fazenda e estudando na cidade. Andava a pé todos os dias, caminhava quatro quilômetros. Passava fome, frio, corria de vaca e chegava tarde em casa. Comecei o Magistério e logo no primeiro ano me casei, muito nova, aos 15 anos. No último ano, quando me formei, aos 17 anos, tive a minha primeira filha. Três anos após, consegui meu primeiro emprego como professora: lecionava na mesma fazenda onde nasci, estudei e me casei, muito feliz da vida, mesmo com sala multisseriada.

Em 2006, consegui realizar o meu grande sonho, que era ter uma faculdade. No dia 22 de julho foi a colação de Grau da turma e lá estava eu, feliz e agradecida a Deus.

Hoje, tenho 40 anos, sou casada há 25 anos e tenho duas filhas. Uma delas é casada e me deu um neto que amo muito, ele já tem quatro aninhos. Sou professora municipal há 20 anos. Este ano estou com a turma de 3ª série na Escola Municipal Professora Mercedes Sachi Conde – Ensino Fundamental –, e agora estou atuando também como alfabetizadora no Programa Paraná Alfabetizado, no qual me sinto muito feliz.

Meu nome é Elioni Mariano Pereira, moro em Jundiá do Sul, núcleo de Jacarezinho.

Elioni Mariano Pereira
Educadora de Jundiá do Sul – PR



Tudo se torna possível quando se faz com amor

Nasci em Goioerê, tenho 32 anos de idade, sou casada há 12 anos. Tenho um filho de quatro anos, o Júnior, que é a maior benção que Deus me deu.

Trabalhei dez anos em uma entidade assistencial que abrigava menores abandonados, a “Aldeia S.O.S”. Comecei a trabalhar nessa entidade no ano seguinte em que terminei o Magistério. Iniciei como professora de reforço escolar e foi uma grande experiência em minha vida, posso dizer que foi a base de tudo. Distante quatro quilômetros da cidade em que moro, eu sofria muito para chegar lá todos os dias para trabalhar, sem contar as histórias de vida das crianças.

Atualmente, trabalho em um centro de Educação Infantil, onde sou diretora e, à noite, leciono no Programa Paraná Alfabetizado. É o meu primeiro ano e estou adorando, sei que existem muitas barreiras e dificuldades, mas como no primeiro serviço, consegui superar as dificuldades e cresci como pessoa e como profissional. Esse programa eu acredito que vem somar e se tornar uma outra grande experiência em minha vida, me fazendo crescer.

Tudo se torna possível quando se faz com amor.

Maria Aparecida Santos Dantas
Educadora de Goioerê – PR

Entre vitórias e experiências

Eu me chamo Terezinha, sou professora de 1ª a 4ª série desde 1984, moro em General Carneiro. Sou alfabetizadora e este é o 3º ano em que estou no Programa Paraná Alfabetizado.

No processo da alfabetização, entre vitórias e experiências, há fatos especialmente gratificantes que tive.

O alfabetizando Sr. Antonio Martins, com 68 anos de idade, conseguiu aprender a ler e a escrever e fez sua carteira de habilitação. Ele, há algum tempo dirigia, mas não era habilitado.

Outro caso importante aconteceu com o alfabetizando Sr. Olímpio Ribas. Ele é motorista e, sem saber ler e escrever, tinha muita dificuldade em seu dia-a-dia. Certo dia, ele chegou na sala de aula todo animado. Falou que estava feliz porque chegou em um restaurante, dirigiu-se ao banheiro e leu “Ele” e “Ela”. Ele não precisava mais esperar pessoas do sexo masculino irem ao banheiro, nem passar por certas necessidades, até mesmo humilhação.

A alfabetização traz uma emoção muito grande, tanto para a educadora como para o educando. Abre portas para o saber e novas conquistas para um futuro melhor.

Para o alfabetizando é também um caminho para a sobrevivência, uma maneira de expressar ainda mais seus sentimentos e a oportunidade de ser cidadão com dignidade e de ser respeitado na sociedade.

Terezinha M. Müller Aliança
Educadora de General Carneiro – PR



Não apenas ler palavras...

Desde o momento em que me convidaram para fazer parte do Programa de Alfabetização, senti que haveria uma grande responsabilidade sobre mim. Pensei comigo mesma: “É simplesmente ensinar a ler e a escrever, e isso é fácil.”

Mas, no momento em que as coisas caminhavam, descobri que alfabetizar adultos não é tão fácil como alfabetizar crianças. Devemos entrar no “mundo” deles, em sua realidade. Assim, como Paulo Freire dizia, “alfabetizar não é apenas ler palavras, mas fazer leitura de mundo.”

A troca de experiências entre os educandos e eu tem sido ótima.

Tenho uma admiração pela educanda Maria Lima Silva. Ela é varredora de rua. Acorda às seis horas da manhã e enfrenta uma caminhada de cinco quilômetros até chegar no trabalho. Passa o dia todo varrendo as ruas da cidade para conservá-la limpa. No fim da tarde, volta para casa, são mais cinco quilômetros. Chegando em casa, faz um lanche rápido, pega seu caderno e corre para a escola. A cada dia, Dona Maria leva um ou dois filhos junto com ela, pois fica fora de casa o dia todo e não tem muito tempo de ficar com as crianças. O único tempo de ficar com as crianças é à noite, mas Dona Maria quer estudar, então leva os filhos para a sala de aula com ela para que, ao mesmo tempo em que ela está aprendendo, os filhos desfrutem da presença da mãe.

Às vezes, o cansaço vence a Dona Maria e ela pede para sair um pouco mais cedo. Mas no outro dia lá está ela, com força de vontade para aprender.



Confesso que, no início de cada aula, ainda sinto aquele “friozinho” na barriga, mas garanto que, ao voltar para casa, não sei quem sai mais feliz da sala: se sou eu ou é a Dona Maria que, com um enorme sorriso no rosto, me diz que conseguiu vencer o cansaço e saiu daquela aula sabendo um pouco mais do que no dia anterior.

Iane Corrêa dos Santos Zapela
Educadora de General Carneiro – PR



Ser educador

Inquieta, não pára nunca! Mesmo dormindo, invadem seus sonhos. Em casa, na rua, em qualquer lugar que vá, olhos e ouvidos atentos e ligados para captar sinais de alerta, indicadores de novidades, insinuação que desperte ou inspire a melhoria de qualidade nos exercícios de sua função tão nobre e incomensurável.

Um ser inconformado, lutador, incompleto, não acabado, e por isso mesmo, sabe a dor e o sabor das peripécias que faz para caminhar junto, e com o outro melhorar o mundo por meio do conhecer, experimentar, aprender e ensinar.

Quem é ele afinal? Um artista do palco? Um segurança? Um político? Um sacerdote? Um advogado do povo? Um sociólogo ou um equilibrista?

É tudo isso e muito mais. Sem esse personagem talvez não houvesse História, Ciência e Arte! Sem ele, seria impossível o desenvolvimento integral do ser humano que se quer consciente de sua história e cidadania. De sua ação e participação, na competência e capacidade profissional, depende o destino de cada ser social em construção. Esse personagem não poderia ser outro, a não ser você, educador!

Ser educador é abrir caminhos, iluminando mentes e corações! É construir mundos. É transformar realidades. É acreditar nas utopias. É fazer histórias e nela instalar-se como sujeito crítico.

Adalgiza Terezinha F. Jesus
Educatória de Campo Mourão – PR



Na Roda de Prosa

Contando outras histórias

Histórias de Educadores e Educadoras



De histórias todos gostam, não é mesmo? Prova disso são essas histórias recebidas de outras partes do Brasil, atestando que somos todos bons prosadores! E também que esta prática está presente nas salas de alfabetização de jovens, adultos e idosos por toda parte.

Por meio dessa forma bonita de aprender que a narrativa nos traz, podemos ver o quanto as situações vividas por esses contadores do Brasil afora têm em comum com o que vivemos aqui no Paraná e, assim, aprendemos um pouco mais sobre a realidade de nosso país.

Como diz a educadora Rosicler, lá de Santa Catarina: "Torna-se impossível falar de Educação de Jovens e Adultos sem falar com o coração. Amor, carinho, alegria, emoção, tristeza, enfim, são palavras do nosso vocabulário. São muitas as histórias vivenciadas na EJA e sinto vontade de contar uma a uma, pois cada uma delas tem a sua peculiaridade e tocou de alguma forma especial o meu coração".

Assim como a Rosicler, nós, do Paraná Alfabetizado, também sabemos o quanto cada história é importante e única e, por isso, reservamos esse espaço em nosso livro para que essas vozes de outros estados venham somar esse desafio de construção da memória da alfabetização.

Você, que entrou nessa gostosa roda de prosa, aproveite as próximas páginas!

Escola como fator de sobrevivência

Aluno ainda jovem, 29 anos, açougueiro em um supermercado de nossa cidade, casado, pai de uma linda menina de um ano, alcoólatra em recuperação.

O dono do supermercado gosta muito do lado profissional desse jovem e resolveu investir nele. Primeiro, ajudando-o a se livrar do vício por meio de tratamento médico, psicológico e freqüência no AA.¹ Acreditou que a escola também ajudaria neste momento de recuperação. Assim, cedeu os horários para que fosse estudar em nossa instituição, com um acompanhamento de presença.

No primeiro dia de aula, veio angustiado, preocupado com a nova situação. Recebi-o de coração e braços abertos, fazendo ele se sentir acolhido dentro do nosso CEJA.² Nesse momento, lembrei-me do grande Paulo Freire: “só acontece a aprendizagem quando há vínculo”. Tinha, então, que começar por aí.

Verifiquei, pela conversa, o que ele sabia. De repente, ele tirou de dentro da mochila uma enorme lista com o nome de diversas carnes e disse meio vagarosamente: “Professora, eu quero pedir que a senhora me ensine a escrever primeiro o nome de todas as carnes do açougue, pois é minha responsabilidade escrever o nome de cada uma nos pacotes. Um colega de trabalho me ensinou a colocar a primeira letra. Se for filé eu sei que tenho que escrever F, costela escrevo C, mas agora preciso escrever a palavra inteira, senão acabo perdendo meu emprego. Por isso eu trouxe a lista do açougue”.

1 Alcoólicos Anônimos

2 Centro de Educação de Jovens e Adultos



Naquele momento, senti um nó na garganta e percebi o tamanho da minha responsabilidade. Iniciei o trabalho. Foi um pouco difícil, mas sua força de vontade me fez acreditar que tudo seria possível.

Passaram-se alguns meses após ter trabalhado o que mais interessava a ele, agregando preços, cédulas de dinheiro, nome de muitas frutas e verduras, enfim, inserindo as “disciplinas do supermercado”, pois ele acreditava que tinha que aprender de tudo um pouco. Contou-me que, na hora de folga, ele andava pelo supermercado tentando ler as palavras em outros produtos e que agora traria a lista dos produtos de higiene pessoal e assim por diante.

As férias estão chegando e para o próximo ano letivo acredito alcançar o grande objetivo que é fazer com que ele dê continuidade, concluindo os outros níveis de sua escolaridade.

Em alguns momentos, faço uma reflexão e percebo como tudo acontece de forma inesperada, quantas pessoas estão envolvidas na vida de uma só pessoa.

Esse jovem que veio angustiado com o problema que tinha para resolver no seu trabalho, pois corria o risco de perder o emprego, hoje já sabe que pode ir muito além, prosseguir crescendo sem esquecer daqueles que acreditaram nele, fazendo-o sentir-se importante.

Rosicler Aparecida Carvalho dos Reis
Educatória de Mafra – SC



Cuidando do cuidador

Acredito que é cuidando do outro que este se transformará num agente cuidador. Afinal, todos nós precisamos cuidar e também queremos ser cuidados.

Eu sou Ana Célia Monteiro da Silva Santana, tenho 23 anos, sou negra, divorciada, educadora popular e agente de saúde. Sou simpática, divertida, adoro dançar, ir ao cinema, à praia e gosto de participar das lutas da comunidade. Nasci e cresci no bairro de Mandacaru, sob os cuidados exclusivos de minha mãe. Meus pais se separaram após a descoberta de que meu pai vivia no submundo do crime e após termos sofrido bastante com a ação da polícia e de mulheres que chegaram até a queimar nossa casa. Minha mãe viu que não era possível criar-me desse modo. Ela constituiu uma segunda família.

A partir do Ensino Fundamental, ingressei no ensino público e nele continuei até o fim do Ensino Médio. Confesso que nunca fui uma das melhores alunas, mas no momento em que a escola melhorou, bem como os professores e a turma, também senti nascer em mim um novo gosto pelos estudos. Isso aconteceu na 5ª série.

A comunidade Jardim Mangueira surgiu de um processo de invasão e existe há mais de vinte anos. Eu moro nesta comunidade e sinto suas dificuldades, desde a falta de saneamento básico e infra-estrutura aos índices altíssimos de violência urbana. É uma comunidade carente da periferia. Esse é o elemento motivador do desejo de fazer um trabalho que ajude a mudar essa realidade de pobreza e de sofrimento, a começar pela consciência da população de que seus direitos e acessos precisam ser reivindicados.



A população do Jardim Mangueira é formada, em sua maioria, por mulheres. Dentre os principais problemas socioeconômicos enfrentados está o desemprego, a entrada de jovens no submundo do crime e um número assustador de jovens que engravidam precocemente, além dos índices absurdos de violência doméstica.

Quando tinha 19 anos e estava concluindo o Ensino Médio, uma amiga da Pastoral da Criança me convidou para ensinar jovens e adultos na comunidade.

O convite chegou no momento certo. Já separada de um casamento que durou três anos e meio, encontrava-me com muita dificuldade financeira. Aceitei o desafio! Desafio sim, pois aceitei com muito medo, não sabia como ensinar e, em especial, como lidar com as experiências de vida, as alegrias, as tristezas, os desafios, as decepções e, ao mesmo tempo, com uma enorme vontade de mudar, de dar qualidade de vida a esse público jovem e adulto também morador da minha comunidade. Na pastoral ensinei pouco tempo. O projeto fechou por falta de recursos.

Depois de alguns meses, fui convidada a ser educadora do Projeto Sal da Terra. Fui, inscrevi-me e fiz uma avaliação de linguagem e de matemática. Fui selecionada. Começava aí um novo desafio – aprender a aprender, aprender a pesquisar, aprender a conhecer, aprender a ser e a sonhar. A formação continuada do Projeto Sal da Terra me ensina a ser uma educadora de EJA até hoje.

Dentre os meus alunos, há empregadas domésticas, pescadores, vigilantes, auxiliares de serviços, desempregados, além de termos alunos com algum tipo de deficiência. Essas pessoas são exemplos de garra e vontade de aprender a ler e a escrever, principalmente “fazer o nome”. Elas enfrentam muitas dificuldades – cansaço, violência familiar e preconceito social,



como dificuldades na hora de buscar trabalho formal, de fazer matrícula do filho, de pegar o ônibus, ou mesmo de ir atrás de seus direitos.

Minha caminhada como educadora mudou toda a minha história, a começar pela relação com minha mãe. Estou aprendendo a ouvir mais e a descobrir os momentos e os modos certos de falar com as pessoas em geral. Estou aprendendo também a rever meus comportamentos, minha forma de expressão aprendida na infância. Afinal, “o que somos enquanto adultos é uma continuidade do que aprendemos quando crianças”. Como na minha casa nunca se pensou muito na importância do diálogo, da boa conversa e tudo se resolvia sempre por meio de confusões, nunca entendi bem como seria uma relação onde as pessoas pudessem falar dos seus sentimentos, dar suas opiniões e, por conseguinte, ouvir e compreender os sentimentos e opiniões do outro. Estou aprendendo a cuidar!

O trabalho com a EJA mudou a minha vida pessoal e profissional. Aprendi a valorizar os sentimentos, a respeitar o outro, a amar o próximo e a mim mesma. Aprendi a ser verdadeira, humilde e a saber aceitar as críticas que serviram e servem para ampliar o meu conhecimento e fazer o meu trabalho cada vez melhor. A minha inserção na prática educativa com EJA me fez ver com precisão a realidade de minha comunidade e aprendi a ensinar com amor, prazer e responsabilidade.

Meu trabalho segue também na direção da recuperação da autoestima, da autoconfiança, pois “a condição socioeconômica deixa marcas muito fortes naqueles que estão na condição de exclusão”.

A partir do trabalho temático desenvolvido em sala de aula junto com os alunos, refletimos nossa realidade de comunidade, levando esses novos saberes e iniciativas para fora da sala de aula, onde as mudanças precisam acontecer. Visitando as famílias como agente de saúde, faço um trabalho que une os campos da saúde e educação. Juntos, eu, meus alunos e as



famílias atendidas vamos tomando coragem de mudar nosso modo de viver, enfrentando os problemas do dia-a-dia. Assim, com ações de autonomia, a auto-estima e a autoconfiança vão entrando na vida de cada um.

Seguir em frente neste sonho, nem sempre é o que acontece. Alguns evadem justamente por não mais acreditar que podem aprender, que podem se inserir, que podem conquistar seu lugar de cidadão com direitos e dignidade. O primeiro passo é sempre ajudá-los a crer que essa situação pode ser mudada.

O Projeto Sal da Terra tem oferecido capacitação e formação continuada, justamente para que seus educadores, uma vez moradores destas comunidades, possam vislumbrar novos horizontes e aprender a desbravar o mundo do resgate da cidadania, por meio de um trabalho pedagógico consciente e formador de opiniões e ações críticas.

É com esse trabalho que criei coragem e força para lutar, colocando em prática as ações que são debatidas e refletidas nas reuniões da comunidade, como, por exemplo, incentivar a comunidade a participar das reuniões do orçamento democrático e lá expor suas idéias e opiniões.

Trabalho com educação porque foi por meio dela que aprendi a me importar com o próximo, colocar-me no lugar do outro e perceber que ainda posso ir além para mudar a realidade da minha comunidade. Meu maior projeto de vida é me formar em Pedagogia para continuar o meu trabalho cuidando do cuidador, pois acredito que é a dimensão do cuidado uns com os outros que promoverá a mudança no mundo.

Cuidar do outro é cuidar de si mesmo.

Ana Célia Monteiro da Silva Santana
Educadora de João Pessoa – PB



Renascer: minha experiência como educadora

Sou Maria das Dores, conhecida como Dora, uma morena clara, alta, 36 anos, casada e mãe de Gabriel, um lindo menino que hoje tem quatro anos de idade. Defino-me como uma pessoa meiga, amiga, solidária e compreensiva. Sou pobre, moro na comunidade periférica Santo Antônio, situada no município de Cabedelo, a 18 quilômetros da capital paraibana.

No ano de 2001, quando enfrentava com minha família um momento de grandes dificuldades financeiras, recebi do padre da minha paróquia o convite para ser educadora popular de jovens e adultos pelo Projeto Sal da Terra. Fiquei muito feliz e aceitei de imediato, pois essa seria uma oportunidade única para concretizar um sonho adormecido: alfabetizar jovens e adultos.

O trabalho de formação do Sal da Terra foi a oportunidade de alfabetizar aquele público e de me transformar. De renascermos juntos para o mundo.

O início da minha trajetória como educadora foi muito difícil. Os conhecimentos adquiridos no Ensino Médio, já concluído naquele momento, eram muito imaturos e insuficientes para desenvolver o processo de alfabetização com esse público em particular. Além disso, a timidez, a insegurança, o pessimismo, o medo e a baixa auto-estima eram pedras em meu caminho e me impediam de iniciar a caminhada pedagógica com mais firmeza e segurança. O medo maior ainda era de mergulhar no universo da aprendizagem, de ler a palavra mundo e descobrir o que não conhecia. A metodologia desenvolvida no Projeto Sal da Terra fez-me encarar esse grande desafio. Ao vivenciar a formação, pude perceber que seria



uma oportunidade pessoal de crescimento, de descoberta. Para mim, era impossível esta mudança acontecer. Tinha muito medo do novo, da interação, da comunicação, de expor meus pensamentos e minhas idéias... Eu era mesmo acostumada a viver no meu "mundinho" monótono.

Contei com a solidariedade, em especial, de uma das coordenadoras do Projeto. Ela me ofereceu o espaço de atendimento individual para que trabalhássemos juntas algumas dificuldades no processo pedagógico. Não raro, esse espaço me possibilitou momentos de aprendizagem e crescimento humano. Pude rever minha forma de expressão, meu desejo de ser mãe e pensamos juntas formas de concretizar esses desejos: resolvi adotar o meu filho do coração, pude perceber que existem caminhos diferentes para se resolver uma questão.

Existem formas diferentes de se viver e, melhor dizendo, de se viver feliz. Recuperei a vontade de acreditar, percebi que os sofrimentos de perda, dos problemas e constrangimentos familiares são vivenciados por outros tantos seres humanos. Eu me escondia nessas dores, vivia querendo "ser a salvadora da pátria", mas com a ajuda dessa "irmã-coordenadora-psicóloga-mãe" recobrei a força de viver, de acreditar que a vida vale a pena, com seus momentos tristes e felizes.

A partir daí fui construindo minha caminhada profissional e pessoal. As pedras foram ficando para trás, passei a ampliar meus conhecimentos, adquiri novas aprendizagens, as idéias ficaram claras, a auto-estima nem se fala. As mudanças aconteceram. Como? Adquiri maior facilidade de interagir, de expor idéias, de obter informações em diversos locais, de como saber usar a boa comunicação para que haja entendimento do que estou procurando saber. Melhorou a comunicação na família, na comunidade,



entre amigos, vizinhança e igreja; comecei a entender os telefonemas de pessoas que procuram pelo serviço de marceneiro do meu esposo.

É difícil descrever a mudança radical que aconteceu em minha vida, digo que renasci... Passei a ajudar também aos meus alunos a removerem pedras existentes em seus caminhos.

Os meus alunos foram excluídos do processo escolar quando criança. São eles moradores da comunidade, vendedores ambulantes, donas de casa, domésticas, biscateiros, serventes e pedreiros, além de desempregados.

Nosso trabalho proporcionou também várias mudanças em suas vidas, como, por exemplo, maior facilidade para pegar ônibus para outros bairros, tirar novos documentos, coragem e disposição para reivindicar melhoras de ensino na rede, capacidade de ajudar os netos a fazer as tarefas da escola, além de garantir uma fala mais cidadã nas reuniões de pais, no consultório do “doutor” e nas reuniões da comunidade. Ensinei cada um a mergulhar no universo da aprendizagem, como exercer seu papel de cidadão e construir sua própria cidadania.

As dificuldades sociais que enfrentamos em nossa comunidade muitas vezes atrapalharam os sonhos de ser alfabetizado de muitas pessoas. Dentre essas dificuldades merece destaque a bebida, as drogas e o desemprego. Lembro que, nesses seis anos de percurso no processo de EJA, muitos dos meus alunos conseguiram sucesso em sua trajetória, porém outros tantos se perderam no caminho — um foi brutalmente assassinado, dois estão no presídio, além de outras fatalidades, como um afogamento.

O Projeto Sal da Terra veio em minha vida como uma “luzinha” no fim do túnel, resgatou-me do fundo do poço e me ensinou que eu poderia



recomeçar, construir um mundo novo para viver e despertar meus talentos, como ser agente formadora e construtora de sua própria história.

Sempre tive a vontade de acordar minha comunidade, de fazer com que as pessoas tivessem outras experiências, mudassem de vida, acordassem para si e para o outro.

Essa trajetória me fez perceber que minha história não pára por aqui. Que tenho outros caminhos a trilhar. Foi com esta compreensão que me dei conta da necessidade de investir ainda mais nos meus estudos e, consequentemente, na minha formação profissional como educadora. Inscrevi-me para prestar vestibular para o curso de Pedagogia. Para minha felicidade e de todos que acompanham minha luta, fui aprovada e estou no primeiro período do curso, feliz por essa nova caminhada. Acredito que a partir dela poderei conquistar novas descobertas, ampliar os meus conhecimentos, garantir uma chance como educadora em outros ambientes de ensino, além de poder contribuir de forma mais eficaz e consciente na difícil realidade da minha comunidade.

Maria das Dores Costa do Nascimento
Educadora de Cabedelo – PB



Ensinando e aprendendo/aprendendo e ensinando

Eu sou Josélia Ramos da Silva, 37 anos, negra, mãe de dois filhos, casada, dona de casa e educadora popular. Nasci na cidade de Mamanguape, que fica a aproximadamente 55 quilômetros da capital João Pessoa – Paraíba. Desde maio de 1997, moro no bairro de Marcus Moura, cidade de Santa Rita, a 12 quilômetros da capital. Tal migração se deu devido às poucas condições financeiras: meu marido estava desempregado, então compramos o terreno e construímos a casa com o dinheiro de sua indenização, pois o local era pouco habitado e desvalorizado no mercado. Tivemos que arriscar!

Em outubro de 1998 foi inaugurado na comunidade um espaço onde algumas mulheres se encontravam com o objetivo de desenvolverem atividades como crochê, corte e costura e cozinha alternativa (cozinhar aproveitando os talos e cascas de frutas, leguminosas e verduras), além de trocar informações sobre o corpo humano, prevenção de doenças e promoção da saúde. Ao saber disso, inscrevi-me para aprender a habilidade manual do crochê. Chegando no grupo me deparei com a necessidade de uma pessoa para cuidar das crianças que as mulheres levavam e, espontaneamente, ofereci-me para o trabalho voluntário. Meu trabalho de alfabetizadora começou com os pequeninos: ajudava-os a escrever o próprio nome.

Um ano se passou e não terminei o babado do meu pano de prato. Faltou paciência e sobrou vontade de educar.

No ano seguinte, 1999, atendendo a um apelo das mães do curso, aceitei o convite para assumir a sala de EJA pela Pastoral da Criança. Essas mães tinham vergonha por não saberem assinar seus próprios nomes, de



terem que “pôr o dedo” no lugar da assinatura, e por não poderem ajudar seus filhos nas tarefas escolares. Elas disseram: “Se você ensinar, a gente estuda!”

Esse apelo me fez superar o meu medo. Iniciei com quinze alunos, treze mulheres; depois chegaram dois homens para diversificar o grupo. À medida que eles aprendiam, passavam a experiência para seus vizinhos e amigos, que, aos poucos, foram se somando ao grupo. No início, senti-me insegura por não ter um diploma de professora.

No ano 2000, recebi um novo convite, agora da coordenação do Projeto Sal da Terra, para fazer parte do grupo dos professores. Ao iniciar o processo de formação, percebi que teria de fazer um trabalho diferenciado: além de ensinar os alunos a ler e a escrever as palavras, teria de desafiá-los a ler e a entender o mundo, seu espaço, seus direitos e deveres; e mais, a descobrir meios de lutar por eles. Assim, tornei-me sujeito ativo junto com meus alunos. Partii de seus conhecimentos (dos meus conhecimentos), sistematizei o que já sabiam (o que eu sabia) e, com a formação e minhas pesquisas, ampliei seus conhecimentos (meus conhecimentos).

Crescemos juntos: aprendi a falar, a ouvir mais! Entrei no processo... Tornamo-nos independentes: eles hoje vão ao supermercado ou às lojas sem os filhos; lêem os preços e fazem suas compras e contas; podem fazer ligações telefônicas; lêem os recados da patroa; aprenderam a importância de votar; e outros cursam a 4ª série do Ensino Fundamental. Esses são alguns frutos desse nosso trabalho. Educador e educando trocando saberes e a coordenação ampliando.



Carrego na mente e no peito muitas histórias de sofrimento. É triste ouvir as dores de tantas mães. E me pergunto: Fazer o que, além de abraçá-las? Essa é a minha realidade.

Na minha história de educadora nem tudo são flores. As dificuldades são muitas, pois atuo e vivencio junto com meus alunos a realidade de uma comunidade periférica, onde a violência é constante e a presença de problemas sociais como bebidas e drogas atingem a todos nós. Esses fatores me fizeram perder alguns dos meus educandos: é morte, é juramento, necessidade de mudança, é doença, é a necessidade de sobrevivência que fala mais alto – alguns só voltam para casa de oito em oito dias.

Mas, juntos, vamos lutando por mudanças. Superamos o cansaço do dia de trabalho. Os debates temáticos levaram-nos a crer novamente e a ver uma luz no fim do túnel: tornaram-se negociantes, compram e vendem roupas, abriram seus fiteiros, reorganizaram seus negócios considerando a relação custo-benefício, vendem din-din...¹ Sinto-me desafiada a fazer um trabalho bem feito e sinto-me realizada quando o aluno se descobre lendo, escrevendo, tomando suas próprias decisões e tendo autonomia nas suas ações dentro da família, no trabalho ou nas alternativas de sobrevivência.

Minha ação como educadora se estende a outros trabalhos na comunidade. Participo dos movimentos sociais e ações populares. Lutamos pela não-violência, fazemos ações contra toda forma de discriminação e racismo, além de reivindicar melhorias na área de educação, saúde, transporte e infra-estrutura (saneamento básico). Trabalho voluntariamente em uma associação de mulheres, ora como participante, ora agente multiplicadora,

1 Variante lingüística para “geladinho”



fazendo palestras sobre saúde, DST's,² AIDS, ecologia, gênero, sexualidade, questões de raça, cor, etnia, especificamente com a valorização do ser mulher negra. É nesses espaços que dou vida a tudo que aprendo nas formações enquanto educadora popular de EJA.

É na esperança de igualdade social que estou no meu espaço somando forças com outras pessoas que acreditam, como eu, em um mundo mais justo.

Estou até agora, 2006, no Projeto Sal da Terra e a cada dia aprendo mais e procuro construir os saberes junto com meus alunos, com minha comunidade, com muita paciência e muito amor.

Josélia Ramos da Silva
Educadora de Santa Rita – PB



² Doenças sexualmente transmissíveis

Na Roda de Prosa

Com poesia também se faz alfabetização

Histórias de Educadores e Educadoras



Aprendendo com a vida

Na década de setenta
Que chegou o grande dia
Na manhã do mês de julho
Este lindo ser nascia
No olhar de minha mãe
Só sorriso é o que se via
Meu pai e toda família
Desfrutavam alegria.
O meu nome por meus pais
Desde o início foi pensado
Foi eleito pelos dois
Bem antes de ser gerado
Minha mãe ex-cozinheira
Conheceu alguém no passado
Por ser ele um bom rapaz
Por Danilo eu fui chamado
Nasci em uma casa humilde
Mas lá fui bem educado

Cresci com minha família
Num sítio bem recantado
Sempre fui um bom aluno
Tinha sempre meus cuidados
Mas por minhas energias
Varadas em mim foi dada.
O tempo assim foi correndo
Sempre colhendo e plantando
Nas horas vagas da vida
Eu estava estudando
Até que um dia na história
Alguém estava convidando
A aceitar um desafio
Trabalhar com educando
Sem formação para isso
Fomos nos adaptando
Aprendendo com a vida
E aos alunos ensinando

Como tudo sempre passa
Também isso foi passando
Fui perdendo a insegurança
Experiência fui pegando
Sou feliz pelo que faço
Jovem e adulto ajudando
Estou em busca de ideais
Vou continuar lutando.

Danilo Miranda
Educador de Mato Rico – PR



Caminhada

Minha vida tão vivida
Com tantos momentos afins
Ora com dias compridos
Ora com noites sem fim.
Desafios, barreiras e obstáculos
Tudo indicando o fim.
Mas, no entanto, a persistência
Mostra que não é bem assim.
Acreditar, lutar, superar e não se abalar
Eis os ingredientes para a tarefa começar.
Cansaço e desânimo quase sempre estão presentes
Mas logo se tornam ausentes, perante a compensação
Que o educando nos dá, de repente!
Viver e alfabetizar é assim...
Uma busca constante que jamais terá fim.
E que sempre acontecerá num dilema sem fim.
Ah! O fim? Esse não existe, pois ele vem depois de mim.
Assim eu vou e ele fica, procurando seu próprio significado
No caminho que vai sendo traçado
Por todos e por mim!



Vanusa Amaral de Souza
Educadora de Céu Azul – PR

Estudar

Há tanto tempo estudei
Mas de algo me lembrei
Quando pequenina eu era
Injustiçada eu fui
Pois era quietinha e mal me expressava
E alguns meninos que de brincar gostavam
Perto de mim se sentaram
E suas malcriações começaram:
Papéis jogaram
Alto falaram
E chegaram a xingar
E quando a algazarra descoberta foi
Para mim veio a sobrar
Pois eu não disse nem quem era

De vergonha que sentia
E a culpa ficou para mim
De nervosa que ela ficou
Uma vara ela pegou
E em mim ela acertou
Um vergão vermelho e doído
Por fim ficou
Recordo-me também de quando
Em minha quinta série
Reprovada eu fui
Mas no outro ano
Tanto que estudei, recompensada eu fui
Pois de “menina dos meus olhos”
Pela minha professora chamada eu fui.

Lucinéia da Silva
Educadora de Barbosa Ferraz – PR



Verso

Bruna significa escura
Luta com brandura
Sem medo de aventura
Mas cheia de ternura
Para viver sem amargura
Uma vida com conduta e segura

Bruna Patricia Peniani do Prado Silva
Educadora de Douradina – PR



Fazer acontecer

Erivaldo é nome forte
Que mostra dedicação
Estando sempre presente
No Paraná Alfabetização
Levando conhecimento
A quem precisar
Erivaldo fez um levantamento
Para o município alfabetizar
Trabalho numa simples vila
Onde todos querem aprender
É numa pequena e simples sala
Onde se faz o ensino acontecer

Erivaldo Miranda de Freitas
Educador de Ivaté – PR



Era uma vez...

Uma menina sonhadora
Uma linda paisagem
Lanche na mochila
Orvalho no atalho
Dois mil metros de chão
Uma escola de madeira
Uma oração
O alfabeto
E um mundo que começa a ter
[sentido!
Quatro anos a pé
Que alegria
Quatro turmas numa salinha
Quanto chamar a atenção
Uma professora idosa
Na sala empoeirada
Uma régua de madeira na
[mão
Hitler em forma de mulher
Boas intenções
Com certeza ela tinha

Nós, esperanças
Passar para a quinta série
Seria na cidade
A continuação daquela
[trajetória
Lotação, paisagens, lombadas
Opa! Quanta diversão!
Para muitos o sonho ficava
Na carteira empoeirada da
[escola
Daquela sala multisseriada
Da professora “sabe-tudo”
Do aluno “não sabe-nada”
Eu queria mais...
O colégio grande...
Que sonho de biblioteca!
Ah, como eu degustava
Livros com sabor de
[conhecimento!
Agora eu tinha Monteiro
[Lobato

José de Alencar, Drummond e
[sonhos!
Anos bons...
O sonho continuava
A faculdade
O sonho de ser mais
Ser útil
Mudar tudo!
Mas deixar vivo o sonho...
Compartilhar o conhecimento
Para que o mundo faça sentido
A outros que não tiveram
A mesma sorte que eu
Uma professora chata,
Outra sonhadora
Outra motivadora
Motivo de eu estar aqui hoje!

Marli Vidal Teixeira
Educadora de Corbélia – PR



Minha história em quadrinhas

Quando tinha nove anos
Tive muito que chorar
Minha mãe me falou:
– Você vai para a cidade estudar.
Saí da casa dos meus pais
Morar com quem não conhecia
Sentia muitas saudades
Queria ir embora todo dia.
Minha mãe não aceitava
Me obrigava a ficar sem temor:
– Meu sonho é que você seja
Um belo professor!
Sem ter opção
Tive que aceitar
Até que o segundo Grau
Conseguí terminar.

Para ajudar nas despesas
Até em serraria trabalhei
la para a aula cansado
Até a ponta de um dedo atorei.
Terminei o segundo Grau
E um concurso já fiz
Passei e comecei a dar aula
E hoje sou um homem feliz!
Depois de alguns anos
Fiz o curso de Pedagogia
Que foi para mim
Uma enorme alegria!
Num determinado ano
Com a sexta série trabalhei
Conheci uma bela aluna
Que de cara já amei!

Dois anos depois
Já era minha mulher,
Continua sendo até hoje
E para sempre se Deus quiser.
Sempre trabalhei com crianças
Agora os adultos são minha
[missão
Estou com minha esposa em
[Faxinal
Para este programa de
[alfabetização.
Vir até Faxinal do Céu
Marca muito uma pessoa
E quando vem com a esposa
Oh! Que coisa boa!

Jeferson Alves Pires
Educador de Fernandes Pinheiro – PR



Minha alfabetização

Cartilha “Caminho Suave”

Sala multisseriada

Merenda feita pela molecada

Lição era decorada

Ler eu não sabia

Quem me ajudava?

A “tia”!

E hoje é luz

Que me ilumina!

Estou realizada

Vivendo o sonho que desejava

Ser professora atualizada

Transformando vida

Que diz não saber nada

Mas essas vidas trazem

Muita bagagem

Para ser trabalhada!



Lucinês Fernandes Pizzaia
Educadora de Umuarama – PR

O educador

Era um homem paciente que sabia ouvir os
[lamentos
Das pessoas mais humildes que não tinham
[conhecimento
Orientava seu povo em tudo o que podia
Pois conhecia de perto o quanto ele sofria
Na busca de solução para resolver seus problemas
Em tudo eram barrados e resolver era o lema
Como bom orientador daqueles que o procuravam
Com sua sabedoria informações ele dava
Era um homem do povo, defendia a igualdade
Sabia ouvir a todos com capricho e sem maldade
Pelo golpe militar teve o trabalho interrompido

Só por querer melhorar a vida dos oprimidos
Um ser sensível e paciente que sonhava com
[mudança
Tudo o que ele fazia era com amor e esperança
Queria que o seu povo conhecesse seus direitos
Sabendo reivindicar para encontrar um jeito
Ele ficou conhecido quase que no mundo inteiro
Pela sua competência, por ser um grande guerreiro
Seu nome sempre é lembrado
Por seu prestígio, sua história
Conhecimento e saber
Paulo Freire em memória.

Ana Elizia de Oliveira
Educatória de Rosário do Ivaí – PR



Minha infância

Passei a minha infância
No interior de Minas Gerais
Morava com meus irmãos
E também com meus pais.
Numa casa simples
Feita de barro e sapé
Isso ficou em minha lembrança
Mas éramos felizes no tempo de criança.
Nossa brincadeira preferida
Era escorregar ladeira abaixo
Sentados em um papelão
Com minhas amigas queridas.
Isto está gravado em meu coração
A muito tempo atrás
Recordo com emoção
Das lembranças que não esquecerei jamais.

Maria Madalena Lopes
Educadora de Umuarama – PR



Sem tema

Sou uma pessoa alegre
Gosto muito de falar
Mas quando fico emocionada
Palavras não consigo achar.
Pensei de várias formas
Como fazer um poema
Acontece que me emocionei
E não encontrei nem o tema.
Agora lendo e relendo com calma
Com grande emoção na alma
Vi que mesmo não tendo tema
Acabei fazendo um poema!

Rosângela Aparecida Marques Gomes
Educatória de Santo Antônio da Platina – PR



Eu era, eu sou

Assim como tanta gente, eu era diferente.

Muito inteligente...

Esperta, curiosa e contente.

Lá vou eu para a escola.

A professora percebeu:

– Menina, use a outra mão!

– Não vou usar não!!!

Meu pai disse que posso escrever com essa.

Primeira, segunda, terceira série...

Com a mão “errada”...

E lá veio novamente a professora:

– Menina, muda de mão.

– Não vou mudar não!!!

A professora insistiu:

– Você um dia vai fazer cursinho e as carteiras são todas do lado direito. E aí???

– E daí??? Dou um jeito.

Não tinha outro jeito!!!

Toda vez que entro numa sala, com tantas carteiras e nenhuma do lado esquerdo, eu penso:

– Eu sou diferente, mas sou igual a tanta gente!!!



Salete Mazzarão Guietti
Educadora de Jussara – PR

Minha história

História de alegria e emoção
Começou quando Maria encontrou João
Aconteceu a cinqüenta e sete anos atrás
Eles ainda jovens não sabiam que seriam meus pais
Namoraram um bom tempo
Em cinqüenta e quatro se uniram em casamento
Os dois seguindo a mesma trilha
Começou aí uma nova família
Continuando o progresso a alegria
Um ano mais tarde nasceu Maria Luzia
Para a história prosseguir
O segundo que nasceu foi José Acir
O terceiro que veio a existir
Recebeu o nome de Luis Adir
O quarto filho é de saudosa memória
Ainda criancinha foi morar na Eterna Glória
Era a quinta filha que vinha
Recebeu o nome de Terezinha
Numa seqüência de emoção
O sexto que nasceu foi o Sebastião
A família como um sonho a evoluir
Fui o sétimo a nascer: sou Antonio Ivair
Os pais com devoção e muita fé



À oitava filha deram o nome de Maria José
A família é grande e a história não acaba aqui
A nona que nasceu recebeu o nome de Rosi
No ano dois mil tornou-se religiosa de Perpétua Consagração
Passou a chamar-se irmã Maria Fabiana da Sagrada Paixão
Décimo que veio com os demais interagir
Foi o último a nascer com nome de Pedro Valdir
Essa é a minha família; pais, eu, irmãs e irmãos.
Juntos fazemos uma história de progresso e união
Em tudo aquilo que faço, tenho sempre boa intenção
Espero estar colaborando de alguma forma com a educação
Não sou melhor que ninguém, mas procuro ser diferente
Pois cada um pode mostrar o quanto é inteligente
Com sete anos entrei na aula e logo aprendi a ler
Holanda, a primeira professora, me ensinou a escrever
Mais tarde fui estudar em uma vizinha cidade
Porque alimentava um grande sonho de ser ordenado padre
No Seminário fiquei por quatro anos seguidos
Em 1988 eu voltei para casa porque estava decidido
A vocação de Sacerdote nunca em mim havia existido
Houve muito crescimento, quatro anos foram muito bem vividos
Sempre gostei de atuar, quando a causa é solidária
Logo reuni o povo em uma associação comunitária
Aí tomei a decisão, ninguém mais me calaria
Com razão ou com sofrimento a todos levo alegria



Em 1990 comecei a lecionar
Foi meu primeiro emprego onde continuo a trabalhar
Trabalhando e estudando, minha luta continuei
Em 1991 foi o ano que eu casei
Para alegria que ainda eu não tinha
No ano de 1993 nasceu a filha minha
Em 1998 mais um sonho realizei
O segundo padrão de trabalho por concurso conquistei
Em todo esse período passei por muitas dificuldades
Mas teve momento feliz e esta é a realidade
Conclui o Magistério e também a faculdade
São momentos de vitória, de conquistas e saudade
No ano de 2005, no Paraná Alfabetizado comecei
A decisão está tomada, e tão fácil não desistirei
Porque em qualquer lugar que eu estiver, aprender e ensinar eu poderei
Neste ano o Programa Paraná Alfabetizado
Em Fernandes Pinheiro, está sendo bem trabalhado
Município foi escolhido para analfabetismo superar
Somos uma equipe unida para o objetivo alcançar
Comecei com quinze alfabetizando e com doze terminei
Hoje estou muito contente pelo resultado que alcancei
Com rima, música, poesia e paródia foi assim que trabalhamos
Nos encontros de mobilização nossas paródias apresentamos
No diálogo do dia-a-dia palavras-chave vão aparecendo
E o complemento de cada verso a gente vai escrevendo



Quando tudo está completo é só as estrofes montar
Escolher a música conhecida e na melodia adaptar
Alfabetizando este ano, está feliz meu coração
Como alunos tenho uma tia, minha mãe, dois cunhados e dois irmãos
Dessa forma que trabalho é grande a emoção
Porque ensinando a ler e a escrever me realizo na profissão
Na seqüência dos fatos, tudo tem o seu momento
No começo de 2006, a esposa foi embora, acabou o casamento
Mas a luta continua não reclamo nem lamento
Meu conceito de felicidade é viver bem cada momento
Vivo bem cada minuto, como se fosse o último da vida
Quando existe um problema sempre encontro uma saída
Já superei grandes obstáculos sempre de cabeça erguida
A quem ler esta história desejo sucesso na vida
Vivo eu e minha filha e temos felicidade
Não sou uma ilha, gosto de fazer novas amizades
Da maneira que vivemos, entre nós há harmonia
Em qualquer lugar que estamos, irradiamos alegria
Superamos os problemas, as dores e as fobias
Trabalhamos, dançamos, estudamos e oramos todo dia
E assim vamos construindo nossa história em forma de poesia.

Antonio Ivair Vieira dos Santos
Educador de Fernandes Pinheiro – PR



Referências

BIBLIOTECA DIGITAL PAULO FREIRE. Disponível em: < www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/principal.jsp > Acesso em: 14 maio 2009.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite**. São Paulo: Ática, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KRAMER, Sônia. **Por entre as pedras**: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1993.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Portal Dia-a-dia Educação. **Coordenação de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos**. Disponível em: < www.diaadia.pr.gov.br/dedi/cajai > Acesso em: 14 maio 2009.

_____. Secretaria de Estado da Educação. Portal Dia-a-dia Educação. **Paraná Alfabetizado**. Disponível em: < www.paranaalfabetizado.pr.gov.br/> Acesso em: 14 maio 2009.

_____. Secretaria de Estado da Educação. **Um Dedo de Prosa - Livro do Educando**. Curitiba, 2006.

_____. Secretaria de Estado da Educação. **Um Dedo de Prosa - Livro do Educador**. Curitiba, 2006.

SIMPÓSIO ESTADUAL DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS, 1., 2005, Faxinal do Céu, PR. **Anais...** Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Educação, 2006.

Índice

A

- A educação é indispensável , 144
- A história continua, 87
- A hora de ir para a escola, 50
- A locomotiva, 123
- A vida não foi fácil , 85
- Ajudando a escrever o futuro de minha gente, 141
- Alfabetização, trabalho gratificante, 84
- Alfabetizar, uma experiência nova!, 65
- Amorosidade, 73
- Aprendendo com a vida, 173
- Aprendi com meu pai a ser honesta, 147

C

- Cada aula é uma aula, 81
- Cada turma é o lar de amor que nunca tive, 125
- Caminhada, 174
- Caminhos percorridos, 148
- Caracterização dos sonhos, 94
- Cidinha, 41
- Com meu povo eu me realizo!, 53

- Conflitos, 37
- Contando nos passos de um a cem, 44
- Cuidando do cuidador, 159

D

- Direito roubado, 103
- Doces e amargas lembranças, 69
- Doces lembranças, 91
- Durante o dia na roça e, à noite, estudar, 63

E

- Eles aprendem e me ensinam a ensinar, 60
- Elo quebrado, 48
- Encarar o preconceito , 112
- Ensinando e aprendendo / aprendendo e ensinando, 167
- Ensinar é viver, 143
- Entre vitórias e experiências, 151
- Era uma vez..., 178
- Escola como fator de sobrevivência, 157
- Estudar, 175
- Eu era, eu sou, 184

Eu trabalho assim, 33
Experiência que deu certo, 122
Experiências de educação popular, 51

F

Fazer acontecer, 177
Fazer e contar histórias, 136
Foi assim, 108
Foi bem assim..., 138

H

História da minha alfabetização, 61
História de Antonio, 19
História de uma alfabetizadora, 106
História de vida, 142

I

Impressões de meu tempo escolar, 46

J

Joana francesa, 40

L

Lampião a gás, 66
Lembrança, 105

M

Meu objetivo: estudar, 67

Meu pai, meu alfabetizando, 121
Meu primeiro aluno, 30
Minha alfabetização , 180
Minha história, 185
Minha história em quadrinhas, 179
Minha história profissional, 76
Minha infância, 182
Minha triste alegre história, 24
Minhas férias, 135
Momento marcante de minha alfabetização, 104

N

Na sala de aula, 120
Não apenas ler palavras..., 152
Não desistir dos sonhos, 132
Nossa história, 92

O

O bolo de minha filha, 129
O caminho nada suave da cartilha, 36
O educador, 181
O educando é a essência do perfume da aprendizagem, 134
O fato que mais me marcou, 96

O meu lugar, 117

O retrato da conquista , 146

Olhar diferente, 89

P

Palavras dos sonhos, 49

Para aprender muito mais , 118

Pegava o carvão e escrevia nas paredes, 58

Por que se vive e por que se aprende, 45

R

Recomeçar a cada dia, 82

Renascer: minha experiência
como educadora, 163

S

“Santo Anjo do Senhor...”, 54

Sem tema, 183

Ser educador, 154

Ser professor é uma grande
responsabilidade, 110

Sonho de ser professora, 130

Superar o analfabetismo, 75

T

Tantos anos de minha vida..., 38

Tenho minha mãe como educanda , 140

Tenho muito que aprender, 116

Tudo se torna possível quando se faz
com amor, 150

U

Um dia, uma escola rural!, 57

Um nome forte , 131

Um novo desafio, 77

Um novo tempo, 43

Um pouquinho da minha história, 114

Um sonho oculto, 79

Uma experiência diferente, 71

Uma vida, muitas lutas e vitórias, 98

V

Verso, 176

Vida, 115

Vida minha, 39

Vivendo e aprendendo, 127